

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

SUELI PAIVA DOS SANTOS

**RESSONÂNCIAS DO DISCURSO DO PRESIDENTE MICHEL TEMER
PROFERIDO EM 2017 EM HOMENAGEM AO DIA DA MULHER: MISOGINIA E
FEMINISMO EM CONTRADIÇÕES**

GOIÁS
2020

SUELI PAIVA DOS SANTOS

**RESSONÂNCIAS DO DISCURSO DO PRESIDENTE MICHEL TEMER
PROFERIDO EM 2017 EM HOMENAGEM AO DIA DA MULHER: MISOGINIA E
FEMINISMO EM CONTRADIÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Língua e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges.

GOIÁS

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

S237r Santos, Sueli Paiva dos

Ressonâncias do discurso do presidente Michel Temer proferido em 2017 em homenagem ao dia da mulher : misoginia e feminismo em contradições [manuscrito] / Sueli Paiva dos Santos. – Goiás, GO, 2020.

105f.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Análise do discurso. 1.2. Discurso político.
2. Gênero - feminismo e misoginia. I. Título.
II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'42 (817.3)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE
DEFESA - 27 DE FEVEREIRO DE 2020
BANCA EXAMINADORA

1) Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges – UEG/POSLLI (Presidente)

2) Prof. Dr. Thiago F. Sant'Anna – UFG (Membro externo)

3) Prof. Dr. Hélio Frank de Oliveira – UEG/POSLLI (Membro interno)

4) Prof. Dra. Luana Alves Lutermam – UEG/POSLLI (suplente)

5) Prof. Dr. Agostinho Potenciano – UFG (suplente)

Dedico esta pesquisa a todas as Mulheres do Brasil que (sobre) vivem em um país alicerçado pelo patriarcalismo envolto em uma grossa camada de machismo e misoginia. Um país que ainda persiste na desigualdade salarial entre homens e mulheres que realizam a mesma função, um país que tem o maior índice de feminicídio já registrado e que a cada dia, emergem das sombras discursos de ódio contra mulheres sejam elas brancas ou negras, homo ou heterossexuais, novas ou velhas.

Dedico às mulheres que “sacodem a poeira” e renascem das cinzas assim como uma fênix, àquelas que tem medo de sair sozinhas à noite por causa de risco de estupro e ainda de ser culpabilizada pelo comprimento da roupa que usa. Dedico às filhas indesejadas que nascem e que têm que provar para cada ser a que veio, que o seu lugar é no topo, é na universidade, na direção, é na política e onde mais ela quiser.

Enfim, dedico essa pesquisa à minha filha Lara Gabrielle, para que ela possa, um dia, ler e se orgulhar da mãe corajosa e guerreira que teve, para que Lara possa ser uma dessas mulheres que conquistam seu lugar ao sol, que fazem acontecer e que mostram que a força feminina é muito mais que mi mi mi, e precisa de muito mais do que da “compreensão dos homens” para existir, precisam se (re) conhecer e se (re) construir a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos aos professores participantes da banca de qualificação e da banca de defesa HÉlvio Frank de Oliveira e Thiago F. Sant'Anna que tão gentilmente leram o meu trabalho e acrescentaram valiosas contribuições para que fosse melhorado até o momento da defesa.

Ao meu orientador Guilherme Figueira Borges que de uma forma tão delicada soube me orientar durante esses dois anos de mestrado tendo o cuidado de sempre respeitar a pesquisa à qual me propus e que de uma maneira tão doce me estendeu a mão para que a sementinha de possibilidades de voos mais altos fossem plantadas em mim, fazendo-me acreditar no que antes parecia impossível.

Sinceros agradecimentos à Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, com seus professores empenhados em melhorar a formação acadêmica dos profissionais da Cidade de Goiás e adjacências que correram atrás e trouxeram um curso de pós-graduação *stricto sensu* para a nossa região possibilitando, assim, a formação continuada para tantos estudantes.

Agradeço ainda às minhas companheiras mestrandas da turma de 2018, pois, de uma forma inédita, tivemos uma turma composta só por mulheres. Mulheres especiais, fortes, guerreiras que lutam por seus sonhos e buscam a realização deles. Juntas sorrimos e choramos, nos desesperamos, superamos dores e decepções, mas, cada uma, no seu tempo, venceu ou ainda vai vencer suas batalhas para concluir esse tão almejado curso.

Agradeço, de uma forma especial, à minha família, por estarem comigo em todos os momentos e me darem força para superar as adversidades e ainda, por não medirem esforços para me acompanhar nas aventuras acadêmicas às quais me proponho.

*“(...) Ela sabe da sua beleza
Mas sabe que sua beleza
Não é nada pois sua simplicidade
é sua fortaleza
Ela voa sem asas
Encara a correnteza
O mundo é sua casa onde ela senta põe o pé na mesa
Limpando a maquiagem de frente pro espelho
Mergulha na tristeza amarga do olho vermelho
Ela é cortante fino
Cerol até na mão
As outras falam dela
Ela nem sabe quem as outras são
Ela é porrada e bomba
É ra-tá-tá pipoco
Ela comprou o mundo a vista tá esperando o troco
Ela acordou disposta a ser melhor que ontem
Ela vive as histórias pra que os outros contem ‘(...)”*

Mulher feita¹
Projota

¹ Música do estilo *rip rop/rap* do cantor brasileiro Projota lançada em 2017 no álbum *A milenar arte de meter o louco*.

RESUMO

SANTOS, Sueli. **Ressonâncias do Discurso Do Presidente Michel Temer proferido em 2017 em homenagem ao Dia da Mulher: Misoginia E Feminismo Em Contradições**. 2020. 105 p. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

Fundamentado pelos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho objetiva analisar a mobilização discursiva promovida pelo então Presidente da República Michel Temer ao proferir um pronunciamento em homenagem ao dia da mulher em oito de março de 2017 e analisar também comentários de internautas publicados em página do *Youtube no qual o vídeo foi divulgado*, considerando-os ressonâncias discursivas. Pretende-se identificar o referencial misógeno presente no referido pronunciamento do presidente e demonstrar como ocorre a inscrição ao feminismo a partir de tal evento. Além disso, intenta-se demonstrar as incoerências discursivas representadas no *acontecimento*, teoria foucaultiana de representação de irrupções discursivas construídas por meio da relação de sentido produzida. Para tanto, a pesquisa se insere na metodologia de análise do campo da AD francesa, se ancorando, principalmente, em noções acerca do machismo, de acordo com Pierre Bourdieu (1989) (2018), em discurso e história para Michel Foucault (1987) (1988) (1996) (1997) (2000) (2002) e nos pressupostos de Judith Butler (2017) para compreensão do movimento feminista e suas interfaces. Intenta-se por meio da análise pautada em AD de linha francesa contribuir acerca dos estudos discursivos que desvendam o domínio do gênero masculino sobre o feminino, caracterizado pela masculinidade hegemônica na sociedade e demonstrar as inferências misóginas e machistas ideologicamente constituídas e instauradas sócio-historicamente. Como resultados dessa pesquisa podemos afirmar que a questão que se propôs nesta pesquisa trouxe à tona noções interpretativas baseadas nos postulados na Análise do Discurso de linha francesa demonstrando como as condições de produção dos enunciados podem emergir na sociedade como um todo, pois, consideramos que um falar precede um fazer e é assim que os estereótipos inferiorizantes em relação às mulheres e suas colocações no mercado social se retroalimentam em busca da manutenção da hegemonia masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Michel Temer. Dia da Mulher.

ABSTRACT

SANTOS, Sueli. **Resonances of President Michel Temer's Speech delivered in 2017 in honor of Women's Day: Misogyny And Feminism In contradictions**. 2019. Preliminary version of the dissertation (Master of Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina campus, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020, 105 p.

Founded by the assumptions of the Analysis of the French line, this work aims to analyze the discursive mobilization promoted by the then President of the Republic Michel Temer when giving a speech in honor of the women's day on March 8, 2017 and also analyzing comments from internet users published on a Youtube's website on which the video was released, considering the discourse resonances. The aim is to identify the misogynistic framework present in the president's pronouncement and to demonstrate how the inscription to feminism occurs from such an event. In addition, it's intend to demonstrate the discursive inconsistencies represented in the event, Foucault's theory of representation of discursive eruptions constructed through the produced relation of meaning. To this end, the research is part of the methodology of analysis of the field of French AD, based mainly on notions about machismo, according to Pierre Bourdieu (1989) (2018), in discourse and history for Michel Foucault (1987). (1988) (1996) (1997) (2000) (2002) and Judith Butler's (2017) assumptions for understanding the feminist movement and its interfaces. It is required through the analysis based on French AD to contribute about discursive studies that unravel the dominance of the male gender in the female society and demonstrate the ideologically constituted and socio-historically established misogynist and machista inferences. As results of this research we can affirm that the question proposed in this research brought to light interpretative notions based on the postulates in the French Line Speech Analysis demonstrating how the production conditions of the statements may emerge in society as a whole, therefore, we consider that a talk precedes a do and this is how the inferiorizing stereotypes in relation to women and their placements in the social market retrofeed in search of the maintenance of the masculine hegemony.

KEYWORDS: Discourse analysis. Michel Temer. Woman's Day.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Comentários diversos -----	24
Figura 2 Comentário 2-----	33
Figura 3 Relações enunciativas-----	52
Figura 4 Esquema sinóptico das oposições pertinentes-----	60
Figura 5 Efeitos de sentido-----	68
Figura 6 Comentário 3 Fragmento M1-----	78
Figura 7 Comentário 4 Fragmento M2-----	79
Figura 8 Comentário 5 Fragmento M3-----	79
Figura 9 Comentário 6 Fragmento MG1-----	83
Figura 10 Comentário 7 Fragmento MG2-----	83
Figura 11 Comentário 8 Fragmento F1-----	87
Figura 12 Comentário 9 Fragmento F2-----	87
Figura 13 Comentário 10 Fragmento F3-----	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CADEIA DE ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS: UMA NARRATIVA DA VIDA REAL	17
2.1	Jogo de dispersão dos enunciados	23
2.1.1	<i>Bênção ou maldição: as relações de poder e resistência feminina no Brasil Colônia</i>	25
2.1.2	<i>A contemporaneidade do ser feminino</i>	27
3	UMA QUESTÃO DE REGULARIDADES	34
3.1	Conceitos de discurso – Apegos da AD francesa	35
3.1.1	<i>Discurso e Poder: uma relação emblemática</i>	49
3.2	Condições de Produção – Impeachment	53
3.2.1	<i>A ordem do poder viril</i>	56
4	BASES TEÓRICAS E ANÁLISE DO DISCURSO DE TEMER	62
4.1	A história do referencial misógino	62
4.2	A “homenagem” repressora como estratégia política disciplinizadora	67
5	RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS	76
5.1	Comentários machistas	78
5.2	Comentários misóginos	82
5.3	Comentários feministas	86
5.3.1	<i>A legitimação feminina da dominação</i>	91
5.4	Outras ressonâncias: Interdiscursos atuais e polêmicos	93
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	98
	ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO DE MICHEL TEMER	102

1 INTRODUÇÃO

As conquistas das mulheres ao longo de décadas de lutas sociais por direitos inscrevem-nas em um contexto social que não mais concorda, ou mesmo admite, discursos machistas e misóginos ainda presentes na sociedade como um todo. Vale ressaltar que isso não é uma variável constante, pois, por vezes, as mulheres que se identificam como feministas se encontram em situações que acabam por inscrevê-las em um contexto machista, muitas vezes de modo inconsciente, ou seja, como reprodução de uma maciça cultura falocêntrica² ainda não totalmente destituída de seu poderio.

Nessa perspectiva, as condições de produção sócio-históricas específicas de uma ordem discursiva produzem enunciados distintos que se contrapõem ou não, conforme a formação discursiva dos enunciadores. Tal fato se justifica devido ao histórico das Mulheres em uma sociedade que as limitavam - e ainda as limitam - ao trabalho doméstico e à criação/educação dos filhos. Nesse sentido, a busca das Mulheres pela igualdade de direitos instaura um contexto de vontade de saber recorrentemente negada pelos sujeitos. Nota-se que o emprego do termo “Mulheres” busca um envolvimento das Mulheres enquanto seres políticos e, portanto, histórico-sociais para assim, tentarmos ampliar a discussão acerca das práticas discursivas silenciadoras das mesmas.

Nesse sistema de exclusão, se concentra boa parte do discurso de Michel Temer em relação às mulheres. O pronunciamento do dia oito de março de 2017, assim considerado discursivo à medida que se trata de um conjunto de enunciados formados a partir de uma regularidade discursiva em meio à dispersão de enunciados, promove um jogo polêmico entre as sanções normalizadoras que compõem o aparelho disciplinar em busca da docilidade dos corpos (FOUCAULT, 1987), os referenciais misóginos e as inscrições ao feminismo quando ele se refere à mulher apenas como a dona de casa capaz de estabelecer a condição de bem-estar do lar.

Este trabalho se justifica devido ao “jogo polêmico” e “disciplinador” operado pelo pronunciamento do Presidente da República, pois, torna-se cabível a discussão acerca de como o poder disciplinar é utilizado como estratégia política que visa -

² Nessa pesquisa será tomado por cultura falocêntrica as estratégias linguísticas de dominação que partem do gênero masculino, chamada por Judith Butler de política de gênero que prevê a superioridade do sexo.

partindo dos instrumentos e das funções disciplinares - a um controle sobre o desenvolvimento de uma nação (FONSECA, 2003). Assim, a problematização da associação do discurso nacional a referenciais machistas é fundamental em razão do alcance midiático de tal pensamento.

Partindo desse pressuposto, a análise consistirá em lançar o olhar para fragmentos do pronunciamento, assim como nos comentários publicados na página do *Youtube* por um público diversificado, considerados sujeitos discursivos presentes em um gênero textual digital que utiliza como suporte uma tela de computador para ser divulgado logo após o vídeo do Presidente da República Michel Temer proferir o discurso em homenagem ao dia da mulher e o mesmo ser disponibilizado na internet. Assim, temos como objetivo principal analisar como ocorrem os interdiscursos representados pelos atravessamentos discursivos revelados pela exposição de ideologias e referências históricas marcadas, à medida que são mobilizados ora pelo discurso religioso, ora pelo familiar- colonial e histórico-, político e etc. que permeiam os enunciados. Como objetivos específicos para tal investigação verificaremos como os enunciados podem tornar possível emergir um discurso machista e misógino, além de inscrever pessoas na formação discursiva dos movimentos feministas por meio dos posicionamentos discursivos considerando as condições de produção que o gênero textual comentário permite.

Diante disso, partindo de um corpus de pesquisa constituído pelo pronunciamento transcrito na íntegra e por alguns comentários do *Youtube* publicados após o vídeo oficial da “homenagem” ao Dia Internacional da Mulher do ano de 2017, realizada pelo então presidente da república Michel Temer, pretende-se perceber como esses atravessamentos podem moldar os enunciados que irrompem a todo instante acerca de um evento discursivo considerado acontecimento. Tal seleção de comentários ocorreu pelo critério de regularidades constituídas pelos temas da pesquisa: machismo, misoginia e feminismo e os sujeitos discursivos (internautas) não serão identificados.

Para desvendar as possibilidades discursivas partindo dos constructos sociais é preciso abordar as teorias que envolvem os processos de subjetivação e de objetivação, pois, segundo Fonseca (2003, p. 27), à luz de Foucault, “o sujeito está preso a relações de produção e de significação, também é evidente que está preso a relações complexas de poder”. Nesse contexto, a figura do presidente – devido ao poderio de seu cargo – exerce uma significação que retira essa comunicação do plano

de normalidade discursiva e a coloca em um patamar de solenidade em que a relação de poder do enunciador produz um tom significativo distinto da fala de um cidadão comum.

Portanto, a interação social é que molda os discursos a partir das condições de vida de uma comunidade, ou seja, há de se considerar a posição social do enunciador e as relações de poder que são instituídas por ele. Por isso, as três fases foucaultianas fundamentarão essa pesquisa.

A primeira fase dos estudos de Michel Foucault diz respeito ao método *arqueológico*, ou seja, a busca pelo saber como construto social que instaura a vontade da verdade. Esse é o tipo de pesquisa que busca extrair os acontecimentos discursivos e é responsável pela sua detecção histórica investigando como um dado discurso se formou, como ele surgiu e como se configurou em discurso legitimado sobre determinado assunto.

Na segunda fase dos estudos do filósofo é apresentado o método *genealógico*, ligado ao poder e resistência, seria, nessa perspectiva, uma forma de tornar os sujeitos capazes de oposição e de demonstrar como a resistência é construída a partir do poder evidenciando a pluralidade dos sujeitos. Logo, ao que é dito se opõe o conhecimento que por dialogismo oferece questionamentos ao que é posto como verdade.

Em terceira e última fase de Michel Foucault, conhecida como *ética e estética de si*, os conceitos são formulados pelos sujeitos, é uma fase mais subjetiva dos estudos do filósofo, pois apresenta o sujeito plural, isto é, não se pode mais pensar em sujeito fixo. É nessa fase que se concebe o poder advindo de uma normalização instituída por uma sociedade de controle que estabelece vontades de verdade e também a fase em que as proibições são consideradas construções sociais, pois, é nessa fase que o autor delinea a concepção de sujeito como construto, produto, efeitos das práticas discursivas.

Nesse cenário, considera-se o estudo deste teórico francês relevante, uma vez que a imagem do Presidente da República é construída e mantida a partir dos enunciados e projeções que a mídia, em parceria com o governo, constrói do representante do povo, e intenta que seja compreendida e aceita pela nação visando a normalização a partir de uma sociedade de controle, conceito da segunda fase do filósofo que se arrasta para a terceira, o que corrobora com a assertiva de Foucault (1984) acerca das relações de poder enquanto estratégias, manobras, táticas e

técnicas postas em funcionamento na medida em que se exercem sobre os menores espaços da vida individual e social, o que justifica o estudo da segunda fase que é a genealógica.

Partindo dessa assertiva, a Análise do Discurso (AD) analisa as possibilidades discursivas que o enunciado promove, especialmente se esse enunciado se tornar um acontecimento, conceito da primeira fase arqueológica foucaultiana, utilizada para demonstrar as instâncias enunciativas e a mobilização causada por ele. Vale ressaltar que um “acontecimento” é um enunciado que escapa da previsão e promove um retorno por meio de diferentes abordagens (FOUCAULT, 1987). Diante disso nota-se que as três fases do estudioso não são estudos estanques, mas são instâncias que se imbricam, se entremeiam formando o poder-saber e é assim que elas aparecem à medida que forem sendo exigidas pelo corpus de pesquisa desse trabalho.

Nesse sentido, esta pesquisa pauta-se na perspectiva da Análise do Discurso em linha francesa, doravante AD, pois é ela, a AD que busca o “curso” do qual a língua perpassa e molda ideologias e culturas na sociedade. Ou seja, a AD não é uma disciplina, mas um campo de investigações que se constitui como um lugar de enfrentamentos teóricos (GREGOLIN 2006, p. 35), pois, todo discurso nasce em outro discurso e as palavras significam pela história e pela língua.

Dessa forma, a problemática que instiga esta pesquisa é: Como os interdiscursos representados pelos comentários no *Youtube* pós-discurso do presidente Michel Temer em homenagem ao dia Mulher no ano de 2017 podem legitimar a manutenção do machismo e da misoginia na atualidade?

Construímos como hipótese que para responder a essa pergunta é necessário abandonar a zona de conforto representada pelos comportamentos passivos em relação ao machismo, à misoginia e ao feminismo. Aqui será tomada como zona de conforto a legitimação e aceitação dos estereótipos como algo comum na sociedade.

O pronunciamento completo foi exibido em rede nacional no dia 08 de Março de 2017 e, publicado na íntegra (sem cortes) com duração de onze minutos e sete segundos no Portal do Planalto em um uma página no *Youtube*. A transcrição do discurso conforme foi publicado e os comentários (selecionados) comporão o *corpora* de análise que será dividido em capítulos visando a discussões acerca das abordagens como meios de repercussão e de regularidades: a misoginia e o machismo, o feminismo, e as incoerências representadas por Temer.

A noção de discurso como “aquilo que está em curso” (ORLANDI, 2003), ou seja, é o enunciado que mobiliza ideologias e permite a investigação dos efeitos discursivos promovidos pelos “acontecimentos” sociais que permeiam a sociedade. Assim, aos investigadores/pesquisadores cabe a incumbência de perceber que a promoção de interdição ou não de determinado constructo social é revelada pela discursividade enunciativa promovida pelos falantes da língua. Lembrando que o objeto de estudo da linguística e da Análise do Discurso não poderia ser outro que não fosse a própria Língua.

É importante destacar que não haverá divisão entre capítulo teórico e analítico devido aos pressupostos da AD que visam à investigação e pesquisa a partir dos dados e que são eles que buscam a teoria. Sendo assim, à medida que o corpus elencar a necessidade de certa teoria para sua explanação, a mesma será apresentada implicando, assim, para esta pesquisa, a noção de que o discurso é construído historicamente por meio da língua.

Nessa perspectiva, o primeiro capítulo dessa pesquisa intitulado de *Cadeia de acontecimentos discursivos: uma narrativa da vida real*, introduz a problemática que levou ao desejo de construir este trabalho por meio de uma narrativa que apresenta fatos da vida cotidiana permeados pela desigualdade de gêneros a partir da realização de trabalhos domésticos. Essa primeira parte será subdividida em três momentos. Um em que será delineado um *Jogo de dispersão dos enunciados* com dois tópicos para abordar questões sócio-históricas acerca da Mulher desde a antiguidade: *Bênção ou maldição: as relações de poder e resistência feminina no Brasil Colônia* e *A contemporaneidade do ser feminino*.

Na segunda parte serão abordadas as metodologias utilizadas para realização desta pesquisa. Com o título de *Uma questão de regularidades*, essa parte apresentará o corpus selecionado a partir de regularidades enunciativas de algumas categorias como: machismo, misoginia e feminismo. Para delinear esse processo decidimos trabalhar pelo viés teórico da Análise de Discurso de linha francesa, e isso será explicado na seção intitulada de *Conceitos de discurso – Apegos da AD Francesa*. Ainda nessa segunda parte abordando a fundamentação necessária para compreendermos tais questões já apresentadas, teremos o subtítulo *Discurso e poder: uma relação emblemática* em que apresentará a relação entre discurso e poder considerando as estratégias políticas como normalizadoras da sociedade que são acompanhadas pelo tópico seguinte *Condições de produção – Impeachment*, que visa

contextualizar as condições de produção do pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em Homenagem ao Dia da Mulher no ano de 2017. Como não poderia deixar de ser, o tópico seguinte intitulado de A Ordem do poder viril finalizará essa parte apontando as questões históricas que reforçam a dominação masculina na atualidade.

Para a análise desse pronunciamento que será descrita na terceira parte com o título *Bases teóricas e análise do discurso de Temer* subdividimos essa terceira parte em duas instâncias, a primeira chamada de *A história do referencial misógino*, questionando o termo misoginia, como surgiu e porque faz parte cada vez mais da sociedade atual e *A “homenagem” repressora como estratégia política disciplinizadora* demonstrando que o poder regido pela governamentalidade prevê uma normalização social.

Na quarta seção deste trabalho serão apresentadas análises dos comentários selecionados para o *corpus* subdividindo em *Comentários machistas*, *Comentários misóginos*, *Comentários feministas* e um subtópico questionando *A legitimação da dominação masculina*, que muitas vezes partem das próprias mulheres. Visando a uma associação com o estado da arte e também explicando uma provável continuação dessa pesquisa, relacionamos, para finalizar a quarta parte, *Outras ressonâncias: interdiscursos atuais e polêmicos* apresentará alguns enunciados polêmicos do presidente atual do Brasil Jair Messias Bolsonaro. A seguir apresentaremos as *Considerações finais* na qual serão apresentados os resultados dessa pesquisa que confirmam por meio de dados e análises que as condições de produção que partem de figuras públicas alimentam o machismo nessa sociedade formada pelo patriarcado que visa manter o *status quo* da mulher “Do lar”.

CAPÍTULO 2

2 CADEIA DE ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS: UMA NARRATIVA DA VIDA REAL

Ao considerar que os discursos são constituídos a partir de um Formação Discursiva, doravante FD, notamos que para que essa dissertação promovesse algum sentido para os leitores seria relevante a minha presença enquanto mulher, casada, mãe e, portanto, também constituinte desse grupo das homenageadas por Michel Temer em 2017. Logo, também sou responsável pelo bom andamento do lar e da educação dos meus filhos Luan, de 15 anos, e Lara, de 11 anos. Vale ressaltar que também faço parte do grupo que se desdobra com três turnos diários de trabalho para “dar conta” de todas as funções “do lar” e ainda me destacar enquanto profissional, pois sou professora, o que agrega as responsabilidades do trabalho realizado em casa (correções, planejamentos, pesquisas). Acresce-se ainda a opção por ser estudante, mestranda no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidades que me permite estar aqui agora narrando um pouco da minha rotina dominical para ilustrar as perspectivas reais do trabalho feminino e das desigualdades presentes nos lares do Brasil.

No ar há 30 anos, desde 1989, Fausto Silva aparece no texto a seguir por fazer parte dessa rotina dominical, pois, religiosamente assistimos ao programa Domingão do Faustão enquanto realizo a árdua tarefa citada a seguir. Nota-se que o lugar de fala do apresentador representa o lugar de homem, casado e pai, ou seja, defende o status de homem de negócios responsável apenas pelo provimento dos recursos financeiros do lar, destituindo-o, segundo Michel Temer, das demais responsabilidades da casa. Dessa forma, o apresentador se refere às Mulheres, telespectadoras, sempre como “Dona Maria” ironicamente em busca de provocar o riso e estereotipar a dona de casa brasileira. Consideramos isso como estratégia de alcance midiático tendo em vista que o programa é apresentado em tv aberta, pela rede globo de televisão em horário nobre durante as noites de domingo, nessa vertente, o público espectador provavelmente é constituído pela grande massa popular brasileira de baixa renda. Assim, a influência discursiva de tais enunciados estereotipados utilizados pelo apresentador que possui credibilidade por estar no ar há tanto tempo pode atingir uma grande massa da população brasileira que tem como

referência apenas os programas de televisão como os de auditório e as novelas, levando-os a agir como o tal marido que fica deitado roncando no sofá nas noites de domingo.

Todos os domingos a mesma coisa, enquanto ela realiza o pior trabalho doméstico da semana como, por exemplo, passar roupas, ele está deitado no sofá com o controle da tv em uma mão e o celular em outra. Isso acontece por volta das 19h durante o programa do Faustão³, na rede globo. Enquanto passa roupas e ouve as piadas machistas e sem graça do apresentador, que, vez ou outra, fala com a dona de casa chamando-a de Dona Maria e perguntando sobre o marido roncando no sofá ou indo a padaria comprar mortadela para o lanche da noite de domingo, ela reflete acerca das diferenças entre direitos e deveres de homens e mulheres na sociedade. Nessa reflexão perpassam os moldes aos quais as mulheres são criadas/educadas para se submeterem a certas situações. Por que não poderia ser o contrário? Enquanto ela assiste tv e desfruta da paz e sossego de domingo ele passa as roupas afinal de contas, são os uniformes de trabalho dele que precisam estar impecáveis na segunda-feira de manhã. Não se trata, porém, de apenas uma inversão de valores mas da construção de um mundo menos opressor para a mulher, ela pensa. Mas não, ela nem toca no assunto ou propõe tal troca mesmo que fosse semana sim, semana não. Aceita a sua função, em silêncio, como se fosse uma missão feminina e finaliza o domingo com a sensação de dever cumprido. (SANTOS, 2020).

A certeza com que Fausto Silva se refere à esposa Dona Maria em relação ao seu marido, largado no sofá, pode demonstrar a realidade patriarcal com que a sociedade vive. E isso é confirmado nos enunciados performáticos na maioria dos lares, ganhando ainda mais força quando uma autoridade corrobora esse pensamento em rede nacional. Exemplo disso foi em 2017, quando o então presidente da república Michel Temer fez uma “homenagem” no dia oito de março desse mesmo ano, dia Internacional da Mulher durante seu governo interino após impeachment de Dilma Housseff. O impeachment aconteceu devido à ligação da presidente com as chamadas “pedaladas fiscais” e destituiu Dilma do poder em seu segundo mandato em meados do ano de 2016. Michel Miguel Elias Temer Lulia nasceu no dia 23 de setembro de 1940 na cidade de Tietê (estado de São Paulo). Com 75 anos, foi a pessoa mais velha a assumir o cargo de Presidente da República no Brasil. De origens

³ Fausto Corrêa da Silva, popularmente conhecido como Faustão, é um apresentador de televisão, radialista e repórter e casualmente ator brasileiro. Célebre por apresentar o programa de auditório Domingão do Faustão, da Rede Globo, desde 1989, é casado com Luciana Cardoso desde 2002. Fausto Silva é pai de três filhos João Guilherme Silva, Lara Silva (com a primeira esposa, Magda Colares) e Rodrigo Silva. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fausto_Silva. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

libanesas, Michel Temer fala enquanto homem branco, burguês, empresário e heterossexual, pois está casado, pela terceira vez, com Marcela Temer desde 2003. Michel Temer tem 5 filhos. Três filhas, do primeiro casamento (Luciana, Maristela e Clarissa), um filho decorrente de um relacionamento com uma jornalista (Eduardo) e um filho com Marcela Temer (Michel Miguel Elias Temer Lulia Filho, conhecido como Michelzinho). Ao analisar a biografia do ex-presidente interino e compreender de quais perspectivas ele fala, podemos perceber que o seu enunciado, um pronunciamento não monitorado no dia Internacional da Mulher de 2017 é carregado de estereótipos, assim como nas falas de Fausto Silva, pois os dois homens brancos, burgueses e heterossexuais, e parecem preceder a uma normalização do espaço que a Mulher ocupa na sociedade brasileira, não ultrapassando os limites domésticos como, por exemplo, quando MT afirma que

excerto 1

se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. É seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher. (TEMER, 2017).

Ao externar publicamente que a responsabilidade da educação e formação dos filhos ficaria “seguramente” a cargo da mulher, compreende-se que, de fato, o papel dela seria esse mesmo, o de cuidar da casa, do marido e dos filhos, eximindo os pais de tal cuidado, já que ele deveria ser o responsável pelos recursos financeiros destinados ao lar. No entanto, ao utilizar o tempo verbal no pretérito imperfeito do indicativo “deveria”, chamamos a atenção para essa responsabilidade que há muito é dividida com as mulheres, pois as mesmas se desdobram em jornadas duplas ou triplas para também contribuir com os recursos financeiros destinados ao lar visando a uma melhor qualidade de vida para a família.

Consideramos aqui a “homenagem” em destaque e entre aspas por se tratar de um pronunciamento carregado de enunciados performáticos e estereotipados em relação à Mulher, haja vista que “as estruturas linguísticas características dos enunciados performativos não operam de maneira autônoma; elas necessitam de um contexto, de convenções ritualizadas para realizarem seu efeito” (Pinto 2007 p. 7). Um dizer opera um fazer, assim, ao dizer que a mulher é única responsável pela educação dos filhos (TEMER, 2017), por exemplo, ou que é ela, a mulher, a responsável por

evidenciar as “flutuações econômicas a partir dos preços nos supermercados” (Temer, 2017), esse dizer promoverá essa ação para que de fato assim seja. Sendo assim, ironicamente, a página do *youtube* se refere a esse acontecimento como “homenagem” já no título, por perceber o machismo e a misoginia⁴ em um momento que, sim, deveria ser de homenagens. O discurso de Temer insere-se, portanto, em uma cadeia de acontecimentos para construir um imaginário machista, o que reflete a tentativa de sustentação do poder e da dominação masculina (Pierre Bourdieu, 2018) elencada pela masculinidade hegemônica que legitima tal discurso como se fosse, de fato, uma homenagem.

Acerca do enunciado proferido em rede nacional por um regime não monitorado da fala, visto que o então presidente não se apoiava em qualquer material previamente escrito como é de costume em discursos públicos das autoridades, vale destacar que devem ser considerados também, segundo Nascimento (2014, p. 187) o EU, como aquele que fala e o interlocutor, o TU, aquele com quem se fala. Nessa perspectiva, a figura do presidente como governante de uma nação é considerada crucial para o resultado ou produto dessa enunciação devido ao seu lugar de fala, ou seja, grande parcela de uma sociedade historicamente regida pelos hábitos patriarcais, o TU, a população, a grande massa, poderá encarar tal enunciado como uma verdade absoluta, desconsiderando toda a história de lutas das mulheres pela igualdade de direitos.

Exemplo histórico dessas conquistas foi o direito ao voto, conquistado através da movimentação das mulheres “nos idos de 30”, como diz Temer. O presidente afirma que “lhes foi dado esse direito” nesse período, reforçando que se algo acontece para o bem da mulher, possivelmente isso lhe foi dado pelos homens da época, que foram “compreensíveis” como diz Michel Temer no mesmo pronunciamento:

excerto 2

E digo com toda franqueza, isso tudo é fruto do movimento das mulheres. É da compreensão dos homens, vamos dizer assim, mas do movimento muito entusiasmado, muito persistente, muito consistente, muito argumentativo até, das mulheres brasileiras. E, no particular, daquelas que participam dos movimentos sociais, daquelas que estão no Legislativo, que se constituem na voz natural das eleitoras em todo o Brasil. (TEMER, 2017).

⁴ As noções de machismo e misoginia serão discutidas posteriormente no capítulo 2, tópico 2.2.1 A ordem do poder viril (p. 53) e no capítulo 3, tópico 3.1 A história do referencial misógino (p. 59).

Assim, constitui-se como verdade que a compreensão dos homens é fator relevante para que as mulheres consigam seus direitos, mas, é claro, que as mulheres são sim muito “entusiasmadas” e “argumentativas” em busca daquilo que querem. O uso da expressão “até” passa sentido de exagero, de excesso por ser usado posposto a “argumentativo”, o que poderia significar que as mulheres foram incansáveis, insistentes até conseguirem esse direito. Esse posicionamento político da mulher, ressaltado por Michel Temer, permite uma associação aos preceitos em relação às mulheres constituídos na era medieval de que elas são “faladeiras”, como afirma Bloch (1995, p.24): “as mulheres equivalem a um aborrecimento da fala inerente à vida cotidiana”. Sendo assim, a presença da mulher na vida do homem perpassaria pelos elementos decorativos, objetificando-a para diversos fins: sexuais, domésticos, decorativos, etc.

Outro ponto relevante a ser observado é a palavra “natural”, usada pelo então presidente. Durante todo o parágrafo citado ele faz referência à persistência das Mulheres da época para conseguirem seus direitos que só foram possíveis após a “compreensão” dos homens. Ora, se fosse algo “natural” não haveria necessidade de briga por direitos, o direito ao voto e a tantas outras coisas seria algo de fato natural, sem persistência de um lado ou compreensão do outro. Qual seria, então, a noção de voz natural para o ex-presidente? Bem, o uso da expressão “natural” que em nossa análise constitui uma contradição, pode ter sido utilizada para se referir ao que é natural na visão do presidente Michel Temer, tendo em vista que ele fala, novamente, do lugar de homem branco, empresário, heterossexual. Nessa vertente, a noção da voz “natural” para ele seria a de que os homens precisam permitir para que algo beneficie as Mulheres, ou seja, o perfil embasado pela masculinidade hegemônica constitui uma forma discursiva de agir pautada no machismo.

Dessa forma, os enunciados imbricam-se enquanto construção de efeitos de sentido, pois estão entranhados com a realidade dos lares a partir de sua constituição histórico-social. Foucault (1969) afirma que não há enunciado neutro já que a teia discursiva é proposta a partir do jogo enunciativo integrado por uma série de enunciados que desempenham papel no meio de outros enunciados. Diante disso, o produto desse pronunciamento não pode ser outro a não ser seus respingos de machismo presentes cada vez mais na sociedade, tornando impossível qualquer postura de negociação quanto aos afazeres domésticos representada pela narrativa inicial deste capítulo.

Para construir uma história baseada em relações de poder simbólico do homem sobre a mulher, não poderia ausentar-se dessa discussão o ambiente doméstico, o qual é uma arena de lutas, como diz Foucault (2014), quando se fala em trabalho doméstico, pois às mulheres é dada essa incumbência a partir das premissas da sociedade patriarcal. Bourdieu (2018, p. 50) faz um relato de um momento interessante de dominação e de divisão de tarefas que marcou um período de sua vida,

Eu me lembro que, em minha infância, os homens, vizinhos e amigos, que haviam matado o porco pela manhã, em uma breve exibição, sempre um tanto ostentatória, de violência – gritos do animal fugindo, grandes facões, sangue derramado, etc. -, ficavam a tarde toda, e às vezes até o dia seguinte, jogando tranquilamente baralho, interrompidos apenas para erguer algum caldeirão mais pesado, enquanto as mulheres da casa, corriam para todos os lados preparando os chouriços, as salsichas, os salsichões e os patês. (BOURDIEU, 2018, p.50).

Uma demonstração clara da diferença entre homens e mulheres, isto é, uma diferença relacionada à designação de atividades que direcionam o ambiente doméstico. Aos homens as tarefas são designadas as tarefas performáticas, de aparição, de ostentação, de força. Às mulheres a designação do ambiente da casa e do quintal, “destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil” (BOURDIEU 2018, p. 50). Essa demonstração do autor, se comparada ao ambiente doméstico da atualidade, haveria diferença? Por acaso, na atualidade a relação de forças se apresenta com muita força ainda, apesar de alguns homens já dividirem as tarefas domésticas com suas esposas - as mesmas que dividem também a responsabilidade de sair para trabalhar e ajudar nas contas da casa -, existem muitos casais em que a divisão é estritamente patriarcal, o marido sai pra trabalhar fora e, quando chega no fim do dia, toma seu banho e “se joga” no sofá com o controle da TV na mão. Ao contrário de sua esposa que, ao chegar também do trabalho, corre pra cozinha para aquecer o jantar, lavar a louça, colocar a roupa na máquina de lavar, no varal em seguida, ver a tarefa de casa das crianças e etc. Tudo isso faz retomar a premissa de Foucault (2017, p. 344-345) em que diz que “para saber quem és, conheças teu sexo”, isso considerando que o sexo de cada um representa a “verdade” de sujeito humano.

2.1 Jogo de dispersão dos enunciados

As irrupções discursivas permitem ao analista do discurso perceber a sua forma de dispersão a partir de outras formações discursivas, ou seja, diante de um pronunciamento inicial em comemoração ao Dia da Mulher em oito de março de 2017 ocorreram vários diferentes posicionamentos relacionados à forma como o ex-presidente destacou a Mulher e o seu papel na sociedade. Diante disso, houve manifestações feministas e de mulheres e homens que coadunam e legitimam a conduta de Michel Temer. Isso foi perceptível de forma física, nos telejornais e páginas da internet ou em comentários virtuais sejam na página do *Youtube* na qual o vídeo do pronunciamento foi publicado na íntegra ou em comentários de redes sociais, como *facebook* e *twiter*.

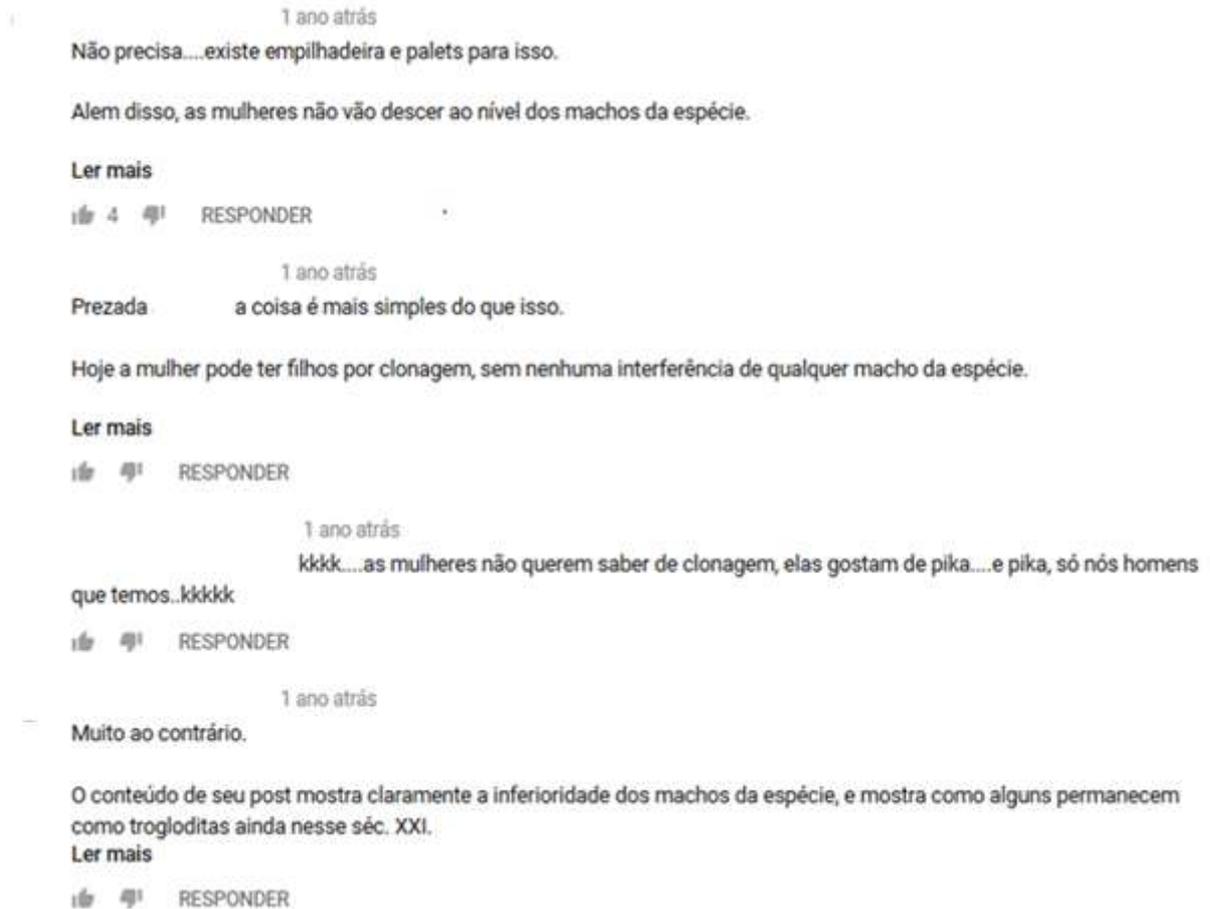
Os efeitos de sentido, assim, foram sendo construídos a partir da formação discursiva de cada indivíduo que ali se posicionava através de um tela de computador ou de aparelho celular. Sob essa postura, tomada como legítima, considerando a proteção de sua face por meio da tela, por assim ser, os sujeitos comentaristas se posicionam conforme realmente pensam sobre o ocorrido e se vestem da liberdade de expressão que a internet e as redes sociais lhe oferecem.

Por isso, recorreremos aos dados complementares para essa pesquisa por meio de comentários selecionados da página do *Youtube*, onde o pronunciamento foi publicado. Foram selecionados alguns comentários que permitem a categorização das regularidades necessárias para demonstração de diferentes posicionamentos e suas recorrências ou não. Dividimos em três as categorias selecionadas para este trabalho, feminismo, machismo e misoginia. Não citamos os nomes ou o sexo dos internautas autores dos comentários por considerar de maior relevância o posicionamento discursivo e não a idade ou o sexo dos mesmos. Tornou-se perceptível, a partir disso, analisar as ressonâncias discursivas a partir do pronunciamento do ex-presidente da república.

Nessa perspectiva, o papel desempenhado pelos enunciados comentados imbricam-se aos enunciados do presidente Michel Temer através da constituição sócio histórica vividas pelos sujeitos falantes da língua nesse dado contexto e nesse dado tempo e espaço. As reverberações dos próprios comentários também chamaram a nossa atenção porque o comentário do comentário permite que a teia discursiva vá se moldando e os sujeitos discursivos cada vez mais se mostram cada um na sua

verdade a ponto dos internautas se perderem acerca do que realmente os levaram a estar naquela página do *Youtube*. Seguem algumas demonstrações dessas percepções:

Figura 1 – Comentários diversos



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo.

As ferramentas disponíveis nos computadores nos propiciam imprimir esses comentários retirando as identificações (nome e foto) para demonstrar que as reverberações podem ser infinitas já que um posicionamento puxa outro e por aí vai construindo teias discursivas acerca de um enunciado inicial, mas que vai tomando formas distintas reverberando por outros caminhos, como podemos perceber em: “clonagem” ao indicar que nem para ter filhos, as mulheres precisam de homem na atualidade e “machos de espécie”, para exemplificar a inferioridade dos homens em relação às mulheres na atualidade, ao responderem ao primeiro comentário que sugeria que “se as mulheres querem igualdade, que descarreguem um caminhão com 500 sacos de cimento”.

2.1.1 *Bênção ou maldição: as relações de poder e resistência feminina no Brasil Colônia*

A história é permeada de conjecturas sobre a condição feminina no período chamado de Brasil Colônia. Nesse período, as mulheres escravas e índias se tornaram elemento crucial para que houvesse a colonização, isso porque seria necessário povoar esse espaço brasileiro pelos portugueses, homens brancos. Havia uma categorização das mulheres da Colônia a partir de suas diferenças, elas podiam ser: brancas e negras, livres ou escravas (ALGRANTI, 1993, p. 55). O problema se dava na ausência de mulheres brancas para essa povoação, então, o casamento com mulheres locais foi a alternativa para que a sociedade se expandisse. Mary Del Priore chama a atenção para o objetivo desse enlace de culturas:

Este papel deveria refletir a participação feminina na conquista ultramarina, mas também a sua atividade na defesa do catolicismo contra a difusão da Reforma protestante. Mais ainda, havia que espelhar a presença feminina na consolidação de um projeto demográfico que preenchesse os vazios da terra recém-descoberta. (Del Priore, 1993, p.24).

Com função natural de procriação, o discurso religioso alastrou-se, pois a mesma deveria ser submissa ao marido através da idealização de um discurso sobre padrões ideais de comportamento criados para o sexo feminino. Para a autora a postura de adestramento para com as mulheres estava explícita “adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório, e, no Brasil, este adestramento fez-se a serviço do processo de colonização. (Del Priore, 1993, p. 27). Acontece que o universo feminino era inflamado por desconhecimentos e incertezas acerca do processo reprodutivo, os homens temiam essa capacidade nata de gerar filhos e “a mulher parecia-se com a ponta de um continente submerso do qual nada se sabia”. Nessas condições, segundo Del Priore (1993, p. 35), “a atitude ameaçadora da mulher obrigava o homem a adestrá-la”.

Segundo Algranti (1993, p. 55) era esperado das mulheres, um comportamento de reclusão e submissão. No entanto, o que eles não esperavam era encontrar algumas Mulheres dispostas a enfrentar tais preceitos que as subjugavam e elegeram algumas estratégia de informais de participação nessa empresa que foi a colonização, pois a resistência com a igreja era explícita por meio das práticas sociais e discursos literários (Del Priore, 1993, p. 24), as chamadas rebeldes por Algranti (1993, p. 55).

Por isso, as mulheres foram consideradas pela igreja como agentes do diabo por ameaçar a paz terrena dos homens (Del Priore, 1993, p. 35). Foram estabelecidos, então, problemas na condição feminina na Colônia devido às expectativas da sociedade quanto aos papéis femininos (ALGRANTI, 1993, p. 55), sendo chamadas, inclusive, de “anjos ou feiticeiras, detentoras do poder do bem ou do mal” (ALGRANTI, 1993, p. 57), acentuando cada vez mais a sua capacidade de tirar a paz e poder da masculinidade hegemônica. Mary Del Priore (1993, p. 35) afirma que Jean Delumeau, ao refazer a história da misoginia conclui que “a veneração à mulher e o medo masculino contrabalancearam-se ao longo das transformações sofridas pelas diversas sociedades humanas”, assim a Mulher foi estigmatizada e o seu modelo feminino relacionado à Nossa Senhora que representava a pureza e devoção, além disso, “os homens da igreja e os médicos endossavam a ideia de inferioridade estrutural da mulher” (DEL PRIORE, 1993, p. 36).

Assim, a moral e os bons costumes deveriam ser retomados a partir da vida conjugal no interior da vida privada, na qual as mulheres

deveriam fazer o trabalho de base de todo o edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristãmente a prole, ensinar-lhes as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar o marido. (DEL PRIORE, 1993, p. 37-38).

Diante desse olhar de Mary Del Priore em 1993, relacionamos ao pronunciamento do presidente Michel Temer em 2017 e, por conseguinte se torna possível perceber que o olhar do ex-presidente seria o mesmo delineado pela autora, pois, ao enunciar publicamente que o espaço da mulher deve ser esse delimitado pelas atividades do lar, o mesmo corrobora a tentativa de opressão e manutenção da Mulher como dona de casa, concordando com Algranti (1993, p. 61) quando diz que há um limite entre o espaço público e privado para a condição de vida das mulheres da Colônia. Nesse instante cabe uma indagação: estaríamos vivendo, no século XXI, conforme os preceitos dos tempos de Brasil Colônia? A resposta para essa pergunta se confunde com a modernidade, pois, ao mesmo tempo em que os pensamentos feministas ressaltam e declaram a possibilidade de empoderamento feminino, figuras públicas do cenário político nacional reverberam em um pronunciamento a retomada de dizeres machistas possivelmente em detrimento do que Algranti (1993, p. 60) chamou de “resistência feminina ao poder masculino” devido à multiplicidade da

Mulher e como proposta de ruptura das polaridades, considerando que as mulheres podem ser reclusas e submissas, de um lado, e de outro, mulheres independentes e não estigmatizadas nos papéis de mães e esposas”. Vale a pena reconhecer, nessa perspectiva, que a mulher seria capaz de desempenhar todos os papéis possíveis como: dona de casa, esposa, mãe, estudante, profissional, não necessariamente nessa ordem e isso confirmaria a sua superioridade em relação ao sexo oposto.

2.1.2 A contemporaneidade do ser feminino

As questões de gênero se apresentam na atualidade como uma problemática necessária, pois é a partir de discussões acerca do tema que as minorias representativas de movimentos sexistas conseguem validar alguns direitos antes negados devido ao domínio do sexo masculino na sociedade. São eles os movimentos ligados à sigla LGBTQI+ e às mulheres.

Partindo da historicidade de movimentos representativos, é indubitável a explanação do feminismo, visto que esse é um dos mais discutidos no século XXI devido, principalmente, à violência crescente que as mulheres vêm sofrendo no cenário nacional. Tal percepção é confirmada pela validação do crime de feminicídio, instituído como lei brasileira. Segundo dados do *site Brasil Escola*⁵:

O feminicídio é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher (misoginia e menosprezo pela condição feminina ou discriminação de gênero, fatores que também podem envolver violência sexual) ou em decorrência de violência doméstica. A lei 13.104/15, mais conhecida como Lei do Feminicídio, alterou o Código Penal brasileiro, incluindo como qualificador do crime de homicídio o feminicídio. (BRASIL ESCOLA, *site* UOL).

Nessas condições, falar sobre os problemas de gênero que envolvem violência torna-se necessário em uma sociedade que vislumbra o respeito mútuo entre os sexos. A lei referida trata como crime de feminicídio, além da violência sexual, o menosprezo pela condição feminina, chamada de misoginia e a violência doméstica, ou seja, crimes contra o cônjuge, sendo ela mulher, praticados dentro de casa. Sobre os objetivos da lei, o *site* ainda firma que ela existe

⁵ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em: 08 jul. 2019.

em razão dos altíssimos índices de crimes cometidos contra as mulheres que fazem o Brasil assumir o quinto lugar no ranking mundial da violência contra a mulher, há a necessidade urgente de leis que tratem com rigidez tal tipo de crime. Dados do Mapa da Violência revelam que, somente em 2017, ocorreram mais de 60 mil estupros no Brasil. *Além disso, a nossa cultura ainda se conforma com a discriminação da mulher por meio da prática, expressa ou velada, da misoginia e do patriarcalismo. Isso causa a objetificação da mulher, o que resulta, em casos mais graves, no feminicídio.* (BRASIL ESCOLA, site UOL grifo nosso).

Diante disso o fato de um ser humano ser mulher já a desvaloriza tanto a ponto de ser necessária a criação de uma lei específica para o crime contra ela. Seria isso em função do reconhecimento enquanto sexo frágil? Ou seria devido à construção histórica da mulher enquanto sexo frágil e submissa ao homem? Tal questionamento faz com que a zona de conforto seja abandonada, visto que as mulheres têm, cada vez mais, tornado-se independentes financeira e psicologicamente. Isso ocorre porque, no século XXI, houve mulheres que se consideraram incapazes de se casar ou constituir família pelo excesso de trabalho ou estudo ou por que vislumbram uma vida de solteira para viajar e curtir a vida sem um parceiro fixo ou filhos. Lembrando que ainda há o preconceito contra as mulheres que optam por não ser mães.

Na segunda citação do *site Brasil Escola*, há uma parte grifada que confirma os objetivos apresentados nessa pesquisa que é o de investigar o porquê da manutenção do machismo na sociedade em que a própria mulher legitima atos de violência, justificando-os como parte da cultura. Ora, qual a razão da existência de uma cultura que fere, oprime e mata? Em nossa visão interpretativa poderia ser pela necessidade de uma cultura mantenedora do poder masculino. Nessa tendência, assim como existe a Cultura do estupro, estaria surgindo a Cultura do machismo? Tal surgimento vai delineando o medo do homem de ser sobreposto pela inteligência e perspicácia feminina, por isso, metaforicamente de acordo com Calçado (2019, p. 215) “a serpente da discriminação continua mordendo os pés de Eva em todo o planeta, seja pelos salários mais baixos, pela falta de oportunidades sociais e econômicas ou pela sigilosa opressão doméstica”. Louro (1997, p. 20-21) sugere que a distinção biológica entre os sexos serviria para justificar a desigualdade social

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel

determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível.

Para a autora, convém reconhecer que a diferença sexual é que demanda os engajamentos de cada sujeito, no entanto, é também imperativo reconhecer que é importante observar tudo o que de fato esse ser constrói socialmente, sendo ele homem ou mulher. Ou seja, uma nova linguagem que permita o reconhecimento de ambas as partes como detentoras do saber e do poder fazer é estritamente necessário para que haja equidade de direitos, objeto de luta do feminismo. Assim, “as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (LOURO 1997, p. 22).

Nesse sentido, as transformações acerca de como a mulher é representada e do seu acesso à educação e trabalho podem modificar ou reconstruir as diferenças entre os sexos reduzindo as distinções constituídas socialmente pelo binarismo historicamente construído pelo patriarcado.

Ao retornar de forma breve ao passado histórico dos movimentos femininos, encontra-se o sufragismo que foi reconhecido como a primeira onda do feminismo por marcar um período da história da luta das mulheres por seus direitos, a partir da conquista do voto no século XIX. Tal movimento representava, naquele período, o interesse das mulheres brancas, de classe média que buscavam alcançar metas com possibilidades de acesso ao estudo e as profissões. (LOURO 1997, p. 15).

Judith Butler (2017, p. 19) afirma que “o sujeito do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional” que, nota-se, é moldada conforme os ajustamentos sociais. Assim, o “próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”, há, portanto, nessa leitura, uma incongruência de pensamentos relativos acerca da mulher.

A autora apresenta em seu livro *Problemas de Gênero* a representação política e problemática da mulher na sociedade, política porque é uma existência controlada que também poderia ser explicada pela teoria da disciplina em *Vigiar e Punir*, quando o autor Michel Foucault (1999) trata da perspectiva dos corpos dóceis, considerando o controle das atividades e a arte da distribuição e de composição das forças. Entretanto, Butler (2017) critica o feminismo em suas correntes teóricas,

estabelecendo um contraponto nesse processo que constitui o sujeito mulher dizendo que:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca emancipação. (BUTLER, 2017, p. 20).

Isto é, a mesma força que impulsiona é a que repele, que oprime e que julga. Não obstante essa força reguladora por parte dos homens, também parte das mulheres, fazendo com que as mesmas sofram julgamentos de si mesma e de outras sobre seus comportamentos quando não regulados e submissos à dominação masculina.

Ser mulher, entretanto, imprime várias formas de ser e de viver em um mundo constituído por mentes masculinas, misóginas ou machistas. Acerca disso Butler (2017 p. 21) diz que:

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos.

Ora, se o gênero não é constituído por bases consistentes e, no mínimo, coerentes, nota-se que há algo incoerente com essa construção. A negação do poder às mulheres sob o pretexto de não serem capazes de sustentá-lo tem origem na estrutura hegemônica do poderio masculino. Essa seria, talvez, baseada em uma espécie de dogma linguístico que recorre às interfaces discursivas do atravessamento religioso por meio das escrituras sagradas, a Bíblia. Nesse livro há o discurso de que a mulher foi criada pelo ser supremo, Deus, que fez uso de uma costela de Adão, ou seja, de uma mínima parte (a costela) do homem foi criado esse ser tão ínfimo e frágil, a mulher, Eva. Assim sendo, a passagem de Gênesis 2, 22, traduzida como “E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem”, é considerada por muitos como um instrumento potencializador das capacidades dos homens em detrimento da inferioridade e fragilidade da mulher.

A partir dessa passagem bíblica, pode-se inferir uma base na linguagem escrita para os postulados em favor da estrutura hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. Tal estrutura também exerce poder na linguagem falada, visto que é ela, a linguagem, que rege a sociedade. Segundo Butler,

As estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder; conseqüentemente, não há posição fora desse campo, mas somente uma genealogia crítica de suas próprias práticas de legitimação. (BUTLER, 2017, p. 25).

Nessa instância de poder legitimado ocorre a sobreposição cultural e hegemônica das características dos homens realizadas na língua e/ou na prática.

Ao refletir sobre *O mal que vem delas*, Thiago Calçado (2019) reinterpreta o gênero em Gênesis 3 (Bíblia Sagrada) que traz a descrição da Mulher, no caso Eva, como a responsável pela *queda* de Adão, pois, nessa leitura, Eva decidiu experimentar o pecado ao aceitar a maçã, “Eva, mãe de todos os viventes, transgride a lei, por *curiosidade* e por ceder à tentação de querer saber coisas que não são de sua alçada” (CALÇADO, 2019, p. 214). Não há como não relacionar esses dizeres do autor com alguns fragmentos do pronunciamento de Michel Temer em homenagem ao dia da mulher no ano de 2017, pois quando o presidente diz que “a mulher deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedade” e afirma isso em, “digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por estar ao lado de Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelo filhos” (TEMER, 2017). Neste fragmento, o ex-presidente utiliza um modalizador para enfatizar a sua certeza quanto ao conteúdo do seu enunciado: “porque eu tenho absoluta convicção”, tais palavras demonstram uma necessidade de aprovação do seu próprio pensamento, das suas próprias convicções. Ainda neste excerto, MT cita Marcela, a esposa dedicada ao lar, apesar de ser graduada em Direito, àquela a quem ele confia toda a manutenção do lar e, por isso, foi chamada em entrevista da Revista Veja, no início de 2016, antes da tomada do poder após o impeachment de Dilma, de Bela, recatada e “Do lar”. Tal entrevista permeou a mídia e a discussão acerca do uso de tantos adjetivos dispensados a ela em um momento de decaída de Dilma Rousseff, uma mulher que nada teria que justificasse tais elogios. No entanto, Marcela seria, sim, a primeira dama ideal, totalmente dedicada à família:

Ressalta-se a esse respeito que, considerando o momento político daquela época, a revista que é conhecida por sua popularidade e por comunicar as ideias da elite para um público de massa que são os possíveis “eleitores” de um viés de extrema direita e de ideais conservadores das estruturas econômicas vigentes, compreende-se, assim, que o objetivo daquela reportagem era o de mostrar que por ter a posse de uma mulher que performa como uma primeira-dama perfeita, Michel Temer seria, por consequência, o presidente mais adequado a assumir o cargo naquela ocasião pré-impeachment, usando assim os atributos aceitos socialmente da mulher em favor do engrandecimento do homem que a possui, enfatizando assim que a existência tem por objetivo servir ao homem. (FIGUEIRA-BORGES E SANTOS, 2019, p. 46).

Nessa vertente, o papel da Mulher não deveria ser outro que não o de servir ao homem e se preocupar com a educação de seus filhos para a manutenção de uma sociedade equilibrada e, se ela, decidir fazer como Eva, buscar conhecimentos que não de sua alçada (estudar, trabalhar, quiçá, ganhar mais que os homens) pode causar um desequilíbrio não desejado pelas autoridades governamentais, já que “o advento da mulher trouxe-lhe o desequilíbrio e, conseqüentemente, a queda” (CALÇADO, 2019, p. 215). Isso fica evidente no pronunciamento aqui previamente analisado ao afirmar que:

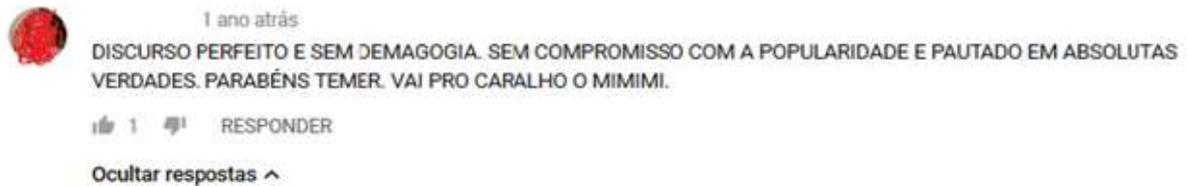
excerto 3

De modo que, ao longo do tempo as senhoras, as mulheres, deram uma colaboração extraordinária ao nosso sistema. E hoje, como as mulheres participam em intensamente de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor. (TEMER, 2017).

O lugar da mulher na economia do país não ultrapassaria o de comentários acerca dos preços no supermercado e isso indicaria as flutuações econômicas pelas quais o país enfrentava. Calçado (2019, p. 215), confirma isso ao dizer, à luz de Agostinho, que “a sociedade machista ocidental esconde um temor masculino: o medo de que as mulheres conheçam mais do que os homens”, pois, “conhecer é poder e perder o poder é algo inaceitável numa sociedade opressora” (CALÇADO, 2019, p. 216).

Há de se considerar ainda, “a origem da palavra feminino (Fe-Minus) que significa algo em situação inacabada, inferior” (CALÇADO, 2019, p. 215) justificando ou legitimando comentários inferiorizantes acerca das Mulheres após o pronunciamento em Homenagem ao seu Dia Internacional, como nesse comentário explicitado abaixo.

Figura 2 – Comentário 2



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo.

O internauta ao comentar que a reação das Mulheres seja de “mi mi mi” refere-se aos postulados feministas, aos pensamentos que lutam por igualdade de salário, respeito e melhores condições e acesso aos estudos. Contudo, o lugar de fala tomado como interpretativo provavelmente seja o lugar de fala de um homem machista e/ou misógino que considera a Mulher como ser de fato inferior. Nesse contexto, a relevância dessa pesquisa para a análise dos dizeres do ex-presidente e dos comentários acerca desses dizeres, ou seja das reverberações desses dizeres, torna-se indispensável para auxiliar na compreensão desses aspectos que estão presentes comumente na fala e nos pensamentos da sociedade de origem patriarcal brasileira, considerando que o dizer promove um fazer, é preciso estarmos atentos para digerir tais posturas problemáticas que podem agravar os índices de violência contra a Mulher no país por acreditar, ainda, nos postulados bíblicos, em sua inferioridade e situação inacabada, logo, incapaz.

No próximo capítulo serão delineados os caminhos metodológicos escolhidos para esta pesquisa que busca demonstrar que há um alinhamento entre os dizeres e os fazeres da sociedade machista, visto que os internautas podem se “proteger” através da tela do computador já que seus comentários atingirão uma porcentagem infinita de leitores.

CAPÍTULO 3

3 UMA QUESTÃO DE REGULARIDADES

Para demonstrar as interfaces produzidas pelos enunciados concretamente realizáveis a partir das premissas selecionadas discursivamente nos comentários acerca do pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em homenagem ao dia da mulher em 2017, tornou-se perceptivo que isso só seria possível a partir das distinções permitidas pelas regularidades, já que “a regularização repousa sobre um jogo de força” (ACHARD 1999, p. 15).

Esse jogo de forças e, por conseguinte, de relações de poder, será explicitado a partir dos tópicos subsequentes que abordam o machismo (A ordem do poder viril), a misoginia (A história do referencial misógino) e o feminismo (Feminismo em questão: os contrapontos de um processo). Segundo Achard (1999, p. 15):

Se situamos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o linguístico, na sua suspensão em vista de um jogo de forças de fechamento que o ator social ou o analista vem exercer sobre discursos de circulação (ACHARD, 1999, p. 14).

Assim, as regularidades indicam o caminho a ser seguido durante a análise dos comentários dentro da perspectiva de linha francesa em que o próprio corpus indica o caminho a ser percorrido pelo analista.

A fim de delinear as perspectivas metodológicas desta pesquisa, este capítulo apresentará o *corpus* de pesquisa selecionado. *A priori* serão analisados alguns fragmentos do pronunciamento do então presidente Michel Temer em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, realizado em oito de março de 2017. O pronunciamento foi publicado de forma integral em vídeo no *Youtube* e, também transcrito no mesmo vídeo. A transcrição completa do pronunciamento encontra-se em anexo nesta pesquisa.

A seguir, serão apresentados os comentários selecionados para análise conforme aspectos de regularidades apresentadas. Tais regularidades que compõem esse material implica ao machismo, à misoginia e ao feminismo, nessa ordem. Os comentários publicados na página do *Youtube* na qual o vídeo foi publicado foram printados e, por medidas éticas, os autores terão suas identidades preservadas.

Ademais, o sexo (feminino, masculino ou intersexual) dos autores dos comentários não será revelado, considerando que a autoria de quem fala não é relevante, mas o sujeito que emerge do contexto enunciativo, a sua inscrição em lugares sociais, podendo ele ser, então, homem, mulher ou intersexual.

Tento em vista que na Análise do Discurso teoria e metodologia são inseparáveis serão, nessa pesquisa, o objeto e as perspectivas da pesquisa que vão impor a teoria, ou seja, à medida que for necessária a teoria será elencada a fim de embasar tal irrupção discursiva presente nos enunciados selecionados. Nesse sentido, o caráter qualitativo e interpretativo delineará esse campo analítico dos dados.

3.1 Conceitos de discurso – Apegos da AD francesa

A palavra “discurso” confere a si mesma uma ordem ou uma possibilidade daquilo que está em curso, ou seja, aquilo que parte de um movimento e o qual se toma uma constante movimentação daquilo ou naquilo que é dito e que produz sentido. Nessa perspectiva, a “palavra” torna-se apenas a materialidade na qual o discurso emerge, isto é, o discurso não é o dizer, mas ele precisa do dizer para se manifestar. Orlandi (1996) afirma que

o discurso, então, é conceito intermediário que se coloca no lugar que se encontram tanto a manifestação da liberdade do locutor quanto a ordem da língua, enquanto sequência sintaticamente correta. E isto se dá não em abstrato, mas “como parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que deriva da estrutura de uma ideologia política e, logo, correspondendo a um certo lugar no interior de uma formação social dada. (PÉCHEUX, 1983 apud ORLANDI, 1996, p. 193-4).

No entanto, para que haja essa manifestação entre os dizeres é preciso que os efeitos de sentido promovam relações entre os mesmos, o que o caracterizará como práticas discursivas em que um conjunto de regras anônimas e históricas é determinado por um tempo e um espaço. Ao fazer uma leitura, um sujeito é atravessado por efeitos discursivos e acaba retomando outros discursos, o que é conhecido como interdiscurso (aquilo que é dizível). Orlandi, em sua obra *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (1996, p. 32-33) cita Courtine (1984) para afirmar

que o interdiscurso seria o eixo vertical no qual todos os dizeres, já ditos e esquecidos que representam o dizível, já no eixo horizontal teríamos o intradiscurso que se configura como eixo de formulação, ou seja, os dizeres em dado momento e à partir de uma dada condição de produção. Nessa conjuntura, o pronunciamento do ex-presidente Michel Temer é explicado como um dizer machista, já esquecido (interdiscurso) que é retomado pelo dizer reformulado (intradiscurso) pela condição dada (empoderamento feminino em constante evolução e o cargo de presidente da república) em um momento dado (Dia Internacional da Mulher), o que torna tal enunciado constituído por relações de poder que imbrica uma postura da sociedade.

Considerando assim que um texto é constituído por paráfrases, sinônimos e relações entre o dizer e o não dizer que compõem a formação discursiva e refletem um efeito metafórico para a construção de sentidos – já que todos os sentidos são construídos – formam o intradiscurso (aquilo que está se dizendo). Nessa perspectiva, o discurso seria, então, um conjunto de enunciados polêmicos e estratégicos os quais integram as malhas do poder perpassando as relações intersubjetivas. Para Foucault (1987, p. 28), o discurso se relaciona sobre o já-dito, pois:

Todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Sendo assim, a relação entre os discursos seria intrínseca, pois, o já-dito constitui as novas perspectivas discursivas partindo de um corpo definido por vozes à espera de novas reformulações enunciativas. Para o autor, então “supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sobre ele, mas que ele recobre e faz calar” (Foucault, 1987, p. 28). Ou seja, as novas construções discursivas vão se moldando a partir de irrupções discursivas que poderiam ser chamadas de Formação Discursiva dos enunciados. Para Orlandi (1996, p. 44), “dizer que a palavra significa em relação a outras é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória”, por isso, essa noção é de suma importância para essa pesquisa para análise entre o pronunciamento oficial do ex-presidente Michel Temer em homenagem ao dia da mulher em 2017 e as suas reverberações discursivas constituídas pelos comentários posteriores a publicação

em página do *Youtube* porque esses comentários reformulam os dizeres de acordo com a formação discursiva de cada sujeito enunciador.

É importante ressaltar que as FD estão ligadas as condições sócio-históricas levando em consideração que as mesmas “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 1996, p. 44) e, nessas condições, se referem a algum objeto linguístico materializado em gêneros textuais que Mikhail Bakhtin chama de gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2016[1895-1975], p. 11) “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos” e esses enunciados refletem condições específicas de acordo com a finalidade de cada campo referido, por isso é constituído por três elementos, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016[1895-1975], p.12).

Segundo o autor, “o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso”. Diante disso é impossível não considerar a heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos por que são realizados por atos individuais do discurso. Bakhtin (2016[1895-1975], p.15) afirma que existem os gêneros discursivos primários e os secundários, sendo esses últimos os mais complexos, pois surgem nas condições de convívio cultural mais desenvolvido e organizado como nos romances, dramas, pesquisas científicas e etc.) e os primeiros, ou seja, os gêneros primários integram os secundários.

Nesse sentido, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam) e é igualmente através dos enunciados concretos que a vida entra na língua”, essa assertiva de Bakhtin comprova que os enunciados constituem o discurso e é a partir deles que as Formações Discursivas se formam. Mesmo que ao primeiro instante pareça ingênua essa relação entre duas noções diferentes que partem de dois autores diferentes Bakhtin e Orlandi, consideramos noções que se complementam quanto tomadas enquanto diálogo na perspectiva discursiva dos enunciados. Em consonância a esse pensamento, há de considerar a historicidade dos enunciados para sua constituição:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2016[1895-1975], p. 20).

Nesse contexto, não há como desconsiderar a história da sociedade nos enunciados, pois, o mesmo se dá pela linguagem que percorre inúmeros caminhos que os gêneros oferecem para que ocorra tal transmissão através do movimento da língua e da sua materialidade posta em curso.

Ao considerar as palavras de Orlandi (1996) de que o discurso está ligado ao curso, ao movimento da língua, percebe-se que a língua não é só estrutura, a língua é uso, ou seja, a enunciação é a mobilização de materialidades de uma língua em funcionamento. De acordo com Possenti (2001, p. 75) “as línguas são resultados dos trabalhos dos falantes”, ou seja, não há língua sem falantes que são sujeitos constituídos por uma FD. O autor afirma que “produzir um discurso é continuar agindo com essa língua não só em relação a um interlocutor, mas também sobre a própria língua” (POSSENTI, 2001, p. 75) a partir de repertório linguístico adquirido historicamente pelo falante. Para Possenti:

Dizer que o falante constitui o discurso significa dizer que ele, submetendo-se ao que é determinado (certos elementos sintáticos e semânticos, certos valores sociais) no momento em que fala, considerando a situação em que fala e tendo em vista os efeitos que quer produzir, escolhe, entre os recursos alternativos que o trabalho linguístico de outros falantes e o seu próprio, até o momento, lhe põe à disposição, aqueles que lhe parecem os mais adequados. (POSSENTI, 2001, P. 77).

Diante disso, torna-se apreensível que os enunciados estão sujeitos a determinados fatores constituintes da discursividade. O assujeitamento discursivo, nesse instante, refere-se ao modo de seleção linguística a depender da situação de interação entre os interlocutores. Foucault (1969, p. 127 *apud* Possenti 2001, p. 81) acredita que “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido conseguem esgotar inteiramente”, nessas condições, há uma relação do dito com outro já dito constituindo uma Formação Discursiva.

Sobre a formação discursiva é possível relatar, de acordo com Fernandes (2008) à luz de Foucault que a FD refere-se ao que se pode dizer somente em

determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas historicamente definidas e marcadas pela memória.

Memória discursiva seria então, para Fernandes (2008), um espaço de memória como condição do funcionamento discursivo ao qual constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Dessa forma, os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos, pois, trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade que reflete materialidades às quais intervêm na sua construção, os chamados atravessamentos.

Para Fernandes (2008), interdiscurso se caracteriza pela presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva, ou seja, diferentes discursos entrecruzados constitutivos de uma formação discursiva dada. Entretanto,

para compreendermos *discurso* como um objeto do qual se ocupa uma disciplina específica, objeto de investigação científica, devemos romper com essas acepções advindas do senso comum, que integram nosso cotidiano, e procurar compreendê-lo respaldados em acepções teóricas relacionadas a métodos de análise. (FERNANDES, 2008, pág. 12).

Assim, a compreensão do conceito de Formação Discursiva é parte constituinte e indispensável do estudo sobre discurso e suas interfaces. Nesse sentido, a FD diz respeito aos dizeres que são promovidos por meio dos conhecimentos pré-adquiridos formando uma rede de discursos a partir dos elementos que são emergencialmente realimentados e produzem outros discursos como não poderia deixar de ser. Assim os efeitos de sentido são essenciais para a produção da formação discursiva, pois, neles, o sujeito está em interlocução com o outro, mobilizando uma alteridade discursiva. De acordo com Foucault (1987, p. 40)

Talvez fosse descoberta uma unidade discursiva se a buscássemos não na coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea e sucessiva, em seu afastamento, na distância que o separa e, eventualmente em sua incompatibilidade. Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão. (FOUCAULT, 1987, p. 40).

Nesse sentido, o jogo de dispersão é o que interessa para a formação discursiva assim como os aparecimentos discursivos em questão. Foucault analisa na conferência realizada no Colège de France publicado sob o título de *A Ordem do Discurso* (2010, p. 10), a ligação entre desejo e poder que brotam nos discursos devido às interdições que o atingem. As interdições, nesse contexto, são consideradas proibições e apagamento de normas e possibilidades discursivas para que outras se destaquem, logo, instaura-se a relação de poder estabelecidas no/pelo discurso a partir do desejo. Foucault afirma que o discurso

não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação. Mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar. (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Dessa forma, o discurso estaria interligado ao desejo e ao poder que são instâncias indissociáveis para o processo discursivo. Ao pensar em discursos políticos, nota-se que essa relação entre desejo/poder é quase que obrigatória para que os “fins justifiquem os meios”, ou seja, sempre haverá um poder por trás de um desejo e vice-versa. Retomando as interdições, torna-se claro que o sujeito não é dono do seu dizer, mas interpelado por situações que o levam a, estrategicamente, enunciar algo. Sobre as batalhas estratégicas Foucault afirma que

a coerência não resulta do desvelamento de um projeto, mas da lógica de estratégias que se opõem umas às outras. É pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas. (FOUCAULT, 2017, p. 242).

A essa construção científica das estratégias discursivas é que o poder vai se desenhando sobre os dizeres dos sujeitos e refletindo em seus comportamentos, sabendo quando e onde dizer algo. Segundo Foucault (2010, p. 9), “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, isto é, o princípio de coerção (FOUCAULT, 2010, p. 36) que determina as condições de funcionamento do discurso pode impor que os sujeitos pronunciem determinado

número de regras, não permitindo assim que o acesso aos dizeres seja aberto para todos, pois,

nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrições prévias, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2010, p. 37).

Entretanto, para que o poder coercitivo com suas restrições prévias seja efetivo há de se considerar o princípio da disciplina que também se destaca, de acordo com Foucault (2010) como um princípio de controle de produção dos discursos. Nessa perspectiva, a disciplina “fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2010, p. 36), fazendo com que “para que haja a disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, propostas novas” (FOUCAULT, 2010, p. 30), essa seria então, a condição para que novos enunciados sejam construídos por meio da teia discursiva. Em *Arqueologia do saber*, o autor aponta para reformulações discursivas quando diz que

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nesse sentido, “é preciso tratar o discurso no jogo de sua instância” (Foucault, 1987, p. 28) e não em sua origem, isto é, nota-se que tais propostas novas a que o filósofo se refere promovem a reflexão acerca dos atravessamentos discursivos, sendo que é por meio deles que a teia discursiva vai se construindo e reconstruindo a partir das formulações que levam o sujeito a pensar e a realizar seus processos enunciativos com a ilusão de ser dono do seu dizer. Constitui-se o assujeitamento ideológico (Althusser) em que o sujeito pensa a partir de ideologias sejam elas políticas, religiosas ou familiares que formam as outras vozes que compõem o seu discurso. A arqueologia de Foucault coaduna com as premissas althusserianas no sentido de que “o falante não opera com a literalidade como algo fixo e irredutível” (ORLANDI 1996, p. 52), o sujeito não é adâmico, ele é plural e é nessa pluralidade

que os atravessamentos se ajustam nos enunciados. Para exemplificar a relação entre as Instituições e o poder que a mesma exerce sobre o corpo social, Michel Foucault em *Microfísica do poder*, diz que “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” (FOUCAULT 2017, p. 235) o que comprova a relação de forças entre o poder e o corpo. O filósofo retoma o “pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto”, temas contemporâneos para um texto de 1979 em sua primeira edição.

Assim, o poder exercido pelo corpo social abomina a livre opção pelo aborto ou pela união livre devido a perda do poder sobre as “possíveis opções” às quais o sujeito é exposto e tem a ilusão de poder de escolha. Nesse sentido, a vigilância acerca da sexualidade é instaurada “tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e controle” (FOUCAULT, 2017, p. 236), para que o corpo social seja dominado e com isso, a normalização seja instaurada. A partir dessa descoberta, segundo o estudioso, descobriu-se que o controle da sexualidade poderia atenuar e tomar outras formas de poder.

Sendo assim, o poder exercido por meio do discurso produz o saber. De acordo com Michel Foucault,

se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. Foi a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (FOUCAULT, 2017, p. 238-239).

Diante da insuficiência de um poder marcado pela censura, Foucault (2017) assume a posição do poder do discurso como um fator primordial de sua existência de forma positiva. E assim o é devido a articulação que eleva o nível do desejo ao nível do saber para, assim, produzir saberes fisiológicos e orgânicos (FOUCAULT 2017, p. 239). Ao exercício do poder, desde a Idade Média, instauram-se tratados de relações entre segurança, população e governo. Tais tratados têm como principal objetivo apresentar a “arte de governar” para que haja a obediência a um ser superior (governante) que tenha a capacidade de manipulação das relações de força como elemento primordial para proteger o seu território (FOUCAULT, 2017, p. 410).

Vale ressaltar que, para Foucault (2017, p. 411), “as práticas de governo são múltiplas, à medida que muita gente pode governar: o pai de família, o superior do convento, o pedagogo e o professor em relação à criança e ao discípulo”, isso quer dizer que o poder de governança perpassa por todas as instâncias, pois, existem três tipos de governo: 1) o governo de si mesmo, que diz respeito à moral; 2) a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; 3) a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política. Às três formas de governo insere-se um poder de continuidade que é essencial entre elas. E, quando Michel Temer fala da situação das mulheres no lar, ele pressupõe o papel dos homens na mesma, no caso como pai de família que corresponde a arte de governar adequadamente a sua casa e os seus filhos, assim como a sua esposa.

O princípio de continuidade pode ser ascendente ou descendente. A primeira forma estabelece que só é capaz de governar o Estado, aquele que governa sua família, seus bens, seu patrimônio. A segunda continuidade ocorre quando o Estado é bem governado e assim, os pais de família saberão como governar sua família, seus bens, seu patrimônio (FOUCAULT 2017, p. 412).

De acordo com Foucault (2017, p. 413) essa gestão eficiente que repercute na boa conduta dos sujeito na sociedade foi chamada de polícia e, naquele tempo, “a pedagogia do príncipe assegurou a continuidade ascendente e a polícia a continuidade descendente”. O curioso é que, nesses dois casos, há um elemento central da continuidade que é o governo da família ao qual Foucault (2017, p. 413) chamou de *economia*.

Ao introduzir o princípio da economia no Estado Foucault à luz de Rousseau no artigo *Economia Política* afirma que:

Governar um Estado significará, portanto, estabelecer a economia no nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto a do pai de família. (FOUCAULT 2017, p. 413).

Essa analogia reflete a real circunstância de governo para Foucault (2017) e atenta para o controle, para a vigilância. Ora, se o pai de família é controlado pelo governo, ele também deve controlar sua esposa, seus filhos, isso tanto na forma de comportamento quanto na forma discursiva. Novamente, o poder coercitivo ressalta sobre o governamental e reflete a real atividade à qual o princípio da economia

predetermina o de controle fiel e ativo de toda a sociedade. Nesse fragmento abaixo do pronunciamento do ex-presidente Michel Temer, é possível compreender um pouco a respeito do domínio devotado por parte dos homens para o governo das mulheres:

excerto 4

Eu era secretário da Segurança Pública em São Paulo, pelos idos de 85, quando uma comissão de mulheres veio a mim e me contou, naturalmente, das violências que sofriam, da mais variada natureza, e do mau atendimento que tinham nas delegacias porque eram atendidas por homens, pelo escrivão, pelo investigador, pelo delegado. (MICHEL TEMER, 2017).

Além da Mulher sofrer violência em casa ainda tinha que encarar a crueldade de homens que as atendiam nas delegacias. Os profissionais citados no enunciado por possuírem cargos elevados na polícia eram capazes de humilhar uma mulher violentada o que confirma a necessidade discursiva de manter o sujeito do sexo oposto em situação desigual, desamparada para difundir a hegemonia masculina em uma sociedade patriarcal. Apenas diante desses fatos tomado de conhecimento pelo então responsável pela segurança do país, Michel Temer decidiu criar as delegacias específicas para mulheres para que elas tivessem atendimento digno que só poderia partir de outras mulheres, profissionais e conscientes das necessidades das vítimas.

Assim, poder e soberania caminham juntos, pois, para ser um bom soberano, “é preciso que o governante tenha uma única finalidade O bem comum e a salvação de todos” (FOUCAULT, 2017, p. 416). Consoante a essa assertiva, é possível relacionar, então, a figura imponente do ex-presidente Michel Temer, pois na época em que comandou o país, representava o poder de soberania sobre a nação. Dessa forma o que caracteriza a sabedoria, segundo o filósofo, é a obediência à soberania para o bem comum de todos. Portanto, “o bem a que se propõe a sabedoria é que as pessoas obedeçam a ela” (FOUCAULT, 2017, p. 417). Essa obediência é realizável a partir de instrumentos (armas) tradicionais da soberania que são as leis, ordens e regulamentos que permitem ao soberano um governo baseado no modelo concreto de família.

Cabe nesse instante uma breve reflexão sobre o modelo concreto de família que vem sofrendo mutações nos últimos anos. O que é família? Família seria um conjunto de pessoas às quais vivem juntas e se preocupam umas com as outras.

Existem, no Brasil, dois modelos de família: o patriarcal e o burguês. O primeiro, como o próprio nome indica, caracteriza-se por ter como figura central o patriarca, ou seja, o “pai”, que é simultaneamente chefe do clã (dos parentes com laços de sangue) e administrador de toda a extensão econômica e de toda influência social que a família exerce. Já no segundo modelo, em vigor desde o século XIX, as relações eram consolidadas pela rigorosa divisão de papéis entre o homem e a mulher e, nesse modelo burguês de família, a mulher, considerada menos capaz tinha o objetivo de vida centrado nos filhos e nos cuidados da casa. Assim, a família como instrumento de governabilidade reflete ao interesse político e econômico de um soberano que faz uso da sabedoria. Considerando tais mudanças nos novos conceitos de família nota-se que a família passa a ser um segmento em relação a tais interesses, pois agora a população “produz efeitos específicos” (Foucault, 2017, P. 424). Segundo Foucault,

Em primeiro lugar, a população – a perspectiva da população, a realidade dos fenômenos próprios à população – permitirá eliminar definitivamente o modelo da família e centralizar a noção de economia em outra coisa. De fato, se a estatística tinha até então funcionado no interior do quadro administrativo da soberania, ela vai revelar pouco a pouco que a população tem uma regularidade própria: número de mortos, de doentes, regularidade de acidentes etc. (FOUCAULT, 2017, p. 424).

Nessa perspectiva, o foco do poder da soberania passa a ser a população sob os riscos eminentes de deslocamentos comportamentais, principalmente relacionados ao sexo, à demografia, ao consumo e etc. A instrumentalização acerca da população a inscreve como sujeito de necessidades, de aspirações e de objeto nas mãos do governo (Foucault, 2017, p. 425-426).

Tais relações políticas entre governo-população-família ocorrem por meio das relações de poder que se enraízam no eixo histórico-social. Nesse sentido, as relações de poder determinam o sujeito e a subjetividade, pois, o discurso é marcado por discontinuidades que se constituem em relações históricas e práticas concretas que se irrompem, os chamados por Foucault de acontecimentos discursivos,

Supõe-se que entre todos os acontecimentos de uma área espaço-temporal bem definida, entre todos os fenômenos cujo rastro foi encontrado será possível estabelecer um sistema de relações homogêneas: rede de causalidade permitindo derivar cada um deles

relação de analogia, mostrando como eles se simbolizam uns aos outros ou como todos exprimem um mesmo e único núcleo central; supõe-se por outro lado, que uma única e mesma forma de historicidade compreenda as estruturas econômicas, as estabilidades sociais, a inércia das mentalidades, os hábitos técnicos, os comportamentos políticos, e os submeta ao mesmo tipo de transformação. (FOUCAULT, 1987, p. 11).

O acontecimento discursivo seria então, nessa perspectiva de Foucault (1995, p. 30) fenômenos discursivos irrompidos a partir de um “conjunto de todos enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos) em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um”. A população, por sua vez, seria o sujeito dos acontecimentos discursivos por que dela parte a estabilidade social, a inércia das mentalidades, os hábitos técnicos e os comportamentos políticos articulando estágios e fases discursivas determinadas pela história em um espaço-temporal definido.

O discurso deve ser analisado, portanto, sob três prismas: sua singularidade, suas condições de existência e suas correlações com outros discursos. Se pensar em relação ao discurso governamental, qual seria a sua singularidade? Qual o contexto permitiria suas condições de existência? E qual a sua relação com outros discursos? Ora, a singularidade parte do lugar de fala do governante, o poder de fala enquanto soberania política e estatal. As condições de existência partem da população-família que necessitam de direcionamento realizado pelos Aparelhos de Estado formado pelo governo, administradores em geral, exército e polícia, conhecidos pelo seu poder repressor. As condições de existência também perpassam pelas Instituições que são formadas pela escola, igreja, família. Nessa perspectiva, essas instituições ensinam como a população deve agir e cobram, reprimindo para que nada perca ao controle do governo. Dentre esses elementos constituintes do discurso existem ainda os atravessamentos discursivos que permitirão a correlação existente entre um discurso e outro historicamente definido.

A história serviria para delimitar esse espaço de correlações e dominâncias entre as temporalidades. Foucault (1987, p. 11-12) afirma que o problema da história é

determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries: que sistema vertical podem formar, qual é, entre umas às outras o jogo das correlações de dominâncias, de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências, em que conjuntos distintos certos elementos

podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que séries de séries ou – em outros termos – que quadros podem constituir. (FOUCAULT, 1987, p. 11-12).

Assim, os três prismas a serem analisados no discurso perpassam pela história que definirá tais eixos de dominância e as correlações existentes entre as temporalidades. Para Foucault, “todos os fenômenos cingem em torno de um centro único: princípio, significação, espírito, visão de mundo, forma de conjunto” e a história geral desdobra o espaço de uma dispersão, ou seja, um acontecimento. Não obstante, as condições de existência de determinado discurso, enunciado ou conjunto de enunciados efetivos são imersos no jogo de relações singulares dispersivos na dinâmica discursiva.

Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana, o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência. (FOUCAULT, 1987, p. 15).

O tempo, nessas circunstâncias, é crucial para que o sujeito plural reverbere ações discursivas acerca de algum acontecimento, pois, é à partir de um dado momento, o interdiscurso, que as condições de produção emergem os enunciados reformulados, o intradiscurso, que perpassam por essas tomadas de consciências citadas por Foucault. Para explicar essas tomadas de consciência vale lembrar a premissa pechetiana de que o sujeito não é dono do seu dizer, o sujeito tem a ilusão de escolher o que diz como relata Pêcheux na teoria dos esquecimentos:

Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. (ORLANDI, 2005, p. 11).

Michel Pêcheux é o fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso. O autor, segundo Orlandi (2005) considera a opacidade da língua e

a linguagem como um sistema capaz de ambiguidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem. (ORLANDI, 2005, p. 11).

Dessa forma, mais uma vez nota-se a interferência da história na língua e nas suas relações entre os dizeres que ressaltam a presença das formações ideológicas e do inconsciente e nas relações entre linguagem e exterioridade que é o interdiscurso. Para Orlandi (2009, p. 31), é “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”, ou seja, as formações discursivas (FD).

Consoante a Pechêux (2010, p. 50), a memória discursiva “[...] deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Ao considerar que a história das relações entre os discursos são envolvidas por outros discursos, carregados ou não de ideologias e perspectivas de interesse político ou não, cabe questionar a legalidade de cada discurso, ou seja, se Foucault (1987) já dizia que o que interessa é saber por que esse enunciado foi dito e não outro vale investigar as condições de produção de cada um. Sobre validar as continuidades Foucault (1987) diz:

Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente; para saber se não é preciso reconstituir outros; para recoloca-los em um espaço mais geral, que dissipando sua aparente familiaridade, permita fazer sua teoria. (FOUCAULT, 1987, p. 30).

Nessa linha de pensamento, o filósofo aponta para o inconformismo com os enunciados já-ditos e a necessidade de avaliação sobre a sua reconstituição e recolocação em outra instância do saber. Para Foucault (1987), é preciso romper com as formas imediatas de continuidade e de domínio discursivo, trata-se de definir

A partir desse conjunto que tem valor de amostra, regras que permitam construir eventualmente outros enunciados diferentes daquele: mesmo que tenham desaparecido há muito tempo, mesmo que ninguém a fale mais e que tenha sido restaurada a partir de raros fragmentos, uma língua constitui sistemas de enunciados possíveis –

um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos. (FOUCAULT, 1987, p. 30).

A assertiva do autor permite a reflexão e a instauração da dúvida em relação à constituição dos enunciados e abre a possibilidade de que para todos eles há um questionamento e uma nova construção discursiva: “Segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (FOUCAULT, 1987, p. 31). É preciso, segundo Foucault, entender a estreiteza do enunciado juntamente com sua singularidade para então, determinar suas condições de existência, pois, “um enunciado sempre será um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 1987, p. 32). Faz-se necessário neste ponto que o campo da memória seja atuante

porque é único como todo acontecimento mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e, segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 1987, P. 32).

Um enunciado é único, nessa perspectiva, no entanto, estará diretamente ligado à sua história pelos enunciados que o antecederam e os que o sucederam a partir de novas formações discursivas, isto é, os jogos de relações descritos de forma livre, porém, seguindo uma perspectiva de regularidades, o que será descrito no tópico a seguir.

3.1.1 Discurso e poder: uma relação emblemática

O enunciado que mobiliza ideologias permite a investigação dos efeitos discursivos promovidos pelos “acontecimentos” sociais que permeiam a sociedade. Desse modo, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2010, p. 26), ou seja, os enunciados produzidos a partir da discursividade de determinado arquivo é o que o torna um constructo social e, por conseguinte, um acontecimento.

Sendo assim, a percepção de que a promoção de interdição ou não de determinado constructo social é revelada pela discursividade enunciativa promovida

pelos falantes da língua. Dessa maneira, “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam) e é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (FOUCAULT, 2010, p. 16-17). Logo, a relação entre o que é dito, seu contexto e o modo como ele atinge ao interlocutor estabelece uma teia comunicativa que não pode ser ignorada ao se mencionar um evento discursivo.

Foucault (2010) explica que a vontade de verdade é o que rege a sociedade e o que move os discursos, é o modo como são engendradas as relações sociais. Instituições sociais se apoiam em saberes que se firmam pelos poderes, as quais estabelecem o que pode e deve circular como dizer socialmente. Ao que o filósofo chama de biopoder - dispositivo de normatização que engendra na sociedade, assim, é

essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. (FOUCAULT, 2010, p. 3).

Tal poder considerado aqui como machista se institui de acordo com as convenções sócio-históricas que o sancionam. Nesse sentido, compreende-se a estratégia política presente no discurso de Michel Temer no dia Internacional da Mulher como fator mobilizador de uma espécie de normatização discursiva com objetivo de demonstrar o real espaço ocupado pela mulher no Brasil. Foucault (2010, p. 36) afirma que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso”, mas que também “é preciso reconhecer o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso” (p. 52). Daí a necessidade de percepção de tais artimanhas políticas manipuladoras enquanto formadoras e reprodutoras de jogos de poder que manifestam a opressão a minorias – em termos de poderio.

Baseado na obra foucaultiana *Vigiar e Punir*, Fonseca (2003) apresenta a constituição da noção de disciplina pelo conjunto de técnicas e estratégias realizadas pelo poder coercitivo em relação ao corpo social e afirma que “todo lugar deve ser identificado a seu ocupante, que, por sua vez, deve ser identificado ao lugar que ocupa” (FONSECA, 2003, p. 63). Assim, quando Temer afirma, por exemplo: “se a

sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher”. O presidente acaba por asseverar que a mulher não deve (com algumas exceções) ultrapassar o ambiente doméstico, segundo a fala do presidente.

Assim, a fala do presidente pode ser compreendida como preconceituosa e redutora do papel da mulher na sociedade em duas direções: 1) quando afirma que a mulher é a única responsável pelo crescimento e educação dos filhos e, em consequência disso, a sociedade, de uma forma geral vai bem; 2) quando evidencia a incapacidade masculina de “educar” seus próprios filhos e “formá-los” cidadãos de bem em suas próprias casas.

Essa incongruência de contra discursos oferece dados relevantes para análise, com duas ou mais perspectivas sobre o acontecimento.

O discurso é uma forma de uso da linguagem, sendo assim, será considerado o estudo das Formações Discursivas em que a atenção volta-se para aos processos constitutivos dos enunciados produzidos nos comentários da rede social, pois, segundo Foucault (1995) “a FD é constituída por uma regularidade de enunciados definidos por uma ordem, correlação, funcionamento e transformações que são carregados de condições e consequências”.

Assim, considera-se que as condições de produção dos comentários são permeadas por uma ordem de funcionamento. Visto que “o poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se tratam os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre homens e mulheres” ainda, segundo Foucault ([1973], 2006, p. 262), percebe-se que as relações de poder instauram campos de batalha em que as reverberações discursivas constituem mecanismos biológicos de relações de poder.

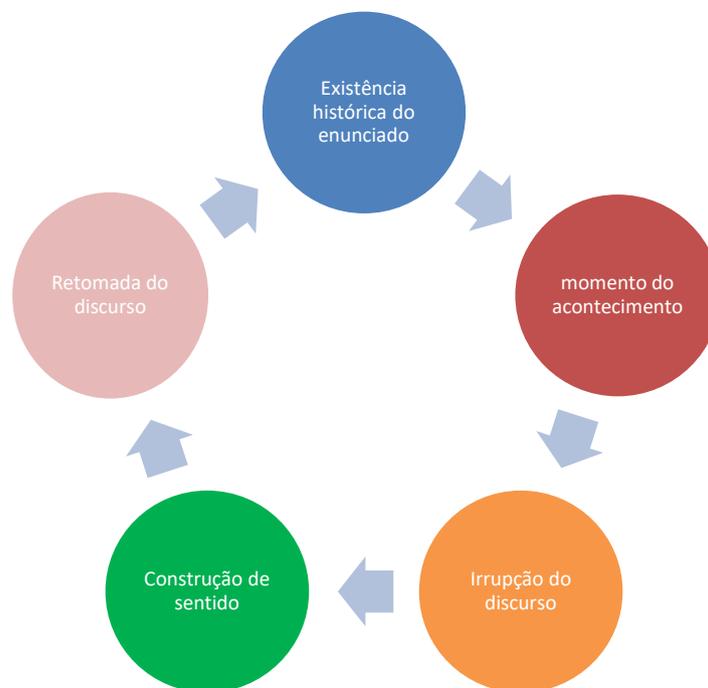
Conforme as regularidades que compreendem os enunciados, esse corpus foi selecionado considerando as irrupções discursivas representadas assim como a construção de sentido perceptível. Sendo assim, o agrupamento por tema de relevância para fins de análise serão distribuídos em três categorias:

- 1) Machismo
- 2) Misoginia
- 3) Feminismo

Assim, será preciso definir os conceitos referentes às categorias que serão analisadas no próximo capítulo.

Compreende-se por análise do discurso a relação entre enunciados e não entre interpretação de enunciados, pois, segundo Courtine (1981, p. 131) todas as pessoas são sujeitos sociais e ideológicos, ou seja, o sujeito não tem a consciência sobre os seus dizeres. Diante disso é preciso considerar alguns elementos para a conjecturação da análise:

Figura 3 - Relações enunciativas



Fonte: Elaboração própria com base em Foucault [1978] 2006.

A partir do ciclo apresentado nota-se que a AD investiga os enunciados desde a sua história enquanto sociedade falante, perpassando pelo momento do acontecimento (Foucault, [1978] 2006) discursivo que engendra a possibilidade e, conseqüentemente a irrupção do discurso que produzirá, automaticamente, uma construção de sentido (Pêcheux, 1997) e essa, por sua vez, culminará em uma retomada discursiva posteriormente em outro momento histórico.

3.2 Condições de Produção – Impeachment

Os acontecimentos sócio-históricos delinham a história do Brasil e do mundo, assim, as condições de produção de cada momento histórico deve ser considerada para que o analista de discurso investigue a relação entre os enunciados e os possíveis efeitos de sentido que os interlocutores podem construir.

Torna-se necessária, portanto, a abordagem de tal momento político em que Michel Temer proferiu o discurso em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres para que, de fato, as possíveis relações/reverberações sejam compreendidas pelos leitores desta pesquisa científica.

O ex-presidente Michel Temer assumiu o comando da república após o impeachment de Dilma Rousseff. Segundo dados da página do Agência Senado no *Youtube*, o processo durou mais de 270 dias,

o processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. (AGÊNCIA Senado, 2016).

Nessa conjuntura, Michel Temer, então como vice de Dilma assume o cargo de presidente da república e passa a comandar o país sob acusações de golpe contra a presidenta deposta.

(...) Na sessão iniciada na manhã de 9 de agosto e encerrada na madrugada do dia 10, o Plenário decidiu, por 59 votos a 21, que a presidente afastada iria a julgamento. Dilma foi acusada de crime de responsabilidade contra a lei orçamentária e contra a guarda e o legal emprego de recursos públicos, na forma de três decretos de crédito suplementar e operações com bancos públicos. No terceiro dia do julgamento, a presidente Dilma compareceu ao Congresso para se defender e negou ter cometido os crimes de responsabilidade de que foi acusada. Dilma classificou de golpe a aprovação do impeachment e acusou o então vice-presidente, Michel Temer, e o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, de conspiração. (AGÊNCIA SENADO, 2016).

Marcado por polêmicas, o processo de impeachment movimentou o país naquele período e provocou divergência de opiniões no Parlamento e na sociedade.

A cerimônia de posse de Michel Temer aconteceu apenas três horas após Dilma ser destituída do cargo. De acordo com o site G1, “A curta cerimônia no plenário do Senado, que durou 11 minutos, contou com a presença de deputados, senadores, ministros, militares e magistrados”. O curioso é que

mesmo com o curto intervalo entre a sessão que destituiu Dilma do poder e a posse do novo presidente, o plenário do Senado foi decorado com flores para a solenidade. Além disso, o cerimonial do Senado projetou uma imagem comemorativa no painel eletrônico do plenário. (GUSTAVO GARCIA, 2016).

As informações encontradas no site do G1 suscita uma possível certeza de que Dilma seria destituída do cargo naquele dia e que uma cerimônia deveria ser preparada para a posse do novo presidente. Nesse período houveram mudanças na Reforma da Previdência, novas conjecturas para o Ensino Médio no Brasil foram propostas em consonância com a formulação da BNCC, (Bases Nacionais Curriculares), entre outras questões de economia. Portanto, a tensão estava instaurada no país.

Em setembro de 2016, a versão digital da revista Galileu publicou uma nota sobre o “golpe” sofrido por Dilma Rousseff e afirmou que o golpe foi instaurado pela condenação sem crime, visto que as manobras chamada de “pedaladas” fiscais são atividades comuns realizadas por todos os chefes de Estado,

Ela foi acusada de manobras fiscais banais — que os governos sempre fizeram, com base na interpretação dominante da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Se fosse crime, a maior parte dos governadores estaduais teria que ser impedida também. Dilma foi inocentada das acusações pelo Ministério Público. Seus acusadores e juízes no Congresso, em grande medida, ignoraram os pretensos crimes e justificaram sua condenação por motivos que não estão na lei. (GALILEU, 2016).

Diante dessas afirmações cabe a reflexão sobre a queda de Dilma Rousseff como presidente do Brasil, pois, tais conjunturas revelam que houve uma manobra política para que ela perdesse o cargo adquirido por direito a partir dos votos em 2014. A revista Galileu ainda afirma que o voto do povo foi negligenciado, o direito do povo de eleger seu candidato foi ignorado,

o golpe rompeu com os dois elementos básicos da democracia: a soberania popular, manifestada na ideia de que o voto é o meio de acesso ao poder, e o estado de direito, segundo o qual a lei valerá igualmente para todos. Os votos de 2014 foram anulados e a lei não valeu para Dilma Rousseff. (GALILEU, 2016).

Além disso, a versão digital da revista conclui que “houve condenação sem crime. Todo o ritual do processo de impedimento foi seguido, mas isso é só a aparência. Não havia fundamento na lei para a destituição da presidente. O nome disso é golpe” (GALILEU, 2016).

Contudo, ao relacionar os acontecimentos políticos desse período, nota-se a possibilidade de aliança machista e misógina para que tudo isso acontecesse, pois, se a lei não valeu para Dilma alguma razão deve ter, e seria por ela ser mulher e ter alcançado o poder de forma legítima e democrática, por meio do voto, o que poderia ferir os princípios de dominação e da masculinidade hegemônica de uma forma pública. Ademais, Dilma Rousseff representava o poder de esquerda do PT (Partido dos Trabalhadores) considerado comunista por muitos. Há, pois, uma ligação entre os elementos citados, a certeza do impeachment e a queda da Mulher Dilma Rousseff para efetiva assumência de Michel Temer, seu vice, na época.

Michel Temer, por sua vez, homem, branco, cis-heterossexual, filiado ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), retomava o poder para a “direita” e, por conseguinte, para a figura do homem, considerada desde a criação do mundo a partir de Adão, o representante da força e da sabedoria de acordo com os preceitos bíblicos.

Com isso, o poder heteronormativo retornava e a dominação masculina poderia seguir a partir dos enunciados machistas proferidos pelos representantes da lei na pessoa do presidente da república, instaurando, no povo, uma vontade de verdade alicerçada nas relações de poder. Nessa perspectiva, o pronunciamento em homenagem ao Dia Internacional da Mulher no ano de 2017 não poderia ser outro, senão um enunciado pertinente à situação de Dilma Rousseff. A tentativa de retornar a Mulher ao seu cargo de origem, o de dona de casa, responsável pela criação e educação dos filhos e capaz de perceber as flutuações econômicas onde sempre deveria ser, no supermercado,

excerto 3

(...) e hoje, como as mulheres participam em intensamente de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor. (MICHEL TEMER, 2017).

A retomada do excerto 3 faz-se necessária para a compreensão acerca da parcela de relevância da Mulher no mercado econômico que parece ser minimizada pelo presidente da república nesse enunciado, desconsiderando as evidências de que o número de mulheres que acessam a universidade e, conseguem, pelo seu esforço e capacidade, atingir o cargo de direção de grandes empresas é muito maior no século XXI. A redatora da Revista em versão digital, Luíza Melo (2016) destacou que em

São Paulo – Entre as 500 maiores empresas do mundo, listadas pela Fortune este ano, 24 são presididas por mulheres. Esse é o maior índice da história. Há 16 anos, segundo dados da revista, apenas uma delas não era comandada por homens. (MELO, 2016 Revista *Exame*).

Os dados atuais são desconhecidos ou ignorados pelo ex-presidente ao relatar que as mulheres são importantes para a economia no ambiente em que *deve* estar, no supermercado, cuidando da economia do seu lar enquanto, na verdade, o número de mulheres presidindo empresas cresce a cada dia no país, fruto de seu trabalho, esforço e dedicação, elementos que amedrontam os homens e os fazem agir, talvez coercitivamente, como dominadores desse espaço econômico e político para garantir o poder viril adquirido desde os primórdios da sociedade.

3.2.1 A ordem do poder viril

Os estudos acerca da existência do poder e das suas relações vêm inquietando muitos pesquisadores, pois, a revelação desse elemento presente no corpo social ainda é muito nova e só foi possível a partir do estudo arqueológico do filósofo Michel Foucault. Ao aliar o poder à linguagem Foucault perceber o quão intrigante e polêmica as relações sociais podem se tornar ao serem reconhecidas como tal.

Para o filósofo “o que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como eles se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente” (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 39), ou seja, as relações existentes entre os enunciados é que será considerado para efeitos de constituição de poder.

Chamado anteriormente de totalitarismo pelo capitalismo ocidental, o poder só foi “descoberto” a partir das lutas cotidianas realizadas às margens do campo da análise política (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 42). A partir daí descobriu-se que o poder não era apenas repressivo, mas também era produtivo, pois, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 45), por conseguinte, o poder que interessa a essa pesquisa é o que produz discurso, o que é regido pela linguagem e pelo corpo social, pois

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte é porque produz efeitos positivos no nível do desejo (...) e também no nível do saber. (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 239).

Ou seja, o poder possui dois lados (positivo e negativo) fato que o torna responsável pela organização dos poderes a partir de uma hierarquia que vai elencar mecanismos de disciplina para que funcione. Para o autor “o interessante não é ver que projeto está na base de tudo isso, mas, em termos de estratégia, como as peças foram dispostas” (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 243), ou como a linguagem é capaz de fazer uso dos dispositivos de disciplina para impor seu poder.

O poder heteronormativo é constituído pelas convenções tradicionais a partir da materialização linguística que representa discursos que convergem em identidades sociais. Dessa forma “os gêneros se produzem pelas relações de poder” (LOURO, 1997, p.41), isto é, as formações discursivas é que constroem ou desconstroem os binarismos e as diferenças que os circundam. Em relação a isso, pode-se perceber que existem inúmeras estratégias discursivas que negociam a relação entre homens e mulheres, entretanto, existe o machismo que se apoia na masculinidade considerada hegemônica para se estabelecer e manter a sua dominação preponderante.

As questões de gênero são de ordem global, pois, inserem os sujeitos, a partir de suas identidades sociais, em conflitos discursivos que podem levar, inclusive, a violências em diversas categorias, sejam elas físicas ou psicológicas. Por isso, o conceito de masculinidade hegemônica constrói barreiras hierárquicas em uma sociedade de origem patriarcal que caminha a passos lentos para a equidade de direitos entre os sexos.

Tal conceito é compreendido como um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre as mulheres (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245) até os dias atuais. Consoante a esse pensamento dos autores, essa pesquisa visa descrever o percurso da masculinidade hegemônica, a partir das características que compõem o poder falocêntrico.

O padrão de práticas elencado aqui se baseia no uso da linguagem para reforçar a dominação dos homens e a submissão das mulheres. Esse uso, considerado discursivo, pois, “compreende um conjunto de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos” (COURTINE, 2013, p. 27), assim sendo, chamado de *dispositivo* por Jean-Jacques Courtine,

O discurso ele mesmo é imanente ao dispositivo que se modela sobre ele e que o encarna na sociedade: o discurso faz a singularidade (histórica), a estranheza de época, a nova tendência local do dispositivo. É um “terceiro elemento”, uma “diferença última” que, para além das coisas, “impregna” os elementos heterogêneos do dispositivo que lhe dá uma existência material e histórica. (COURTINE, 2013, p 27).

A esse dispositivo então, se enquadram os conceitos de masculinidade hegemônica ou masculinidades, como apresenta Connell (2013) em seus estudos sobre os diversos tipos de masculinidades existentes, não restringindo a um único modelo. Consoante aos estudos sobre masculinidade hegemônica de Connell (2013), Vigarello (2013) aponta para uma possível tentativa de “delicadeza” por parte dos homens visando a uma efeminação do gênero e critica essa possibilidade afirmando que se isso ocorrer

O viril perderia aquilo que sempre o definiu: rudeza e firmeza. A inquietação existe e se mostra. O termo “viril”, seja como for, permanece fortemente reivindicado, ancorado nestes textos ou nestes comportamentos assumindo polidez e doçura. Virilidade “indiscutível”,

triumfante mesmo, encontrando simplesmente, na Modernidade, vias renovadas para se afirmar. (VIGARELLO, 2013, p. 206).

Em virtude da necessidade de manter o “viril” como termo forte e hierárquico, os homens devem manter atitudes que representem rudeza e firmeza, ou seja, a masculinidade hegemônica é ancorada pelas perspectivas da virilidade absoluta. Ademais, de acordo com Vigarello (2013, p. 213), “a delicadeza não deve comprometer a natureza viril”, pois, “ao homem ‘perfeito’ se atribui a função de ser dominador, ‘terrível e belo’”. Ora, percebe-se nessas condições que ao homem são atribuídas desde muito cedo muitas funções, inclusive a de ser dominador, o *macho alpha*⁶, termo usado como estereótipo para a masculinidade hegemônica. Para o autor, as posturas que visam a dominação e a superioridade não permeiam apenas os campos de batalha como eram no século XVI, mas é apresentado também nos enunciados, na postura e no amor, tendo em vista que “a timidez e a hesitação são questionadas como se fossem defeitos; o domínio sobre os outros, o espírito dominador, exaltados valores” (VIGARELLO, 2013, p. 215). Nessa instância de poder, ou de busca pelo poder, os homens devem legitimar a sua virilidade a qualquer custo.

Como Connel afirma que existem várias ramificações acerca das masculinidades, será exposto agora a masculinidade chamada de normativa que Kritzman (2013, p. 217) aponta como “regras de equilíbrio e valores físicos e morais que constroem a imagem do homem como ser viril”. O autor à luz de Judith Butler diz que os homens são constituídos como súditos viris pelo poder que faz respeitar a ordem e a autoridade, ou seja, são os dispositivos que constituem a virilidade, a ordem social, pois “trata-se antes de uma construção social e de um fenômeno psicológico, os quais, tanto um quanto o outro dão acesso à virilidade (KRITZMAN, 2013, p. 218). “Transpondo a formulação de Simone de Beauvoir, um homem não nasce homem, mas torna-se homem”, assim Kritzman brinca com a ideia de que a virilidade é construída, não é inerte ao homem.

Pierre Bourdieu apresenta o esquema sinóptico das oposições pertinentes para reafirmar o sistema binário e suas implicações. Nesse esquema, apresentado

⁶ No mundo animal, o termo designa aquele que exerce a liderança e o domínio em um grupo da mesma espécie. Da mesma forma, o ser humano qualificado como macho alpha é aquele que assume o papel de autoridade tanto em situações sociais quanto em profissionais. Sua personalidade é caracterizada pela autoconfiança, a intensa busca por resultados e sua tendência a exigir muito dos outros e de si mesmo. Disponível em: <http://cyrillocoach.com.br/blog/macho-alpha-entenda-suas-principais-caracteristicas-e-atitudes/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

perspectivas do poder falocêntrico como processo biológico seria considerado o cheio que visa a capacidade de reprodução, liberação de sêmen para a constituição da vida, enquanto a mulher é o vazio a ser preenchido, o que Bourdieu (2018) chama de esquema de preenchimento. Ademais “a hierarquia fundamental da ordem social e cósmica” é realizada na casa, lugar de natureza cultivada e de dominação legítima do princípio masculino sobre o feminino” e isso, reflete nas outras ordens sociais como, o trabalho, a escola, a família, etc (BOURDIEU 2018, p. 35).

Ainda relacionado a questão sexual da dominação masculina, nota-se que não há simetria nessas relações, visto que os dois mantêm pontos de vista diferentes em que o homem enxerga como um ato de apropriação e de posse, já as mulheres associam a relação sexual à afetividade, por vezes nem levando em consideração a penetração, mas incluindo um outro leque de possibilidades como, por exemplo, fala, abraço, toque, carícias, dentre outras. Bourdieu (2018, p. 36) ainda afirma que há uma relação de poder que envolve até mesmo o gozo durante o ato sexual, que, para o autor,

o gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar: assim Catharine Mackinnon sem dúvida tem a razão de ver a “simulação do orgasmo” (*faking orgasm*) uma comprovação exemplar do poder masculino de fazer com que a interação entre os sexos ocorra de acordo com a visão dos homens, que esperam do orgasmo feminino uma prova da virilidade deles e do gozo garantido por essa forma suprema da submissão. (BOURDIEU, 2018, p. 37, grifos do autor).

Ao considerar as formas de dominação masculina ligadas ao ato sexual que visa a reprodução ou mesmo a que considera o prazer durante a relação, percebe-se a virilidade como fator primordial para que ela, a dominação, estabeleça-se, ou seja, sem os aspectos que envolvem a virilidade (ereção, etc.) o homem pode se tornar frágil diante do seu objeto de dominação, a mulher.

Segundo Bourdieu (2018, p. 39-40), há uma construção social a partir das diferenças entre os corpos femininos e masculinos. Para o autor as significações partem dessa visão de mundo entre os gêneros em que o falo é um símbolo de virilidade tornando suas essências sociais hierarquizadas a partir dessa premissa. Ou seja, há todo um trabalho histórico de construção simbólica dos poderes e da dominação.

CAPÍTULO 4

4 BASES TEÓRICAS E ANÁLISE DO DISCURSO DE TEMER

Para a compreensão dos aspectos analisados nessa pesquisa é preciso fundamentá-los através de teorias que buscam explicar como tais fenômenos linguísticos podem ocorrer a partir de um enunciado e, assim, reverberar em outros transformando-o em acontecimento discursivo. Diante disso, ao apresentar os arcabouço teórico provavelmente a análise do *corpus* estará em consonância, pois, na Análise do Discurso teoria e análise não se separam, uma aparece à medida que é solicitada pela outra.

Nessa vertente, apresentaremos neste capítulo um breve histórico para teorizar as questões acerca da misoginia, termos nem sempre conhecidos por todos os leitores e, a seguir, alguns aspectos da misoginia e do machismo presentes, segundo nossa interpretação, no pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, oito de março de 2017.

4.1 A história do referencial misógino

A misoginia nasceu na e com a virilidade, por isso, falar sobre misoginia na atualidade torna-se um desafio no que tange a credibilidade dada ao assunto. O preconceito em relação a existência ou não da misoginia ocorre de forma similar ao preconceito em relação ao feminismo, os “cidadão de bem” insistem em não crer que as duas vertentes existam e mais, repudiam, em muitos casos, os simpatizantes dessas regularidades.

Surge então a dúvida, falar sobre misoginia seria endossá-la ainda mais no século XXI ou seria trazer à tona as perspectivas e as premissas da existência desse fenômeno linguístico e histórico social? Bem, diante do cenário preconceituoso e permeado de retrocessos, tal discussão deve ser levantada sob expectativa de demarcação de sua existência para assim, posteriormente, pensar práticas de enfrentamento para uma redução de tal problemática que oprime as mulheres desde a sua existência.

A prática social da linguagem se dá pelos falantes da língua e levamos em consideração, nessa pesquisa, que o falar precede um fazer, mas, segundo Bloch “a

misoginia é um modo de falar sobre as mulheres, diferente de fazer algo a elas”, mesmo assim a expressão de Bloch (1995, p. 12), apresenta, já na introdução de seus estudos sobre Misoginia Medieval, que a linguagem é o que reforça o poder-fazer sobre a mulher, pois a medida que o discurso é proferido o mesmo pode tornar-se convencionalizado e realizável. O mesmo autor ainda afirma que “o discurso pode ser uma forma de ação e mesmo de prática social, ou pelo menos um em seu componente ideológico” (BLOCH, 1995, p. 12).

O problema da misoginia é que:

Boa ou má, laudatória ou depreciatória, a redução da Mulher a uma categoria implica, na nossa cultura – e isto devido a um real desequilíbrio histórico de poder possessivo – uma apropriação que não ocorre quando afirmações igualmente generalizantes são empregadas para o homem ou para os homens. (BLOCH 1995, p. 12-13).

Nessa perspectiva, a linguagem é usada como fator sexista e dominante à medida que é usada para oprimir e/ou depreciar a mulher, fazendo com que o binarismo homem/mulher esteja cada vez mais presente na sociedade machista e misógina. Bloch (1995, p. 13) apresenta o discurso da misoginia como algo repetitivo com o intuito de “tirar as mulheres individuais dos eventos”, isto é, reduzi-la a uma categoria inferior.

A visão particularmente negativa que influencia nos gêneros sexuais ainda hoje tem origem na construção cristã dos mesmos, pois, segundo Bloch (1995, p. 17) os primeiros Padres da Igreja definiam os elementos que compunham os gêneros sexuais em:

(1) uma feminização da carne, ou seja, de acordo com a metáfora da mente e do corpo, a associação do homem com *mens* ou *ratio* e da mulher com o corporal; (2) a estetização da feminilidade, ou seja, a associação da mulher com o cosmético, o superveniente, ou o decorativo, (...); e (3) a teologização da estética, ou a condenação em termos ontológicos não só da esfera da simulação ou das representações, de “tudo o que é emplastrado por cima” nas palavras de Tertuliano, mas também, de praticamente tudo o que é prazeroso ligado à corporificação material. (BLOCH 1995, p. 17, grifo do autor).

Tais elementos engloba a mulher nas perspectivas relacionadas unicamente aos prazeres materiais, sejam eles corporificados pelo consumo: compras, estética,

beleza; ou pelo *bel* prazer permitido pelo corpo feminino também ligado a reprodução. Essa definição considerada pela Igreja leva às “fetichizações negativa e positiva do feminino”, ambos, segundo Bloch (1995, p. 19), levam a um feito idêntico na sociedade, considerado aqui como o efeito da futilização de tudo que envolva o sexo feminino.

Bloch (1995, p. 18) associa a existência da misoginia também como um fator originário a partir das artes representadas na Idade Média por meio das cantigas trovadorescas que a representavam ora como um ser inatingível que causava dor e sofrimento no homem, a cantiga de amor, ora na mulher apaixonada que esperava pelo ser amado em campos e montanhas, a cantiga de amigo. Pode-se, portanto, associar a depreciação da mulher, partindo do sujeito da misoginia como um ser representativo de dor e sofrimento, ora por ser inatingível, o sujeito do amor platônico, e em outro momento por ser a mulher amada, que causa sofrimento em seu homem que foi para a guerra. Dessa maneira, a dor provocada pelo amor é transferida em ódio pelo objeto do amor: a mulher.

Além dessa ligação da antítese amor/ódio apontada pelos estudos de Bloch, o autor cita a mulher como faladeira. Para Bloch (1995, p. 24-26) a mulher é biologicamente mais faladeira que os homens e ainda as compara cientificamente às “cadelas que latem muito mais do que os machos da mesma espécie”. Nesse sentido “as mulheres equivalem a um aborrecimento da fala inerente à vida cotidiana” (BLOCH, 1995, p. 24).

Com efeito, essas representações da Misoginia Medieval têm alimentado o preconceito para com as mulheres desde o período medieval, pois, segundo o autor, isso “é certamente uma das principais matérias-primas do preconceito antifeminista”. O estereótipo da mulher como faladeira prejudica o casamento, já que, nenhum homem consegue aguentar uma esposa “queixosa, faladeira e esbanjadora”, termos usados por Juvenal, citado no livro de Bloch como um escritor de literatura antimatrimonial. Bloch ainda cita a fala de São Jerônimo a João Crisóstomo quando diz que “O homem que não briga é solteiro” (BLOCH, 1995, p. 25).

Ao questionar o ponto de vista que o autor apresenta sob o estereótipo da mulher como faladeira, ou seja, aquela que conversa demais, podemos alinhar essa postura desde a Idade Média à atualidade já que é comum ouvir expressões que reforçam esse pensamento dos homens em relação ao sexo feminino. A mulher como fofqueira, a que fica na janela de casa observando quem entra e quem sai da casa

do vizinho, crescemos ouvindo e reproduzindo esses dizeres acerca das mulheres com quem convivemos, mas, de acordo com Tayná Leite, analista comportamental, isso é um mito, pois, “Há um incentivo social, quase que uma pressão para estimular a competição entre mulheres e isso acaba sendo alimentado através de piadinhas, frases de senso comum e reprodução de estereótipos⁷”. Tayná ainda afirma que não há comprovação científica para tal construção discursiva e depreciativa que circula em todos os âmbitos independentemente da classe social dos sujeitos.

Há ainda o estereótipo da mulher traiçoeira, visto que a mulher, por meio da linguagem, traiu a Deus quando conversou com a serpente segundo os escritos sagrados citados por Bloch. O autor diz que, “se a mulher é bonita, todos a desejam (...) e ela acabará sendo infiel; mas se não for bonita, precisará agradar muito mais e, do mesmo modo, trairá eventualmente” (BLOCH, 1995, p. 26). Ou seja, segundo postulados da misoginia medieval, de qualquer forma a mulher não é confiável. “É difícil guardar o que muitos desejam; é maçante ter o que ninguém acha valer a pena possuir”, ou seja, as mulheres feias, além de sofrer os estereótipos tais como as bonitas, ainda sofrem pela indiferença de seus maridos por considerarem “humilhante ter o que ninguém quer possuir” (BLOCH, 1995, p. 27). Diante disso, o sentimento de posse já demarca uma relação de poder entre os sexos existente desde a era medieval. Bloch (1995, p. 29) liga a mulher a constantes contendas e confusões,

A qualidade da mulher de provocar confusão liga-se, na concepção medieval do problema, a do discurso; de fato, parece ser uma condição da própria poesia. Se a recriminação contra a esposa é de que ela é um amontoado de abusos verbais (...), tais aborrecimentos ao menos fazem dela a companheira de viagem do poeta. (BLOCH, 1995, p. 29).

Dessa forma, a presença da mulher na vida do homem perpassa apenas a faixa decorativa, a objetificação que a limita se assim for conveniente ao seu esposo, de acordo os estudos de Bloch, embasados pela misoginia medieval. Tal teoria também se apoia nos postulados bíblicos que, além da formação de Eva a partir da costela de Adão, a representa como a traiçoeira por ter ouvido a serpente e também por limitar a fala aos homens de forma generalizada. Alguns estudos afirmam que o Gênesis sacerdotal confirma a criação dos sexos de forma simultânea, considerando-os iguais,

⁷ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/especialista-desconstrui-mito-de-que-mulher-faz-mais-fofoca/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

mas a versão jeovista da Criação considera a mulher um ser secundário “o homem, a imagem de Deus, a mulher, a imagem do homem” (CORINTIOS, 11, 7-8 *apud* BLOCH, 1995, p. 33). Nessa dicotomia, a mulher torna-se apenas um complemento, um adjunto do homem. João Crisóstomo novamente é citado quando diz que “formado primeiro o homem tem o direito à honra maior. São Paulo assina sua superioridade quando diz: o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher do homem” (CORINTIOS, 11:9 *apud* BLOCH, 1995, p. 33).

Diante disso, “concebido como unidade e a mulher como diferença” (BLOCH 1995, p. 36), o homem se torna detentor do saber e do poder desde o início da sua existência. À luz de Hegel, Bloch diz que

As mulheres são passíveis de educação, mas não são feitas para atividades que demandam uma faculdade universal, tais como as ciências mais avançadas, a filosofia e certas formas da produção artística. As mulheres podem ter ideias felizes, gosto e elegância, mas não podem atingir o ideal. (BLOCH 1995, p. 37).

Para complementar a misoginia definida por Hegel, Segundo Bloch citando Lombroso havia o imaginário de que as mulheres não seriam capazes de serem escritoras, pois,

as mulheres estão associadas a uma oralidade abundante, que exclui ademais a escrita, porque ‘seus centros gráficos são menos desenvolvidos’. Se as mulheres precisarem escrever, recomenda-se que escrevam cartas, tidas como a forma escrita da conversação, o que ‘se ajusta ao caráter delas, e, mais uma vez, satisfaz sua necessidade de falar’. (BLOCH, 1995, p. 37-38).

Sem capacidade para as ciências e para a escrita, a mulher é aliada à serpente, que simboliza o prazer, com *sensus*, o corpo, o apetite e as faculdades animais, enquanto o homem é associado à inteligência, *mens*, *ratio*, à alma racional (BLOCH 1995, p. 38). Sendo assim, os referenciais misóginos presentes na sociedade contemporânea são explicados se considerados os estudos e a história cultural da relação homem/mulher desde a criação dos sexos.

4.2 A “homenagem” repressora como estratégia política disciplinalizadora

Para compor o *corpus* dessa pesquisa o pronunciamento do então presidente Michel Temer será transcrito em anexo desta pesquisa e fragmentado para efeitos de análise neste tópico. Vale ressaltar que a descrição pode ser encontrada na internet em uma página no *Youtube* na qual é apresentado também o vídeo de forma integral do pronunciamento. Mas, como e quando foi criado o Dia Internacional da Mulher e qual o objetivo desse dia? Essa data, segundo Blay (2001), surgiu no início do século XX a partir de movimentos operários de mulheres nos Estados Unidos e na Europa para reivindicar, dentre outras necessidades, o direito ao voto e as melhores condições salariais. Nesse contexto, ao ser criada essa data, o objetivo não consistia apenas em comemorar ou recordar as lutas e reivindicações das antepassadas, mas também de refletir acerca do papel da mulher na sociedade atual, na qual ainda se admite o preconceito e a desvalorização feminina, apesar dos avanços conquistados nos últimos quase duzentos anos.

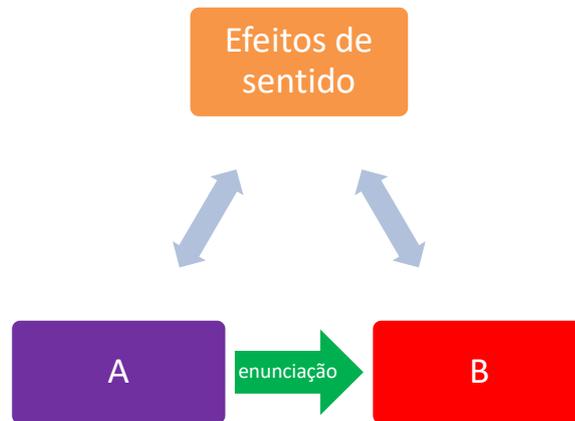
Assim, ao analisar o pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em homenagem ao dia da Mulher no ano de 2017, nota-se movimentos enunciativos atravessados por falhas, opacidades e contradições que são constitutivas do discurso e essa constituição se dá por meio de suas heterogeneidades representadas pelo interdiscurso.

Diante disso, ao considerar e narrar a história de vida e de feitos de si mesmo, o presidente considera a memória discursiva à qual ele está inserido para explicar as razões de existir as delegacias das mulheres na atualidade. Assim, o jogo enunciativo permite ao público brasileiro a retomada de uma memória discursiva a fim de perceber que realmente o presidente teria realizado feitos importantes para a nação. Porém, isso não o exime de seus interesses pessoais na construção dessa fala pois ao nos reportarmos às considerações de Foucault (1969) podemos afirmar que não há enunciado neutro, pois, a teia discursiva é proposta a partir do jogo enunciativo integrado por uma série de enunciados que desempenham papel no meio de outros enunciados.

Nessa perspectiva os dispositivos analíticos devem considerar além dos efeitos da memória, os da história, as ideologias e a heterogeneidade constitutiva mostrada e não a dita. Diante desse paradigma o analista deve buscar não a enunciação de

conhecimento que o presidente realiza, mas os efeitos de sentido provocados por essa enunciação.

Figura 5 - Efeitos de sentido



Fonte: Elaboração própria com base em Foucault (1969).

Se A alimenta B com elementos que reforçam a memória discursiva, a ideologia e a história, B poderá constituir enunciados a partir de:

- um referencial (princípio de diferenciação)
- um sujeito (uma posição que pode ser ocupada por indivíduos diferentes)
- um campo associado (domínio de coexistência para outros enunciados)
- uma materialidade (status, possibilidades de uso e de reuso).

Todos os elementos necessários para constituição do enunciado são dados por A para B, assim, os efeitos de sentidos são produzidos por uma relação de poder e saber realizada pela linguagem. O sistema de dispersão entre A e B é o que torna compreensível a ligação entre os enunciados a partir de seu conceito histórico e ideológico.

Nesse sentido, o referencial mostrado por Temer ao povo brasileiro, expectadores do pronunciamento, é o de que ele foi, no passado, um Secretário de Segurança Pública que alavancou a rede de proteção às mulheres criando a primeira Delegacia da Mulher no Brasil. O sujeito Michel Temer que outrora representava uma posição de destaque nacional e que na atualidade esse lugar é ocupado por outro Secretário de Segurança Pública. O campo de domínio dessa coexistência desse enunciado em relação a outros foi possível por meio de uma lembrança “e até conto muito rapidamente como isso se deu” e a materialidade que possibilita o uso e reuso

desse enunciado de acordo com a necessidade da constituição de sentido e do público privilegiado (B).

Para Orlandi (2009), é importante delinear e entender os atravessamentos discursivos a fim de mapear o sistema de dispersão mostrado pelo *corpus* de pesquisa. Ao fazer isso, o analista deve perceber os sistemas de exclusões e inclusões evidenciados na materialidade linguística. Por isso, é de suma importância para esta pesquisa discutir sobre as incongruências discursivas apresentadas pelo presidente nesse pronunciamento.

Tais contradições são representadas durante todo o texto, pois, no início, Temer ressalta a importância de se comemorar o Dia Internacional da Mulher até para lembrar suas conquistas ao longo dos séculos quando diz: “comemorá-lo significa recordar a luta permanente da mulher por uma posição adequada na sociedade”, tal posição que ele afirma ser de segundo grau e não de primeiro como deveria ser. Entretanto, nota-se que esses enunciados representam incongruências discursivas devido ao fato de que em meados de seu pronunciamento começa a reduzir a mulher ao cargo de dona de casa responsável pela economia no país, pois, segundo ele, ela é quem consegue perceber as diferenças de preços no supermercado: “ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor”, ou seja, só ela pode “dar conta” disso por ser a maior frequentadora desse ambiente. Mesmo assim, Michel Temer insiste que há uma grande participação das mulheres em debates públicos, ao dizer que “intensamente”, elas estão lá, presentes, “e hoje, como as mulheres participam em intensamente de todos os debates”, mas apenas nos debates relacionados à alta dos preços lá onde elas devem estar, nos supermercados, cuidando/participando da economia do país.

A afirmação de que as mulheres participam em todos os debates nos remete ao questionamento se realmente elas têm esse poder de participação considerando que há um número pequeno de mulheres inseridas na política na atualidade e, se relacionarmos com um debate recente entre os candidatos presidenciais no ano de 2018 destacamos o debate entre a candidata do PC do B (Partido Comunista do Brasil) Manuela D’Ávila e o candidato Ciro Gomes no programa de entrevistas chamado *Roda Viva*⁸. Durante o programa, Manuela foi interrompida 62 vezes pelos

⁸ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/06/manuela-davila-enfrenta-conservadorismo-machista-no-roda-viva>. Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

entrevistadores enquanto Ciro Gomes foi interrompido apenas 8 vezes. Acerca dessa tentativa grotesca de silenciamento, Bourdieu (2018, p. 87) afirma que

elas [as mulheres] têm dificuldade se de impor ou de impor a própria palavra, e ficam relegadas a um papel convencionalizado de “animadoras” ou de “apresentadoras”. Quando elas participam de um debate político, têm que lutar permanentemente para ter acesso à palavra e para manter a atenção, e a diminuição que sofrem é ainda mais implacável, por não se inspirar em uma vontade explícita e se exercer com a inocência total da inconsciência: cortam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher). (BOURDIEU, 2018, p. 87).

O caso teve repercussão nacional durante a campanha à presidência da República Federativa do Brasil em 2018, mas, mesmo assim, não houve respaldo do programa de TV e, muito menos, dos entrevistadores participantes do debate. Diante disso, essa participação intensa nos debates a que Michel Temer se refere é praticamente nula na realidade brasileira. Ademais, ao falar em economia, o ex-presidente faz um recorte quanto à economia doméstica, situando-a como a única em que a mulher é capaz de contribuir na sociedade através dos apontamentos acerca dos desajustes dos preços no supermercado excluindo as mulheres enquanto profissionais desse mercado no país.

Além disso, o presidente ressalta que a mulher conseguiu tudo até hoje por iniciativa própria, mas somente com a “compreensão” dos homens é que puderam se destacar no cenário nacional “É da compreensão dos homens, vamos dizer assim, mas do movimento muito entusiasmado, muito persistente, muito consistente, muito argumentativo até, das mulheres brasileiras”. Nessa conjuntura, não há como não comparar esse enunciado “muito argumentativo” ao fato de que as mulheres, na era medieval, eram consideradas faladeiras e estavam ligadas apenas aos elementos decorativos da vida, não poderiam, jamais, segundo escritores medievais, ser escritoras ou ocupar cargos que envolvam a ciência. Possivelmente é daí que Temer faz uso da expressão “E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego”, que delimita o papel da mulher, inicialmente ao serviço doméstico.

Outra contradição a ser ressaltada no pronunciamento analisado é o fato do ex-presidente citar a empregabilidade da mulher como algo que tem melhorado muito, quando diz que: “além de cuidar dos afazeres domésticos, (a mulher) vai vendo um

campo cada vez mais largo para o emprego. Porque hoje homens e mulheres são igualmente empregados”. Essa postura de MT nos remete a uma reflexão acerca dos trabalhos assumidos, de fato, pelas mulheres na atualidade, visto que, existem muitas que precisam assumir o cargo de provedor da família e além de cuidar dos afazeres domésticos, como ele diz, também se dedicam ao trabalho para sustentar e prover o poder socioeconômico familiar. Assim, não há igualdade, pois as mesmas continuam se dedicando a duas ou três jornadas de trabalho para dar conta de tudo mesmo sendo considerada o “sexo frágil” e ganhando menos que os homens em alguns cargos específicos.

Nota-se ainda no pronunciamento analisado a forma como o ex-presidente se refere a alguns interlocutores ali presentes, entre eles deputados, senadores e ministros. A linguagem utilizada para se referenciar aos homens segue todo o parâmetro de formalidade necessária, “Ela teve tanto sucesso, ministro Imbassahy(...)”, “(...), pois, precisamente, senador Medeiros(...)” tratando os homens pelo seu cargo e em seguida seu sobrenome: Antônio Imbassahy, Ministro da Secretaria de Governo e José Antônio Medeiros, Senador Federal. Entretanto, ao se referir às mulheres presentes durante seu relato, o presidente se esquia na forma de tratamento semelhante à que realiza com os homens, a ministra Luislinda Valois, ele chama apenas de Luislinda “(...)depois do discurso emocionado da Luislinda(...)”, ignorando o cargo e o sobrenome da ministra dos Direitos Humanos, naquela ocasião. O mesmo ocorre ao falar com Fátima Pelaes, Senadora Federal, Temer se refere a ela apenas como Fátima Pelaes “Quando a Fátima Pelaes(...)” não levando em consideração o cargo ocupado por ela. Com Elcione Barbalho, Deputada Federal, o então presidente não difere seu comportamento “(...)estabeleci que uma deputada teria assento, não é Elcione (...)” também ignorando o cargo exercido pela mulher.

Com isso, Michel Temer promove um silenciamento da pluralidade das mulheres citadas em seu discurso em seus cargos específicos, alinhavando-as a uma mesma condição e, quando traça diferenças, ele estabelece hierarquias a partir do seu próprio olhar. É preciso atentar-mo-nos a essas ações discursivas, pois, silenciar o cargo significa escamotear a relevância sócio-política das mulheres, uma amostra grátis do que aconteceria no ano seguinte com Manuela D’Ávila. Acerca desse comportamento sexista, em relação à linguagem utilizada para o tratamento dos gêneros, Fishman (2010) afirma que há uma relação hierárquica entre homens e mulheres inerente nas palavras que são usadas para nomeações genéricas e que,

Para designar profissionais do sexo feminino (Miller e Swift, 1976); o uso assimétrico de nomes e sobrenomes – as mulheres são mais frequentemente chamadas pelo seu primeiro nome e homens pelo sobrenome, mesmo estando em posições hierárquicas semelhantes (Thorne e Henley, 1975) (...) Estudos sobre forma gramatical e vocabulário documentam a realidade da superioridade masculina expressa na língua inglesa. (FISHMAN, 2010, p. 32-33).

Assim, a linguagem hierárquica usada pelo presidente confirma os postulados de Foucault (2010) de que os discursos não são neutros, mas carregados de ideologias predominantes de uma sociedade patriarcal e machista, os quais Michel Temer aciona em seu discurso. Diante disso, a invisibilidade feminina vai tomando forma e sendo convencionalizada desde os primórdios da vida humana na terra. Fishman (2010) diz ainda que o trabalho das mulheres é ignorado por se “tornar um aspecto de identidade de gênero em vez de atividade de gênero” (FISHMAN, 2010, p. 47). Ou seja, as relações de poder entre homens e mulheres são socialmente estruturadas por meio da linguagem e reforçada por meio da repetição. E, se esse reforço vem de um sujeito que ocupa o cargo máximo como representante político de um país, torna-se cada vez mais imprescindível equalizar os direitos das mulheres aos dos homens, sejam eles, linguísticos e/ou sociais, pois, as desigualdades de gênero são, continuamente, remarcadas no funcionamento da língua e da linguagem.

Vale destacar que pesquisas acerca das eloquências no discurso em homenagem ao Dia da Mulher no ano de 2017, proferido pelo então presidente Michel Temer, estão sendo realizadas desde o momento do acontecimento discursivo. Assim, é importante considerar os apontamentos de Jamison & Santos (2017) baseados na perspectiva da Análise do discurso Crítica (ADC), diferentemente da vertente de Análise do Discurso em linha francesa (ADF) utilizada nesta pesquisa, em que ressaltam os moduladores discursivos embrenhados no discurso de Temer. Nesse artigo, intitulado de *Modulações no discurso de Michel Temer sobre o papel da Mulher: uma análise crítica e Pragmático-emotiva*, as autoras investigam os moduladores estilístico-comunicativos a fim de identificar a forma como a mulher é representada no discurso do presidente em exercício. Para isso, consideram a linguagem como espaço de luta hegemônica, uma vez que, recursos linguísticos são utilizados como forma de estereotipação da imagem da mulher como dona de casa e ÚNICA responsável pela boa educação dos filhos e da identificação das flutuações econômicas a serem

observadas em um espaço econômico definido: o supermercado. Nessa perspectiva, Jamison & Santos (2017, p.181) afirmam que

a maneira pela qual todos nós, mas, principalmente as pessoas em posição de poder falam sobre as mulheres impactam na forma como elas são vistas, tratadas e, ao final, recebidas por instituições que dispõem de mecanismos para ajudarem ou piorarem a vida dessas mulheres. (JAMISON / SANTOS, 2017, p. 181).

Ou seja, o discurso como prática social pode interferir, sim, segundo as autoras, na construção discursiva dos estereótipos negativos relacionados à Mulher e as tornam responsáveis pela construção de famílias saudáveis, isentando o homem da participação nas atividades domésticas e da educação dos filhos. Além disso, para Jamison & Santos (2017), as ideologias machistas presentes no discurso de Temer promove o apagamento do papel feminino no cenário político, considerando que em seu governo não havia representação feminina nos ministérios.

O estudo de Jamison & Santos (2017) contribui para a confirmação dos pressupostos levantados por essa pesquisa, haja vista que, as ressonâncias do pós-discurso demonstram representações enunciativas que desvalorizam as mulheres no âmbito político. Para contextualizar o cenário político existente em 2017, torna-se imprescindível elencar a memória discursiva constituída naquele período pós-impeachment. Dilma Rousseff foi destituída do poder de governança da república federativa brasileira no ano de 2016 e a assumência de Michel Temer, enquanto vice-presidente, ocorreu em meio a conturbadas acusações de golpe político. Diante disso, tornou-se fundamental para a presidência regida por Michel Temer em 2017, o trabalho discursivo de desvalorização e apagamento, silenciamento da Mulher no cenário político brasileiro em busca do “esquecimento” do governo Dilma. Foucault (1997), citado por Jamison & Santos (2017), salienta que a “ordem política é mantida por meio da produção de corpos dóceis-passivos, subjugados, e através de técnicas institucionalizadas, mas também, internalizadas nos indivíduos por meio de ações reguladoras”, ou seja, as técnicas institucionalizadas e ações reguladoras são as representações enunciativas de representantes do povo, daqueles que estão no poder, fazendo com que o que disserem, seja tido como verdade.

Outro trabalho relevante a ser citado nessa pesquisa é *A Histórica e as Belas, Recatadas e Do Lar: Misoginia à Dilma Rousseff na concepção das Mulheres como costelas e dos Homens como cabeça da política brasileira*, um artigo de MARANHÃO,

PEDRO & ZDEBSKYI (2017, p. 226), que ressalta os adjetivos negativos atribuídos pela mídia a Dilma Rousseff após o impeachment e da sua substituição interina por um governo marcado pelo “masculinistério”, ou seja, um governo marcado por um ministério formado, exclusivamente, por homens. Os autores citam as premissas do início do século XX, às quais as mulheres eram consideradas “rainha do lar” e, assim, impossibilitadas de votar e de serem votadas. Tudo isso pautado em uma educação exclusiva para as mulheres em que eram “confinadas à esfera do lar e ao cuidado da família”. Ao citar Hahner (2003, p. 123-124 apud BARBOSA; MACHADO, 2012, p. 92), os autores afirmam que

as meninas deveriam aprender a cuidar bem de suas casas, pois lhes cabia a obrigação de garantir a felicidade dos homens (...) enfatizando-lhe o poder de orientar moralmente suas crianças e fornecer bons cidadãos ao país.

Assim, o cuidado com o lar e com os deveres cidadãos estavam garantidos, pois, o lugar da mulher era esse, pré-estabelecido pelos homens do início do século XX, serem boas esposas e boas mães.

Nessa perspectiva estava impregnada a teoria da *incapacidade da mulher*, que concebia que as mulheres eram *emotivas e instáveis*, e que sob pressão pública não conseguiam tomar decisões racionais. Além disso, esta teoria supunha que a inaptidão feminina na esfera pública era natural e não cultural, e reforçava que as mulheres eram inferiores aos homens com base em princípios formulados no âmbito interpretativo masculino. (MARANHÃO, PEDRO; ZDEBSKYI, 2017, p. 227).

Com isso, a misoginia estava instaurada nesse ambiente político e legitimada pelos discursos incapacitantes e inferiorizantes posteriores ao século XX, como o interpelado nessa pesquisa, o de Michel Temer, em “homenagem” ao dia da mulher em 2017 (século XXI), que, apesar de falar em “força motriz” da Mulher e de citar a Constituição de 1988 com os direitos e deveres, remete a enunciados carregados de desigualdade de gênero.

No texto de (MARANHÃO, PEDRO & ZDEBSKYI 2017, p. 238), os autores assumem a postura do patriarcado enquanto “discurso normativo de papéis familiares com o objetivo de confinar as mulheres à esfera privada, distante dos espaços políticos de poder e de decisão que há séculos são dominados por homens”. Tal

postura enfatiza os posicionamentos contrários aos representados por políticos machistas e misóginos e o total repúdio às manifestações de ódio dedicadas a ex-presidenta Dilma Rousseff durante o processo de impeachment no ano de 2016. As inferências do interdiscurso religioso identificados pelas citações bíblicas comparando a Mulher à Costela de Adão corroboram as tentativas de colocar as mulheres da sociedade atual em seu lugar delimitado no mundo, o lugar de submissão aos homens.

Ao considerar os trabalhos supracitados compreende-se que as pesquisas acerca da discursividade analisada no pronunciamento do ex-presidente Michel Temer refletem a negatividade presente no mesmo em relação às mulheres brasileiras. Isso ocorre porque as duas perspectivas estudadas apontam para a desvalorização da mulher no cenário político tomada nesta pesquisa como fator relevante para a tentativa de manutenção do poder hegemônico regido quase que exclusivamente, por homens.

CAPÍTULO 5

5 RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS

A linguagem é o que rege a sociedade e a mesma se manifesta em diferentes instâncias comunicativas. Nesse sentido, a materialidade linguística toma formas e sentidos a depender do suporte ao qual está inserida, ou seja, a plasticidade dos gêneros textuais permitem a adequação do discurso a um gênero específico. Assim, consideramos que as ressonâncias implicam relações com os discursos atuais. Nesse sentido, os gêneros “são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”, ainda que não sejam “categorias taxionômicas para identificar realidades estanques” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Diante desse fenômeno, nota-se a importância social do gênero textual para a sociedade.

Ao falar em importância social do gênero textual torna-se imprescindível discutir os avanços tecnológicos pelos quais os mesmos são submetidos para atender às necessidades da comunicação. Na atualidade, por exemplo, utiliza-se o gênero textual e-mail em detrimento do gênero textual carta, antiga forma de comunicação. Hoje, a necessidade exige rapidez e excelência das formas de comunicação e, assim, foram aparecendo outros meios de comunicação rápida como o das mensagens de texto por meio de chats *online* como *Messenger* e *WhatsApp*. Além disso, com o crescente uso da tecnologia informatizada e criação de redes sociais como *facebook* e *twitter*, além das plataformas de publicação de vídeos *Youtube*, houve a busca pela interação dos internautas para que se manifestassem acerca das publicações realizadas. Com isso, o gênero comentário ganhou força e cada vez mais vem se constituindo como formador de identidades sociais.

Vale destacar ainda que o gênero textual comentário por existir em ambiente virtual permite a divulgação de identidades performáticas na busca incessante pelo *ethos* constitutivo da linguagem, pois, por estarem blindados por uma tela de computador que camufla a verdadeira identidade do autor, ele se sente com uma certa liberdade de expressão que não teria face a face, fazendo uso, inclusive, de comentários permeados de discurso de ódio, como homofóbicos, machistas, misóginos e feministas. Maingueneau (2005), no primeiro capítulo de *A construção do ethos*, preconiza que:

A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. (MAINGUENEAU, 2005, p. 13).

Nessa conjuntura compreende-se que o uso desse gênero que é o comentário busca o convencimento de um público leitor por meio de sua enunciação interdiscursiva e isso ocorre porque o *ethos* é imposto sobre o sujeito a depender da formação discursiva a qual ele se insere, haja vista que

o comentário é o grau mais importante de envolvimento de um usuário, porque exige, além de uma navegação e leitura atentas, disposição e capacidade de contribuir para a ampliação da publicação. É um outro texto, que revela o percurso construído pelo leitor e que soma outros sentidos ao primeiro. (BERTUCCI; NUNES, 2017, p. 323).

Para entender esse sistema complexo de ação social que se tornou esse gênero é preciso considerar três pontos fundamentais da concepção de Bakhtin (1992), o primeiro em que ele sempre aborda um tema (conteúdo) num dado contexto; depois, a presença de uma composição característica (estrutura textual/gramatical); e o estilo (as opções) do autor para expressar e enunciar seu texto.

Para Foucault (2010), o comentário atenderia a outra formação discursiva que compreende às transformações pelas quais perpassam os dizeres, seguindo a premissa de que “o novo não está no que é dito mas no acontecimento a sua volta” (FOUCAULT 2010, p. 26). Assim, o comentário “permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado” (FOUCAULT, 2010, p. 26), nessa conjuntura a percepção de que o comentário seria, então, uma reconstituição do dizer, para o filósofo, fica evidente.

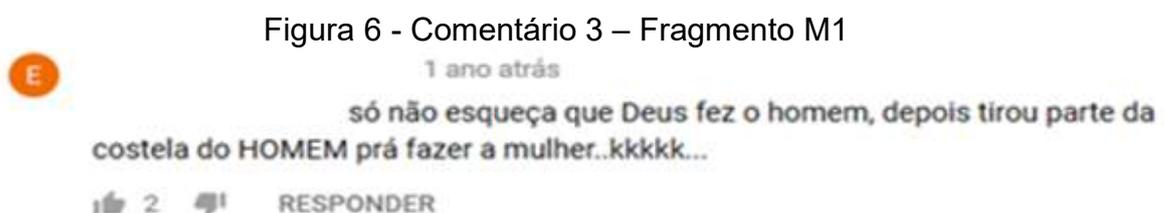
Tais assertivas bakhtinianas e foucaultianas levam os gêneros discursivos a serem considerados “relativamente estáveis”, pois, vão existir, no ato da interação comunicativa, interferências tecnológicas linguísticas, discursivas e sócio-históricas. Assim como é possível perceber nos comentários publicados após o pronunciamento de Michel Temer em homenagem ao dia da mulher, pois, são construídas, ao longo das publicações, reverberações acerca dos próprios comentários, ou seja, comentários dos comentários, os quais serão chamados de ressonâncias discursivas para efeitos de análise.

Em virtude da representação das reverberações discursivas que ocorreram após a publicação do vídeo do pronunciamento do então presidente Michel Temer, foram selecionados, de acordo com as regularidades enunciativas, alguns comentários de internautas que deixaram a sua perspectiva/indignação registrada na página. Foram segmentados 8 comentários ao todo acerca das regularidades: três machistas, dois misóginos e três feministas. A nível de organização representativa e por se tratar de conteúdo em plataforma de livre acesso, os autores dos comentários não serão identificados, por isso, os mesmos serão apresentados como M1, M2 e M3 os fragmentos machistas; MG1 e MG2 os fragmentos misóginos; e, F1, F2 e F3 os fragmentos feministas.

5.1 Comentários machistas

Para efeitos de análise serão tomados como enunciados machistas aqueles que representem características da masculinidade hegemônica, pois, é por meio das relações de poder entre os gêneros que a hierarquia se constitui, claro que a história a qual tem a virilidade masculina como imagem simbólica do poder é responsável pelas construções ideológicas e identitárias, e é por meio da história do corpo social que as masculinidades irrompem e se tornam discursivas.

Aos enunciados discursivos compreendidos por um conjunto de leis, coisas, ideias, atos e práticas, palavras e textos, ditos e não ditos Courtine (2013, p. 27) chama de dispositivo e são esses dispositivos que serão perscrutados, identificados e analisados nessa pesquisa. Assim, representações de rudeza e firmeza, dominação e autoridade serão tomadas como enunciados machistas. Seguem alguns fragmentos retirados da página do *youtube* logo a seguir do vídeo disponibilizado na internet:



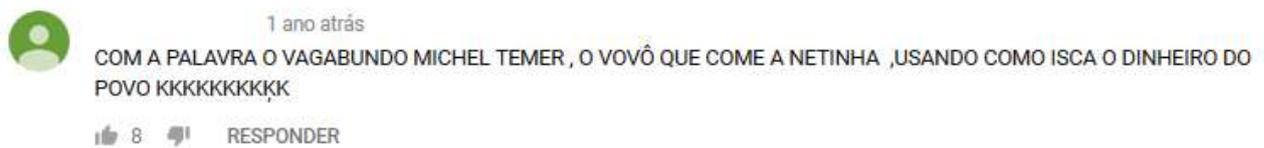
Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

Figura 7 - Comentário 4 – Fragmento M2



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

Figura 8 - Comentário 5 – Fragmento M3



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

O campo de comunicação compreende os comentários pós-discurso presidencial em comemoração ao Dia Internacional da Mulher e os elementos que o envolvem (tema, estilo e conteúdo composicional) que compreendem as relações de poder engendradas pelo discurso machista de um sujeito misógino. Nesse sentido, segundo Fonseca (2003, p. 28), “não se trata de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, mas de pensar nas relações de poder a partir do confronto das estratégias de poder/resistência”.

Tais confrontos binários entre homens e mulheres são retomados no instante em que o saber/poder deve prevalecer. Nesse sentido, o homem busca a toda maneira reforçar a sua hegemonia, apontando para uma suposta superioridade em relação ao sexo oposto. Isso é perceptível no fragmento M1, quando o internauta relembra a passagem bíblica que diz assim:

(...) Mandou pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão. (GÊNESIS 2, 7, 18 – 23).

À partir de tal referência, o internauta retoma o fato bíblico de que a mulher foi feita da costela de Adão, ou seja, de que ela realmente é fraca e, por isso, deve ficar em seu lugar de origem, submissa e “Do Lar”, de acordo com Temer. Isso ocorre

devido a formação discursiva religiosa desse sujeito enunciativo que toma como verdade um elemento religioso para enfrentar uma situação de diferença entre os gêneros. Para Bakhtin (2002, p. 121) “a enunciação é um produto de interação social sobre um ato de fala determinada pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo”, assim, o comentário carregado de atravessamento discursivo religioso foi um produto, ressonância da interação entre o pronunciamento do ex-presidente que dialoga com essa premissa bíblica quando diz “E hoje, graças a Deus, as mulheres, sem embargo das dificuldades, têm uma possibilidade de empregabilidade que não tinham no passado” (TEMER, 2017), a expressão religiosa dialoga de forma ressignificada pelo versículo bíblico e demonstra que o pronunciamento de Temer também sofre atravessamentos.

No fragmento M2, considerado nessa pesquisa como machista representa a fala de alguém que considera que para que a mulher tenha direitos iguais aos dos homens, elas devem se submeter aos mesmos trabalhos braçais, pesados que exigem habilidade e força como, por exemplo, descarregar 500 sacos de cimento de um caminhão, como se o gênero se demarcasse pela força, uma questão de oposição forte/fraco, ou seja, a mulher é quase sempre reconhecida como fraca e o homem, como forte, detentor do porte físico avantajado, mais alto, mais poderoso, capaz de carregar 500 sacos de cimento. Além disso, o cimento é um material relacionado à construção civil que é um espaço demarcado por homens e, por conseguinte, pelas relações de poder. Essa construção social de quem é forte e quem é fraco é reforçada pelos estereótipos que reproduzimos constantemente.

Uma visão capitalista de mão de obra formada por homens fortes para medir a importância dos sujeitos de acordo com a sua capacidade física para o trabalho, não considerando que à partir dos discursos do biopoder, a capacidade física também é uma construção social, na atualidade, quem é forte tem saúde e dinheiro para custear os processos que garantem o ganho de massa corporal, bem como a alimentação que é específica para esse público.

No século XVII, a figura masculina realmente deveria representar uma postura apta e competente. Foucault (1987) em *Vigiar e punir*, faz uma descrição perfeita de como os homens eram escolhidos para o serviço militar:

a atitude viva e alerta, a cabeça direita, o estômago levantado, os ombros largos, os braços longos, os dedos fortes, o ventre pequeno,

as coxas grossas, as pernas finas e os pés secos, pois o homem não poderia deixar de ser ágil e forte. (FOUCAULT, 1987, p. 162).

Nota-se que, ao longo da história, o homem teve o seu corpo moldado, forjado para ser um corpo trabalhador e, também, o corpo de um soldado. Por isso, a memória do sujeito revisita os construtos sociais de força que o homem representa na sociedade e utiliza desses enunciados atravessados para enfrentar uma possível luta de poder, já que o discurso é uma arena de lutas, com as mulheres. Esses possíveis sentidos podem atrelar a desigualdade de gênero à uma desigualdade de forças

No fragmento M3, é possível notar a presença do machismo ao tratar a mulher como objeto sexual “o vovô que *come* a netinha”. A expressão *comer a netinha* revela um universo violento ligado à pedofilia, ato criminoso realizado por homens adultos contra menores de idade, nesse caso, a *netinha*. Violência sexual, que está muito ligada ao discurso machista que consideram mulheres e meninas como objeto sexual, algo que satisfará sua necessidade biológica, carnal, como diria na bíblia. Dados do Ipea⁹ de 2011 relatam que 70% das vítimas de violência sexual no Brasil são crianças e adolescentes e dados mais recentes de 2014 do mesmo Instituto apontam para um caso de estupro notificado a cada onze minutos no país. Outro fato relevante apontado nessa pesquisa é de que a maioria dos agressores, cerca de 24%, são os pais, padrastos ou parente próximo da vítima. Ademais, fazer sexo com a neta utilizando “dinheiro público”, como citado no fragmento do comentário analisado representa o poder econômico do homem adulto que estimula ao interesse financeiro entre as pessoas envolvidas, geralmente as vítimas são pobres e precisam da oferta de dinheiro em troca de sexo, assim como Michel Temer tenta submeter as mulheres ao inferir que elas devem estar no ambiente doméstico, do lar, para assim, serem exploradas pelo poder econômico dos homens.

Nessa perspectiva, O sentimento de posse, de tomar para si algo que não é de ninguém, algo sem dono. “Comer”, é um verbo que faz lembrar o seu ato, quando se come algo, ele é digerido e, posteriormente, acabado, reduzido a excrementos. Também quando se diz: Ele comeu o texto, a ambiguidade do verbo comer reflete a leitura: Ele leu o texto. Relacionando, então, três possíveis sentidos para o verbo comer: se alimentar, ler e fazer sexo, esse último sentido foi o utilizado pelo internauta

⁹ IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Dados publicados em 24 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>. Acesso em: 23 jan. 2020.

para expressar a postura do ex-presidente. *Comer* também faz parte do universo bíblico quando Eva, curiosa, experimenta do fruto do pecado e *come* a maçã, não obstante ela dá o fruto para que Adão também *coma*. Nessa ação descrita por Calçado (2019, p. 220) à partir da interpretação de Gênesis 3, Eva, a mulher é acusada de toda transgressão que acabou com a paz no Jardim do Éden, levando o homem ao total descontrole, “o animal astuto conversou com a mulher porque ela era mais suscetível a ser enganada. Eva era mais fraca, mais tentável do que o varão, símbolo da racionalidade” (CALÇADO, 2019, P. 219). Assim, novamente a antítese forte/fraco se relaciona com a desigualdade de gêneros apresentada nessa pesquisa.

O sujeito enunciativo mobilizou seus conhecimentos de mundo por meio de sua formação discursiva a qual não aprecia tanto o comportamento de Michel Temer, mas demonstra sua postura de acordo os preceitos da masculinidade hegemônica pela utilização do verbo *comer* referenciando-se ao ato sexual, modelo típico usado pelos conhecidos como machos alfa.

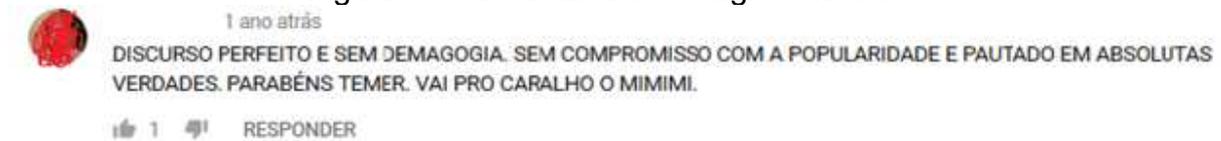
5.2 Comentários misóginos

Ancorado pelos estudos sobre a Misoginia Medieval de Bloch (1995, p.12) percebe-se que a misoginia não se conceitua pelo ato de fazer algo às mulheres, mas sim de falar algo sobre elas. Nessa perspectiva, a linguagem é o que reforça os estereótipos e o poder-fazer sobre a mulher, pois, à medida em que um discurso é proferido constantemente, ele ganha força e pode se tornar uma convenção devido às práticas sociais mobilizadas pelo componente ideológico dos falantes da língua.

A tentativa, então, passa a ser a de reduzir o valor ideológico do sujeito feminino, conceituando-a a uma categoria inferior sempre ligando-a aos prazeres materiais e aos elementos fúteis. “As mulheres equivalem a um aborrecimento da fala inerente à vida cotidiana” (BLOCH, 1995, p. 24) e essa referência ligada à linguagem das mulheres persiste em existir nos enunciados atuais em que constantemente as mulheres são apresentadas com o título de “fofoqueiras”, faladeiras. Sendo assim, a presença da mulher na vida do homem perpassa pelos elementos decorativos, objetificando-a para diversos fins: sexuais, domésticos, decorativos, etc. Assim, a misoginia consiste em um ódio e aborrecimento em práticas cotidianas das mulheres. Serão apresentados agora, alguns comentários retirados da página do *Youtube* após

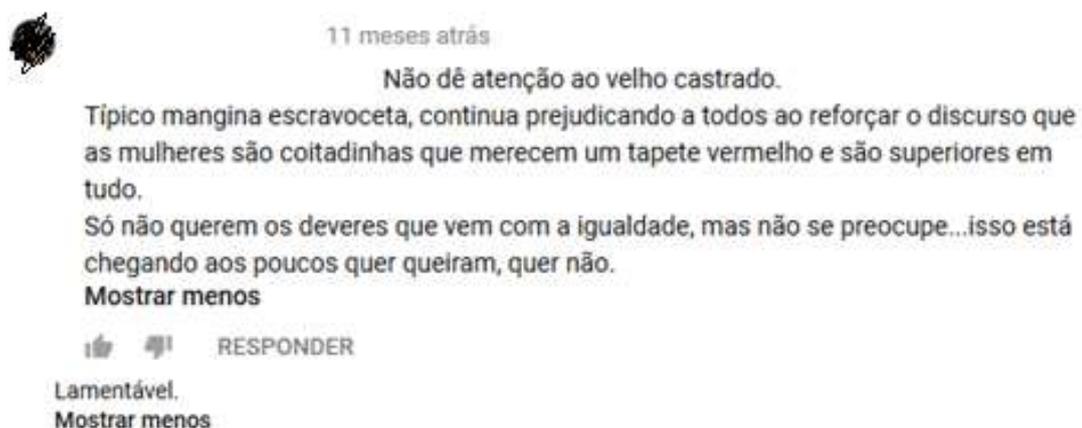
a apresentação do vídeo do pronunciamento do então presidente da república Michel Temer selecionados à partir da regularidade enunciativa ligada à misoginia:

Figura 9 - Comentário 6 – Fragmento MG 1



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

Figura 10 - Comentário 7– Fragmento MG2



Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

O enunciado do Presidente Michel Temer em homenagem ao dia internacional da Mulher (8 de Março) apresenta trechos que de forma sutil – dada a mescla com falas que dissimulam uma valorização, escondendo a desvalorização que despreza os direitos das mulheres conquistados à custa de muita luta e denunciam a subjetividade de Temer, que o inscreve como um sujeito misógino. O que não difere dos comentários apresentados nesta análise.

Ao analisar o fragmento MG1, nota-se que o internauta ressalta que o presidente traz algumas “verdades”, desconsiderando toda a linguagem em relação ao poder que a mulher exerce na atualidade. Segundo Foucault (2007 p.12) “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”, ou seja, a verdade é construída por meio das formações discursivas e das ideologias dos sujeitos. Assim, a *verdade* está ligada ao sistema de poder e aos efeitos de poder que a reproduz, o que Foucault (2017, p. 54) chama de “regime” da verdade, devido à sua ligação com a política representada pela figura do ex-presidente.

Para o sujeito da pesquisa a mulher é a responsável por detectar a exaltação dos preços e só pode sair para o mercado de trabalho se conseguir manter seus afazeres domésticos em dia. Outrossim, além de exaltar o bom posicionamento do ex-presidente Michel Temer em seu pronunciamento, o sujeito que comenta completa sua fala com uma expressão esdrúxula “vai pro caralho o mimimi”. Apesar de ser comum na atualidade esse tipo de expressão pode ser explicada à partir do significado do dicionário *online*¹⁰:

Caralho é o nome que se dá a aquela cesta no alto do mastro principal das caravelas, onde o marinheiro ficava para tentar ver terra ou outra coisa. É o pior lugar para se estar em uma embarcação. Lá tem calor, chuva e muito balanço, deixando a pessoa muito enjoada; É empregada, atualmente, para se referir a um lugar muito ruim. (Dicionário Informal *Google*).

Apesar de também ser conhecida por representar o órgão genital masculino em alguns contextos, “caralho” significa um lugar muito ruim. Nessa medida, o internauta deseja que vá para algum lugar bem ruim e longe esse tal de “mimimi”. Mas o que seria “mimimi” linguisticamente falando? Bom, de acordo com o mesmo dicionário *online*, “mimimi” significa reclamação, chororô. Na colocação em frase aparece “E lá vinha ela com aquele mimimi de sempre, falar das agruras que vivia como mulher abandonada”, ou seja, coisa de mulher, reclamona e faladeira, novamente os estereótipos se confirmam por meio das análises. Assim, “Vai pro caralho o mimimi” quer dizer “que esse enjoo de mulher vá para bem longe”, demonstrando ódio e aborrecimento a atitudes cotidianas da mulher, isto é, a misoginia.

PINTO (2019), em seu recente estudo acerca da metapragmática em espaços públicos online encontrou alguns significados para o termo “mi mi mi”, como esse que diz que em

uma revista digital (...) “o termo, que remete ao choro, é normalmente usado na tentativa de diminuir a manifestação de ideias de uma pessoa” (REVISTA FÓRUM, 2017, s/p). A definição poderia ser facilmente substituída por “diminuir o ato de fala de uma pessoa”. (PINTO, 2019, p.223).

¹⁰ Pesquisa realizada no Google e disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 23 jan. 2020.

A autora afirma que o termo é bastante produtivo nas redes sociais, pois é utilizado como recurso semiótico sintético e associado a recursos semióticos condensados como em frases estereotipadas (PINTO, 2019, p.223). Nesses termos, podemos caracterizar o uso do termo “mi mi mi” como referente à tentativa de silenciamento, visto que o mesmo é utilizado em um comentário considerado nessa análise a partir de suas regularidades como misógino, ou seja, revelando ódio e aversão a algo relacionado às Mulheres. Esse algo poderia ser sim, as reclamações e falácias contra as contradições reveladas pelo presidente Michel Temer (2017) acerca da representação feminina ligada apenas à economia doméstica e à educação dos filhos. Assim, a tentativa explícita de calar a voz feminina, concordando com o significado proposto pela Revista Fórum, citada por PINTO (2019) é realizada pelo internauta.

No fragmento MG2, o autor não concorda com a fala do presidente mas considera um absurdo a tentativa de superioridade das mulheres, muito menos da igualdade de direitos pela qual as mulheres lutam. Esse internauta intitula o presidente de “típico mangina escravoceta”, essa última palavra da expressão é considerada um neologismo criado à partir das palavras *escravo* + *buceta* que significa escravo de buceta, mas separadas as duas palavras trazem uma carga semântica que evidencia o efeito de sentido provocado. *Escravo*, de acordo com o dicionário *Pliberam* da língua portuguesa, significa “indivíduo que foi destituído de sua liberdade e que vive em absoluta sujeição a alguém que o trata como um bem explorável e negociável”. *Buceta* é uma palavra a qual o seu significado não foi encontrado nos dicionários *online*, no entanto, *Boceta*, escrita com a vogal “o”, pode se referenciar a: 1) pequena caixa redonda, oval e alongada; 2) caixa para guardar tabaco em pó; 3) determinado aparelho de pesca; e 4) designação vulgar de vagina, vulva. A designação de número 4 é a que mais se encaixa nos efeitos de sentido criados pelo sujeito enunciador que leva a entender que há uma repulsa em relação aos órgãos genitais femininos devido a utilização da junção das duas palavras *escravo* + *buceta*= *escravoceta* com o outro neologismo criado à partir de *homem* + *vagina*= *mangina*, que antecede a palavra *escravoceta*, representa a ligação do homem com o órgão genital feminino. A performatividade representada por esses comentários sugere que a integridade do macho alfa deve ser mantida pelo ato de delinear uma referência negativa do sexo feminino e, com isso, a repetição da sua superioridade sob a inferioridade do Outro

torna-se uma verdade construída pelas ideologias e formação discursiva dos sujeitos de análise. À luz de Witting, Butler (2017) afirma que

o desafio político consiste em tornar a linguagem como meio de representação e reprodução tratando-a como instrumento que constrói invariavelmente o campo dos corpos e que deve ser usado para desconstruí-lo e reconstruí-lo, fora das categorias opressivas do sexo. (BUTLER, 2017, p. 217-218).

Mas, para isso será necessário que a ciência rompa com as barreiras dos tabus e exalte pesquisas acerca das diferenças sexistas que oprimem as mulheres e que perpetuam o pensamento retrógrado machista e misógino.

5.3 Comentários feministas

A representação feminina relacionada ao acesso à educação e trabalho deveria, no século XXI, ser utilizada para modificar o cenário das diferenças provenientes do binarismo historicamente construído pela sociedade patriarcal. No entanto, nota-se poucas mudanças quanto a esse cenário mantido pelos discursos machistas e misóginos que perpetuam a linguagem de uma forma geral. Assim, os atravessamentos discursivos sejam eles, religiosos, familiares, políticos, econômicos alimentam a perspectiva de sujeito secundário, complementar aos homens.

O sujeito do feminismo é constituído por representações políticas e, portanto, discursivas, moldadas à partir de ajustamentos sociais que visam a normalização. Nessa perspectiva as relações de poder gerenciam as situações discursivas presentes no corpo social, pois, os enunciados considerados machistas e misóginos independem do sexo de origem, ou seja, também partem de mulheres, haja vista que esses pensamentos são carregados de ideologias e da formação discursiva desse sujeito, sendo assim, legitimados por elas mesmas devido a construção histórica de soberania e dominação masculina fortalecida pela submissão e sujeição do sujeito feminino.

Figura 11 - Comentário 8 – Fragmento F1



11 meses atrás

Muito ao contrário.

O conteúdo de seu post mostra claramente a inferioridade dos machos da espécie, e mostra como alguns permanecem como trogloditas ainda nesse séc. XXI.

No seu caso, é flagrante a postura do sujeito que despreza as evidências, e passa a usar o argumento dos esquerdistas militantes: insultar quem não conhece.

O conteúdo do seu post é uma antologia à cabotínice do macho residual da espécie: aquele que discursa a eito, em cima de superstições típicas do machista esquerdopata.

Lamentável.
Mostrar menos

Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo.

Figura 12 - Comentário 9 – Fragmento F2



1 ano atrás

Se é importâti a mulher na economia brasileira, que ninguém melhor do que ela para detectar flutuações de preços no supermercado ainda, além de cuidar dos "afazeres domésticos.(DIZ MICHEL TEME)

Então vc imagina uma Mulher governando o País!

O país ia conseguir superar as crises econômicas, para não afetar as pessoas menos favorecido, todos os projetos do crescimento do país ia sair do papel. Por q isso é da Natureza da Mulher, dar um bom conforto para a sua família de criar projetos para o bem estar da família, de não aceitar de ser chantageada por homem é por ninguém.

É o q ocorreu com a Dilma Rousseff , mulher zelosa q Ama o seu país ,como se fosse um marido ciumento e cuida como se fosse à menina do teus olhos!

Amar o país, é Amar o povo sem hipocrisia , Da a vida pelo povo , assim como a Mãe dà a vida pelo seu filho e ver os interesse do povo , assim como a mãe se preocupa com os interesse do seu filho.

A Mulher tem um poder muito grande ,à visão de Águia! . O homem tem q ver para Crer, a mulher Crer para depois ver , Essa e razão das religiões terem mais mulheres do q homens homem só tem força e, habilidade.

Mostrar menos

👍 🗨️ RESPONDER

Ocultar respostas ^



1 ano atrás

Força e habilidade, isso mesmo, são dois elementos essenciais para construir uma nação, descobrir novos horizontes e evoluir. Concordo que a mulher tenha uma visão de águia e seja zelosa, porém não é o caso da Dilma.

Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

Figura 13 - Comentário 10 – Fragmento F3



1 ano atrás

Elias Zago Bastos Bastos a mulher merece todos direitos do mundo e muito mais. agora quanto a descarregar caminhão não precisa ela já é engenheiros médicas advogadas executivas e manda em muito marmanjo por aí descarregar caminhão é pra analfabetos

👍 1 🗨️ RESPONDER

Fonte: inserir. Fonte: Site Portal do Planalto. Comentário sobre o pronunciamento publicado em vídeo

O comentário F1 apresenta um sujeito possivelmente feminista contrária aos posicionamentos machistas reverberados na sociedade. Isso é perceptível à partir de uma análise linguísticas de algumas palavras ou expressões citadas, como, “machos de espécie” e “trogloditas” que estão relacionadas ao sexo masculino. O “macho em espécie” é aquele que tem a capacidade de produzir o espermatozoide que é a célula reprodutiva, todos os animais que produzem essa célula são considerados machos cada um em sua espécie, nesse caso, um representante da espécie humana, de fato. “Troglodita” é

um adjetivo que deriva da língua latina e que tem a sua origem mais remota no grego. É usado para qualificar os seres humanos pré-históricos, que habitavam em cavernas, ainda que também seja utilizado para designar as personagens que, supostamente têm a aparência e que se comportam de maneira semelhante ao homem da Pré-história. (Dicionário Informal, *Google*).

Ou seja, o termo se refere a indivíduos considerados pouco civilizados, sem desenvolvimento e selvagens. Ao referenciar aos homens como “inferioridade dos machos de espécie” e “trogloditas” o comentário afirma que eles se comportam como homem das cavernas em pleno século XXI. Não obstante, há um outro lado representado pelo comentário, ao responder ao comentário anterior dizendo que o sujeito é um “esquerdista militante”, que envolve política ao citar a “esquerda”, os socialistas, pessoa contrária à “direita”, os conservadores liberais. “Militante” é a pessoa que se manifesta publicamente acerca das suas ideologias políticas. “Esquerdistas militantes”, então, não seria nada mais do que sujeitos de esquerda que se manifestam politicamente. Há ainda a expressão “machista esquerdopata” em que une o militante machista esquerdopata, essa última palavra considerada neurose marxista combinada com psicopatia¹¹

aquele que é militante de algum partido político de esquerda com características psicóticas. Um Comunista, Socialista, Marxista que tem noções distorcidas da realidade em razão da doutrinação ideológica sofrida em alguma fase da vida. Em razão da grave patologia, ignora os fatos e acredita em fragmentos da realidade ou em completas mentiras sobre o comunismo/socialismo. (Dicionário Informal, *Google*).

¹¹ Definição encontrada no Dicionário Informal online. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Nessa vertente, o comentarista introduz uma discussão de cunho político ao seu comentário defendendo uma ideologia à qual teve sua formação discursiva. Ainda nesse primeiro comentário chamamos a atenção para o termo “cabotínice” à qual o dicionário Pliberam¹² de pesquisas online se encontra o termo “cabotino” que significa alguém presunçoso, pretensioso, alguém que se exhibe para se impor. Vale ressaltar que há uma postura feminista nesse comentário ao defender as mulheres e citar as superstições típicas da masculinidade hegemônica.

Assim, a repercussão via comentários da matéria sobre o discurso inscrevem a mulheres em favor do feminismo em virtude da proporção do acontecimento, pois, partir do momento em que um discurso é instaurado na sociedade, ele é capaz de mobilizar os sujeitos em diferentes correntes com diferentes ideologias, o que caracteriza a resistência citada por Fonseca (2003).

No comentário F2 nota-se a presença da formação discursiva tipicamente feminina, que foi criada para cuidar realmente da casa e da família ao afirmar que “É da natureza da mulher dar conforto para sua família” e relaciona esse papel ao de Dilma Rousseff que poderia sim, ter sido como uma mãe zelosa para seu país, haja vista o “ama como um marido ciumento”, como se o ciúme fosse algo legítimo do amor, sentimento exclusivo do marido para com sua mulher. Esse mesmo marido ciumento (Dilma Rousseff) cuidaria da mulher (país) como se fosse a “Menina dos teus olhos”, expressão do senso comum que implica um cuidado extremo, porém o termo “menina” representa um apelo machista como se só as meninas merecessem cuidado e proteção, novamente a desigualdade de gênero presente na linguagem cotidiana. A “mulher com olhos de águia”, aquela que enxerga longe e que supera todos os obstáculos para proteção de seu lar. O comentário é finalizado dizendo que “Homem só tem força e habilidade”, retomando o que foi dito anteriormente acerca da produção histórica e social da força, a força é só uma característica biológica dos homens, ou seja, ela sozinha tampouco os homens retornam ao seu estado de “trogloditas”, como dito no comentário F1. A “habilidade”, portanto, seria a facilidade com que o homem utiliza a sua força para atividades como “carregar 50 sacos de cimento” como citado no comentário M 1 já analisado.

O terceiro comentário desta seção finaliza as análises dessas reverberações afirmando que de fato as mulheres não possuem só a força e habilidades dos homens,

¹² Disponível em Dicionário Pliberam de pesquisas online: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 24 jan. 2020.

mas sim, inteligência o suficiente para estudarem e serem profissionais como médicas, engenheiras, advogadas e outras, tornando possível obter condições financeiras para pagar a um homem que possua força e habilidade para descarregar um caminhão com 500 sacos de cimento. Além disso, nesse comentário há a presença de outros vocábulos como “marmanjo”, que significa rapaz robusto, forte, o que nos faz compreender a necessidade do marmanjo em receber pagamento por seus serviços, no caso, descarregar o caminhão de sacos de cimento. Nesse instante há também a presença da desigualdade social entre ricos e pobres, pois, somente os engenheiros, médicos, executivos e outros profissionais possuem condições de pagar pelos serviços dos marmanjos, considerados, no comentário, como analfabetos¹³, aquele que não tem instrução primária e, por isso não sabe ler ou escrever. Nesse sentido, a falta de oportunidades de uns pode representar a força e o poder de outros. Esse posicionamento econômico não difere da questão binária entre homens e mulheres.

Nota-se que as variantes discursivas em suas propriedades são inscrições em favor de algo ou alguém, ou seja, ora os comentários reconhecem o valor das mulheres para a sociedade, ora as diminui como ser em potencial para não mais do que cuidar da casa e dos filhos, o que evidencia a presença do discurso machista. Foucault (2010, p. 8-9) explica que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”. Assim, a seguinte assertiva do autor confirma a sanção normalizadora discursiva de Temer:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem (...), mas acima de tudo, por sua construção composicional (...) Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no *conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Assim, os três fragmentos feministas apresentam elementos distintos (tema, estilo e composição), no entanto, os três estão ligados por um objetivo comum e representam em sua materialidade linguística argumentos que tornam as mulheres

¹³ Segundo dados da página *online* do jornal O Globo, existem 11, 8 milhões de analfabetos no Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao> Acesso em 24 de janeiro de 2020.

seres diferentes dos quais são apontados pelo presidente e pelos comentários dos internautas considerados machistas e misóginos. Mesmo sem identificar qual é o sexo dos autores dos comentários percebe-se que os mesmos tomam a fala como instrumento de poder. Tal poder é utilizado para ressignificar os enunciados opressores e fetichistas em relação às mulheres. Sobre essa forma de utilização Butler (2017, p. 209) afirma que

A linguagem tem uma possibilidade dupla: pode ser usada para afirmar a universalidade verdadeira e inclusiva das pessoas, ou pode instituir uma hierarquia em que somente algumas pessoas são elegíveis para falar, e outras, em virtude de sua exclusão do ponto de vista universal, não podem “falar” sem desautorizar simultaneamente sua fala. (BUTLER, 2017, p. 209).

Por assim dizer, então, a inclusão e exclusão é que está em jogo. Nesse jogo enunciativo de relação de forças e de poder entre homens e mulheres que trabalha para manter a hierarquia depreciativa ou trabalha para ressaltar a importância da mulher no cenário nacional, assim como faz Michel Temer em seu pronunciamento no dia oito de março de 2017.

5.3.1 A legitimação feminina da dominação

Ao iniciar esse tópico com uma citação de Bourdieu (2018) acerca da legitimação da dominação masculina objetiva-se ressaltar que as relações de poder entre dominador e dominado, no caso homem e mulher, ocorre devido a aceitação/submissão feminina do poder do homem. Ou seja, as mulheres também esperam que os homens garantam a sua segurança por meio da masculinidade hegemônica a qual eles estão inseridos. Elas também desejam que os homens sejam os provedores do lar e saiam para o seu trabalho todos os dias.

Tal assertiva corrobora com os postulados do autor no sentido de demonstrar que, mesmo no século XXI, a grande maioria das mulheres apoiam a manutenção do machismo e da misoginia, especialmente em enunciados atravessados por outras vozes como a da religião, por exemplo. Nas escrituras sagradas, há uma passagem em que preconiza às mulheres a serem submissas a seus maridos sob o risco de se houver deslize de sua parte, a mesma será considerada a responsável pela não edificação do lar. “A senhora Sabedoria edifica sua casa; a senhora Loucura destrói a

sua com as próprias mãos (Provérbios 14:1), a *senhora* (mulher) teria então a opção de ser a *sabedoria* ou a *loucura* em seu lar, já no livro de Efésios diz que:

22 As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor;
23 pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja,
seu corpo, da qual ele é o Salvador;
24 Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o
sejam em tudo as mulheres a seus maridos. (EFÉSIOS 5:22-24, Bíblia
Sagrada).

As pesquisas à partir das passagens bíblicas podem reafirmar que para se compreender as estratégias linguísticas de legitimação é preciso um estudo histórico, pois, só a partir da historicidade existente por meio da linguagem (textos bíblicos) a qual previa uma normalização da sociedade por parte da Igreja Católica, é que as mulheres feministas da atualidade poderiam compreender a estrutura que compõem tais enunciados que permeiam a sociedade e que objetivam um poder dominante em detrimento de um dominado.

Consoante a isso, Butler (2017, p. 255) afirma que há um “modelo epistemológico que presume a prioridade de agente em relação ao ato que cria um sujeito global e globalizante que renega sua própria localização e as condições de intervenções locais”, ou seja, o sujeito global torna-se prioridade na constituição dos enunciados. Nesse caminho, pode-se falar em naturalização dos enunciados pois a mesma autora compreende isso como identidade naturalizada.

Será que isso oferece a possibilidade de uma repetição que não seja inteiramente cercada pela injunção de reconsolidar as identidades naturalizadas? Assim como as superfícies corporais são impostas como o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada, que revela o status performativo do próprio natural. (BUTLER, 2017, p. 252).

Ora, então a naturalização da performance seria imposta pela sociedade para ser garantida pela repetição discursiva dos enunciados consolidando a identidade masculina que é gerada por regras que condicionam e restringem as práticas identitárias culturalmente inteligíveis (BUTLER 2017, p. 249). Assim, a legitimação feminina se consolida por perscrutar os atravessamentos discursivos em relação ao meio familiar e político. Entretanto,

a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. (FOUCAULT, 2017 [1979], p. 360).

Nessa perspectiva, as condições de produção de determinados enunciados permitem a representação de relações de poder e resistência ou não. A legitimação do machismo, considerada culturalmente inteligível levando em consideração o estudo sócio histórico da construção da imagem da mulher é verificada também por meio de estratégias discursivas que se posicionam através das instituições: religião, família, política. Por falar em política consideramos oportuna a abordagem de outras ressonâncias atuais que confirmem uma possível ligação com o estado da arte para essa pesquisa. Assim, por abordarmos muito a questão da Mulher e dos discursos que inferiorizam-na assim como o do ex-presidente Michel Temer, decidimos relatar, no tópico a seguir, alguns enunciados polêmicos do atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro que incidem ou incitam a violência contra a mulher.

5.4 Outras ressonâncias: Interdiscursos atuais e polêmicos

A violência discursiva sofrida pelas mulheres não se restringem a acontecimentos passados ou retrógrados. Em 2019 é possível perceber o quanto enunciados performáticos podem relacionar-se ao estímulo à violência e ao preconceito em relação às mulheres. Recentemente, o atual presidente da república, durante campanha eleitoral em 2018 já anunciava que “as mulheres deveriam ganhar menos porque engravidam”, em outro momento ao falar sobre sua família disse que tinha quatro filhos homens e que na quinta teve uma “fraquejada” e veio uma filha mulher¹⁴:

Fui com os meus três filhos, o outro foi também, foram quatro. Eu tenho o quinto também, o quinto eu dei uma fraquejada. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio mulher. (PALESTRA NO CLUBE HEBRAICA, abril de 2017).

Além disso, frases que incitam o estupro foram ditas também pelo atual presidente em 2014 em uma discussão na câmara dos deputados:

¹⁴ Informações disponíveis na página do Estado de Minas: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica. Acesso em: 16 dez. 2019.

Ao explicar a frase: “Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”. (JAIR BOLSONARO, 2014).

Tais enunciados representam uma postura machista e misógina do atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Assim, nota-se que a partir dos enunciados performáticos do meio político, daqueles que deveriam ser representantes do povo, há uma reverberação discursiva, pois, existem brasileiros que consideram tais enunciados como a mais absoluta verdade, existem aqueles que podem até não concordar mas permanecem na zona de conforto sem se exaltar com indícios de preconceito e discriminação e existem os manifestantes, os chamados pelos bolsonaristas de “comunistas”, de esquerda, ou que simplesmente não concordam ou se repudiam com enunciados machistas que partem do governo.

Em 2017, Michel Temer avaliou as mulheres como donas de casa, responsáveis pela educação dos filhos e de notificar as flutuações econômicas a partir dos preços no supermercado e agora em 2018 e 2019 vêm à tona esses enunciados citados do atual presidente. Ora, não há como não relacionar esses ditos ao crescente número de feminicídios e de violência doméstica no Brasil, pois, o governante exerce uma relação de poder discursivo para com os seus governados. As mulheres, por sua vez, cada vez mais envolvidas pelos movimentos feministas e de empoderamento feminino buscam sua ascensão no mercado de trabalho e nas universidades e isso, na maioria das vezes, se torna motivo para sofrerem violência por parte de seus cônjuges devido aos ciúmes.

Por isso, jamais espera-se de um governante palavras de discriminação, preconceito, machismo e misoginia, pois o “povo”, a grande massa popular, desprovida de informação e conhecimento pode considerar como verdade e praticar em suas vidas, humilhando e violentando suas mulheres quando estas não estiverem à disposição apenas do serviço de “cama, mesa, e banho”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa justifica-se mediante as possibilidades discursivas que o enunciado promove, pois, nota-se que as variantes discursivas em suas propriedades são inscrições em favor de algo ou alguém, ou seja, ora o presidente reconhece o valor das mulheres para a sociedade, ora as diminui como ser em potencial para não mais do que cuidar da casa e dos filhos, o que evidencia a presença do discurso machista na vertente a qual essa pesquisa se pauta.

Além disso, a repercussão via comentários sobre o discurso inscrevem as mulheres em favor do feminismo em virtude da proporção do acontecimento, pois, a partir do momento em que um discurso é instaurado na sociedade, ele é capaz de mobilizar os sujeitos em diferentes correntes com diferentes ideologias.

Os estudos acerca do discurso envolve uma teia enunciativa pautada pelas formações discursivas entre os falantes da língua. A questão que se propôs nesta pesquisa trouxe à tona noções interpretativas baseadas nos postulados na Análise do Discurso de linha francesa demonstrando como as condições de produção dos enunciados podem emergir na sociedade como um todo, pois, consideramos que um falar precede um fazer e é assim que os estereótipos inferiorizantes em relação às mulheres e suas colocações no mercado social se retroalimentam em busca da manutenção da hegemonia masculina.

Para tanto, ao analisarmos o *corpus* de pesquisa formado pelo pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em homenagem ao Dia Internacional da Mulher em oito de março do ano de 2017 e algumas das ressonâncias discursivas promovidas por esse viés e publicadas na página do *Youtube*, pudemos perceber as relações de poder expostas em tais construções enunciativas relacionando-as às categorias de regularidades como: machismo, misoginia e feminismo.

Tais categorias evidenciaram os interdiscursos promovidos pelos atravessamentos ideológicos através das instituições como o discurso religioso, familiar e político que são mobilizados a partir das condições de produção que o gênero comentário permite. Isso é possível porque o gênero comentário de rede social promove uma certa blindagem dos sujeitos que comentam, pois, por trás da tela do computador e/ou celular, os internautas se consideram protegidos e com liberdade para escreverem aquilo que pensam usando um teclado e uma tela para proteger sua identidade, o que poderia não acontecer se o mesmo revelasse sua ideologia e

posicionamentos face a face com conhecidos ou desconhecidos. Por isso, uma breve análise linguística dos textos comentados tornou-se necessária para compreensão desses posicionamentos refletidos contra ou a favor do posicionamento do ex-presidente em relação às mulheres.

Tornou-se evidente, portanto, que o sujeito está preso a relações de produção e significação de seus enunciados e que enquanto Michel Temer buscava uma normalização da sociedade, naquele momento, presidente da república e, com isso, com poder de governança, os internautas mobilizaram enunciados pautados nas relações sócio-históricas desde a colonialidade, período em que a mulher era criada apenas para o trabalho doméstico e para a criação dos filhos. Nessa vertente, o discurso de Michel Temer ressoa no gênero comentário de rede social um posicionamento militante contrário, além das aderências ao reforço segregador da Mulher e discursos sexistas polarizados. Nesse sentido, em algumas reverberações chamadas de fragmentos F1 e F3 foi possível perceber a inscrição ao feminismo, ou seja, mesmo que os sujeitos que comentaram nessa regularidade não sejam mulheres ou feministas, eles se reconhecem como tal a partir da sua construção discursiva constituída por uma formação discursiva.

Nesse contexto, a legitimação do machismo também se dá por sujeitos diversos independentes de seu sexo. Essa hipótese se confirma por meio da zona de conforto e aceitação dos estereótipos inferiorizantes como algo comum e existente há tanto tempo e que as próprias mulheres podem legitimar, como exposto no fragmento F2 que concorda com a versão de Temer.

A Análise do Discurso tem como objeto de estudo a língua que se manifesta por meio da linguagem, sendo assim, consideramos esses estudos importantes para o campo de estudos da linguagem devido ao relacionamento entre os gêneros, visto que a desigualdade de gêneros é alimentada e reforçada pela desigualdade linguística. É evidente, nessa constituição, que pesquisas acerca da necessidade de repensar enunciados construídos historicamente que inferiorizam as mulheres e reduzem-nas ao trabalho doméstico, mesmo com tantas representações femininas em grandes profissões e em mercado econômico, precisam evoluir e precisam muito mais de Mulheres capazes de enfrentar a coerção que sofrem desde seu nascimento a enveredar-se por esses campos de pesquisa porque isso fortalece a categoria e, assim, a equidade de direitos e de respeito poderá estar mais próxima entre os gêneros.

Desconstruir a incapacidade feminina na linguagem é um desafio, porém, um desafio necessário, já que relacionamos o dizer com o fazer e, se a mulher é considerada fraca, baixa, incapaz, cada vez mais ela será vítima de violência, visto que, as próprias mulheres estão reconhecendo seu empoderamento, seu direito de voz e sua participação naquilo que elas quiserem, se forem nas universidades, nas grandes empresas, na política ou em casa, cuidando da sua família, se assim ela desejar. Assim, a tentativa de silenciamento dessas vozes pode representar a violência e, em muitos casos chegar ao feminicídio, assassinato de mulheres com índice cada vez maior no Brasil. Nessa vertente, a relevância de pesquisas nesse âmbito seria de grande relevância social a fim de que os enunciados depreciativos sejam repensados e, por conseguinte diminuídos. Consideramos assim, que esta pesquisa apresenta uma análise em perspectivas macro e micro. Macro no sentido da prática social promovida pelos itens sociais elencados: a história, a colonização e a conjuntura atual e a micro, ao buscar aquilo que é textual e discursivo a partir de itens estruturais e lógicos que constituem tais enunciados.

Essa inquietação acerca de enunciados que podem evoluir para a violência física contra mulheres, levou-nos a uma associação com os enunciados que partem de figuras públicas brasileiras e que podem incitar tal violência. Assim, discursos polêmicos que se tornaram acontecimento recentemente pronunciados pelo atual presidente da república federativa do Brasil Jair Messias Bolsonaro, como: “Eu não ia estuprar você porque você não merece”, ou “Tive 4 filhos e na última dei uma fraquejada e veio uma menina”, considerados enunciados machistas que indicam primeiro a Cultura do estupro e, em segundo, a manutenção da masculinidade hegemônica infiltrada na necessidade íntima de todos os homens de terem apenas filhos “homens” e que, ter uma filha “mulher”, poderia significar uma fraqueza, um infortúnio, poderão tornar-se corpus de pesquisa de um projeto de doutoramento já apresentado e aprovado para fins de continuação dessa linha de pesquisa que pretende “acima de tudo e de todos” incentivar novas pesquisas com essa finalidade e quiçá reduzir o índice de violência e feminicídios alimentados pelos discursos de ódio contra a Mulher.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre (et al.). **Papel da Memória**. Tradução e Introdução de José Horta Nunes. Pontes. Campinas SP, 1999.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Reclusão feminina e Sociedade Colonial**. In_ Honradas e devotas: Mulheres da Colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil. Primeira parte. Cap 2. Edumb. Rio de Janeiro, 1993, p. 53-105.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. Estética da Criação Verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 2011, p. 261 a 269.

BERTUCCI, Roberlei A. NUNES, Paula Á. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. **Domínios da Linguagem**. vol.11. n. 2. Uberlândia. Abr/jun 2017. p. 313-338. ISSN 1980-5799. DOI: 10.14393/DL29-v11n2a2017-3.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. 1ª ed. Tradução de Cláudia Moraes. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1995, 280 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. 6ª ed. Rio de Janeiro. BestBolso. 2018. 172 p.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 15 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 286 p.

CALÇADO, Thiago. **O mal que vem delas**: por uma reinterpretação de gênero do relato de Gênesis 3. In: PELEGRINI, Mauricio. RAGO, Margareth. (Org.) Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas. Intermeios. Coleção Entregêneros. São Paulo 2019, p. 213-222.

CONNELL & MESSERSCHMIDT. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas. Florianópolis. Janeiro-abril /2013, p. 241-282. Publicado originalmente na revista *Gender & Society*. Vol. 19. n. 6. Dezembro 2005, p. 829-859.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Vozes. Petrópolis RJ, 2013, 174p.

DEL PRIORE, Mary. **Mulher e História**. Primeira Parte. In_ Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Edumb. Rio de Janeiro, 1993, p. 23-42.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Formação Discursiva; Memória e Interdiscursividade**; Linguagem e História. In: Análise do discurso: Reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. (p. 37-49).

FERNANDES, Cláudio. **"Família patriarcal no Brasil"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2019.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. SANTOS, Sueli Paiva dos. **"Bela, Recatada e Do Lar"**: análise da construção da imagem de Marcela Temer na revista veja. Cap.3 In: Oliveira, Hélio Frank; PINHEIRO, NETO, José Elias; RIBEIRO, Luciana Cristina de Sousa; PIRES, Sara Carolina. (Inter)cultura e Lingua(gem). 2019, p. 43-56.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. Forense-Universitária. Rio de Janeiro, 1987, 125 p.

_____. **A ordem do discurso**. 20. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 79 p.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6ª ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2017, 432 p.

GALILEU. **O impeachment da presidente Dilma Rousseff foi golpe ou crime?** Versão digital. Redação 01 Nov 2016 - 17h03 Atualizado em 03 Nov 2016 - 21h53. Acesso em 10 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/>

GARCIA, Gustavo. Em cerimônia de 11 minutos, **Temer é empossado presidente da República**. G1, em Brasília. 31/08/2016 16h41 - Atualizado em 31/08/2016 18h10. Política. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08> acesso em 09 de dezembro de 2019, às 23h35.

Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Agência Senado Da Redação | 28/12/2016, 12h01 - ATUALIZADO EM 28/12/2016, 12h10, busca em 09 de dezembro de 2019, às 23h21. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff>

JAMISON, Kaline Girão. SANTOS, Letícia Adriana Teixeira dos. **Modulações no discurso de Michel Temer sobre o papel da Mulher: uma análise crítica e Pragmático-emotiva**. Revista Policromias. Junho 2017. Ano II.p. 176 a 202. Disponível em: [file:///C:/Users/Sueli/Downloads/12533-26261-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Sueli/Downloads/12533-26261-1-PB%20(1).pdf) acesso em 09 de novembro de 2019, às 22h50.

KRITZMAN, Lawrence D. **A virilidade e seus "outros"**: A representação da masculinidade paradoxal. Capítulo 1. Parte V: O mundo moderno, a virilidade absoluta (séculos XVI-XVII). Tradução de Francisco Morás. In: História da virilidade. Vol. 1. Vozes. Petrópolis RJ 2013, p. 217-241.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, Luíza. **O perfil das mulheres à frente das maiores empresas do mundo.** Revista Exame. Versão digital em 6 jan 2016, 16h00. Acesso em: 10 de dezembro de 2019, às 10h44. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/o-perfil-das-mulheres-a-frente-das-maiores-empresas-do-mundo>

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas.** Revista OPSIS, vol. 15, n 2. Catalão. 2015, p. 316-329.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. **Enunciação, discurso e Ensino de Língua Materna: possibilidades e desafios.** Revista (Con)textos Linguísticos, Vitória. V. 08, n. 10.1.p. 183-200, 2014.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. **A produção da leitura e suas condições** *In: A Linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso.* 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 193-201.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Princípios e procedimentos. **Dispositivos de análise.** Cap. III. Pontes. 8ª ed. Campinas SP, 2009, 59-92.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi Pontes, 1997. Edição original 1983.

PÊCHEUX, Michel. **Pêcheux e Análise do Discurso.** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Revista Estudos da Língua(gem). São Paulo, 2005, p. 9-13. Disponível em <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php>

PINTO, Joana Plaza. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades.** Revista D.E.L.T.A 2007 p. 1-26.

_____. **É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos Online.** Revista Interdisciplinar. Vol. 31. Ano XIV. Janeiro – Junho. São Cristóvão. 2019 p. 221-236. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/11847>

POSSENTI, Sírio. **Língua e discurso.** Discurso, Estilo e Subjetividade. Cap. 4. 2ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 2001, p. 61 a 85.

PORFÍRIO, Francisco. **"Femicídio";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/femicidio.htm>
Acesso em 08 de julho de 2019.

TEMER, Michel. **Discurso em homenagem ao dia Internacional da Mulher.** Show Tube publicado em 09 de Março de 2017. Acesso em 23 de Maio de 2018 às 09:49. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KD6HMZLBHRw>
<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica>

VIGARELLO, Georges. **A virilidade moderna: convicções e questionamentos.** Parte V: O mundo moderno, a virilidade absoluta (séculos XVI-XVII). Tradução de

Francisco Morás. In: História da virilidade. Vol. 1. Vozes. Petrópolis RJ 2013, p. 203-216.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO DE MICHEL TEMER

“Olha, eu quero em primeiro lugar, naturalmente saudar indistintamente a todos, aos que estão à mesa, e aqueles que estão no auditório.

E vejo que está sendo extremamente prestigiado este evento pela bancada feminina da Câmara e do Senado. O que revela desde logo a importância da recordação anual que se faz do Dia Internacional da Mulher.

E eu vejo como é importante, ou como são importantes, essas solenidades, que não basta marcar no calendário o Dia da Mulher, é preciso comemorá-lo. E comemorá-lo significa recordar a luta permanente da mulher por uma posição adequada na sociedade.

Eu não preciso, depois do discurso emocionado da Luislinda, de todos enfim, dizer da importância da mulher e da luta permanente que a mulher vem fazendo ao longo do tempo no Brasil e no mundo. Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, ela deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades.

Eu digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E, portanto, se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher.

Então ter essas solenidades como esta que nós estamos comemorando aqui no Palácio do Planalto, é recordar o que está sendo recordado pelos discursos e pelas palavras que nós estamos agora pronunciando. Mas é interessante notar como, e aqui eu recordo mais uma vez, só para dizer do absurdo e muitas vezes da nossa história, que a mulher só começou a votar pelos idos de 30, 32 não é? Quando se lhes deu o direito a voto, o direito mínimo, que é de participar. A mulher representa, e representava, no passado 50% da população brasileira. E, sem embargo disso, o fato é que 50% estava excluído.

Portanto, a representação que antes que se fazia era uma representação política de pé quebrado. Era uma representação de 50%, quem sabe, da população brasileira. Mas, ao longo do tempo, devo registrar com grande satisfação, que a mulher foi conseguindo o seu espaço.

Quando a Fátima Pelaes relembra que, quando criei a primeira Delegacia da Mulher, parece um fato extraordinário, não é? Mas era uma consequência natural da luta das mulheres e até conto muito rapidamente como isso se deu. Eu era secretário da Segurança Pública em São Paulo, pelos idos de 85, quando uma comissão de mulheres veio a mim e me contou, naturalmente, das violências que sofriam, da mais variada natureza, e do mau atendimento que tinham nas delegacias porque eram atendidas por homens, pelo escrivão, pelo investigador, pelo delegado. E aqui comigo logo surgiu a ideia interessante de algo que não tem, ou não tinha, e não tem, nenhum custo orçamentário. Por que que eu não coloco uma ou duas delegadas mulheres, três, quatro escrivãs, 15, 20 investigadoras para atender a mulher? E assim se deu com a instalação da primeira Delegacia da Mulher no Brasil.

Ela teve tanto sucesso, ministro Imbassahy, que a primeira delegada da mulher logo depois foi eleita deputada estadual, tamanha repercussão que se verificou, e eleita, naturalmente, pelas mulheres. E ao depois, quando voltei a ser secretário da Segurança, tempos depois, havia praticamente mais de 90 delegacias da Mulher no estado de São Paulo e no Brasil. É um reconhecimento, portanto, da posição da mulher no conserto nacional.

Eu estou falando de um período que antecede a Constituinte de [19]87 e [19]88, pois, precisamente, senador Medeiros, em função destes fatos que estou relatando, é que na Constituinte, quando as constituições anteriores diziam todos são iguais perante a lei. A Constituinte de 88 decretou: homens e mulheres são iguais em direitos e deveres. Parece de pouca significação, mas significa inserção na estrutura do Estado brasileiro, portanto, o próprio Estado brasileiro, a ideia de que os direitos e deveres são iguais para homens e mulheres.

Portanto, é um longo trajeto histórico que vem revelando a presença importantíssima da mulher. Aliás, em função disso, no próprio Plano Nacional de Segurança Pública, um dos primeiros pilares do Plano Nacional de Segurança Pública, lançado muito recentemente, é exatamente o combate ao feminicídio e à violência contra a mulher. Nós estamos até cuidando de criar um fundo de combate à violência contra a mulher, e a bancada feminina já esteve comigo, é nós estamos cuidando disso, que é mais um passo no combate à violência contra a mulher. E estamos fortalecendo a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência, que é o 180.

E digo com toda franqueza, isso tudo é fruto do movimento das mulheres. É da compreensão dos homens, vamos dizer assim, mas do movimento muito entusiasmado, muito persistente, muito consistente, muito argumentativo até, das mulheres brasileiras. E, no particular, daquelas que participam dos movimentos sociais, daquelas que estão no Legislativo, que se constituem na voz natural das eleitoras em todo o Brasil.

De modo que, ao longo do tempo as senhoras, as mulheres, deram uma colaboração extraordinária ao nosso sistema. E hoje, como as mulheres participam em intensamente de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor.

E nesse particular, até eu tomo a liberdade de dizer que neste momento, depois de nós termos passado por um momentos recessivos, por momentos difíceis, agora segundo IBGE, em janeiro deste ano, a produção industrial no Brasil cresceu 1.4%. Eu digo isso, dou esse dado não é? Porque esse é um número, primeiro número positivo em 34 meses, primeiro número positivo que não temos na produção industrial um índice dessa natureza.

Ontem, até na reunião do Conselho, nós temos um Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, hoje integrado por 101 figuras dos mais variados setores, nós enfatizamos que a recessão vai indo embora. E que a recessão indo embora, volta o crescimento. E eu digo isso, porque com o crescimento volta o emprego.

E hoje, graças a Deus, as mulheres, sem embargo das dificuldades, têm uma possibilidade de empregabilidade que não tinham no passado. Então, a queda da inflação que nós estamos assistindo, a queda dos juros, o superávit recorde da nossa balança comercial, o crescimento do investimento externo, tudo isso significa empregos. E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego. Porque hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância.

O número de mulheres que comandam empresas, que comandam diretorias, é imenso. O número de mulheres que hoje está no Legislativo e tendo uma atuação extraordinária. Não foi sem razão, lembrou a Fátima, que sendo eu presidente pela última vez na Câmara dos Deputados, eu criei a Procuradoria Parlamentar da Mulher. E, sobremais, ainda estabeleci que uma deputada teria assento, não é Elcione, teria assento na reunião de líderes, para ter voz e voto.

O que significa que, pouco a pouco, mas neste momento cada vez mais rapidamente, a mulher vai ocupando um espaço cada vez mais significativo, mais expressivo e mais enaltecido da sociedade no nosso Brasil.

Portanto, eu quero dizer às colegas, às mulheres, aos senhores e às senhoras, a todos que eu fico muito, digamos assim, orgulhoso por sediar neste momento um encontro que recorda o Dia da Mulher. Especialmente porque não foram apenas palavras, mas viram pelos gestos tomados pelo ministro da Saúde, que houve gestos concretos. Ou seja, gestos executivos pela assinatura dos atos que ele aqui decretou.

De modo que mais uma vez, digamos assim, o Brasil conta com as mulheres, conta com todos os brasileiros, mas tem a mais absoluta convicção de que a força motriz mais relevante do exercício da cidadania brasileira, está nas mulheres.

Nossa homenagem, portanto”.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

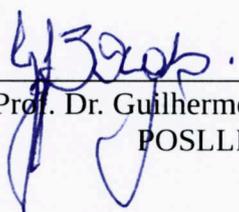
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

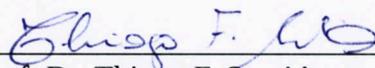
ATA DE EXAME DE DEFESA 06/2020

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte às 14:00, na Universidade Estadual de Goiás, no Câmpus Cora Coralina – Goiás-GO, realizou-se a Defesa da Dissertação de Mestrado de **Sueli Paiva dos Santos**, intitulado “*Ressonâncias do Discurso do Presidente Michel Temer proferido em 2017 em homenagem ao dia da Mulher: Misoginia e Feminismo em contradições*”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Guilherme Figueira Borges (Presidente) – POSLLI/UEG, Thiago F. Sant’Anna – UFG, Hélvio Frank de Oliveira – POSLLI/UEG. Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestrandia e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi Aprovada. Cumpridas as formalidades de pauta, às 16:30 a presidência da mesa encerrou esta sessão do exame de defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora em duas vias de igual teor.

Goiás (GO), vigésimo sétimo dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte.



Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges
POSLLI/UEG



Prof. Dr. Thiago F. Sant’Anna
UFG



Prof. Dr. Hélvio Frank de Oliveira
POSLLI/UEG

Sueli Paiva dos Santos

Sueli Paiva dos Santos
mestrandia